

INÉDITO

# Maigret

Simenon

Maigret  
na escola



L&PM BOOKS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Georges Simenon

Maigret na escola

*Tradução de PAULO NEVES*

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

**L&PM** POCKET

# CAPÍTULO I

---

# O PROFESSOR NO PURGATÓRIO

HÁ IMAGENS QUE REGISTRAMOS de forma inconsciente, com a minúcia de uma máquina fotográfica, e acontece que, mais tarde, quando as reencontramos na memória, quebramos a cabeça para saber onde foi que as vimos.

Depois de tantos anos, Maigret não se dava mais conta de que, ao chegar sempre um pouco ofegante ao topo da escada alta e empoeirada da Polícia Judiciária, fazia uma ligeira pausa e maquinalmente o seu olhar se dirigia à gaiola envidraçada que servia de sala de espera e que alguns chamavam de Aquário, outros, de Purgatório. Será que todos faziam o mesmo e isso havia se tornado uma espécie de tique profissional?

Mesmo quando, como naquela manhã, um sol claro e leve, com a vivacidade do lírio, brilhava sobre Paris e fazia reluzir os tubos rosados das chaminés dos telhados, uma lâmpada permanecia acesa o dia todo no Purgatório, que não tinha janela e só recebia a luz do imenso corredor.

Às vezes, nas poltronas e nas cadeiras cobertas de veludo verde, viam-se personagens mais ou menos sinistras, velhos clientes que um inspetor recolhera durante a noite e que esperavam ser interrogados, ou ainda informantes, testemunhas convocadas na véspera e que levantavam a cabeça com um ar tristonho toda vez que alguém passava.

Por alguma razão misteriosa, era ali que estavam pendurados os dois quadros pretos com filete dourado, contendo as fotografias dos policiais mortos em serviço.

Outras pessoas desfilavam no Purgatório, homens e mulheres pertencentes ao que chamam de “a sociedade”, e estes permaneciam inicialmente de pé, como se estivessem ali apenas para uma visita sem importância. Depois de um tempo mais ou menos longo, eles se aproximavam de uma cadeira na qual acabavam por se sentar, e não era raro reencontrá-los no mesmo lugar três horas mais tarde, recolhidos em si mesmos, de olhar tristonho, tendo perdido toda noção de sua importância social.

Naquela manhã havia só um homem no Purgatório, e Maigret notou que ele pertencia ao tipo comumente designado pela expressão “cabeça de rato”. Era magro. A testa curvada para trás, desguarnecida, estava coroada por cabelos ruivos esparsos. Devia ter olhos azuis, e o nariz parecia mais proeminente por causa do queixo retraído.

Em toda parte, desde a escola, encontramos indivíduos dessa categoria e, sabe-se lá por que, há uma tendência a não os levar a sério.

Maigret teve a impressão de prestar tão pouca atenção nele que, se alguém lhe perguntasse, no momento em que empurrava a porta da sua sala, quem estava na sala de espera, talvez não soubesse responder. Faltavam cinco para as nove horas. A janela estava bem aberta e um leve vapor, entre azulado e dourado, subia do Sena. Pela primeira vez no ano, ele vestia o casaco de meia-estação, mas o ar ainda estava fresco, um ar que dava vontade de beber como se fosse um vinho branco e que esticava a pele do rosto.

Enquanto tirava o chapéu, deu uma espiada no cartão de visitas colocado em destaque na sua mesa. A tinta era fraca: *Joseph Gastin, professor primário*. Depois, no canto direito, em letras menores que o obrigaram a se inclinar: *Saint-André-sur-Mer*.

Não fez nenhuma relação entre esse cartão e o homem da cabeça de rato, perguntou-se apenas onde ouvira falar de Saint-André-sur-Mer. A campainha, no corredor, anunciava o relatório. Ele tirou o casaco, pegou um dossiê que havia preparado na véspera e, como fazia desde muitos anos, dirigiu-se até a sala do chefe. No caminho encontrou outros comissários e todos tinham nos olhos o mesmo humor que

ele vira nos passantes na rua.

– Desta vez é a primavera!

– Parece que sim.

– Vamos ter um dia magnífico.

Na sala do diretor, as grandes janelas deixavam entrar o sol como as janelas de uma igreja do campo, e pombos arrulhavam no beiral de pedra.

Cada um que entrava repetia, esfregando as mãos:

– É a primavera.

Todos haviam passado dos 45 anos; os casos de que iam se ocupar pertenciam ao gênero cruel, às vezes macabro, mas nem por isso eles deixavam de se alegrar como crianças com a súbita doçura do ar, sobretudo com essa luz que banhava a cidade e fazia de cada esquina, das fachadas, dos telhados e dos carros que passavam pela ponte Saint-Michel espécies de quadros que gostaríamos de pendurar na parede.

– Já viu o subdiretor da agência da Rue de Rivoli, Maigret?

– Tenho um encontro com ele daqui a meia hora.

Um caso sem importância. A semana estava quase desocupada. O subdiretor de uma agência bancária na Rue de Rivoli, a dois passos do mercado dos Halles, suspeitava de um de seus empregados por certas irregularidades.

Ele encheu o cachimbo, de frente para uma janela, enquanto seu colega das Informações Gerais discutia um outro caso, depois falou-se da filha de um senador que se achava numa situação delicada.

Ao voltar para sua sala, encontrou Lucas, que o esperava já de chapéu na cabeça, pois devia acompanhá-lo até a Rue de Rivoli.

– Vamos a pé?

Era muito perto. Maigret não pensou mais no cartão de visitas. Ao passar diante do Purgatório, tornou a ver o cabeça de rato, bem como dois ou três outros clientes, um deles proprietário de uma casa noturna que ele reconheceu e que estava ali por conta da filha do senador.

Os dois caminharam até a Pont-Neuf, Maigret dando grandes passadas; Lucas, com pernas pequenas, era obrigado a andar mais depressa para poder acompanhá-lo. Eles teriam sido incapazes, a seguir, de dizer o que falaram durante o trajeto. Talvez tenham se limitado a olhar ao redor. Na Rue de Rivoli, o ar estava carregado de um forte cheiro de legumes e frutas, e caminhões transportavam caixotes e cestos.

Entraram no banco, escutaram as explicações do subdiretor, fizeram uma inspeção do local observando com o canto do olho o empregado suspeito.

Na falta de provas, resolveram montar-lhe uma armadilha. Discutiram os detalhes, depois se despediram com um aperto de mão. O ar estava tão ameno quando Maigret e Lucas voltaram à rua que ambos conservaram o casaco nos braços, o que lhes dava um aspecto de quem está de férias.

Na Place Dauphine, eles se detiveram de comum acordo.

– Que tal um trago?

Não era a hora do aperitivo, mas os dois tinham a impressão de que o gosto do Pernod se harmonizaria maravilhosamente com o clima da primavera e empurraram a porta da Brasserie Dauphine.

– Dois Pernod, rápido!

– Conhece Saint-André-sur-Mer?

– Acho que é para os lados de Charentes.

Isso fez com que Maigret se lembrasse da praia de Fourras, ao sol, as ostras que comera mais ou menos a essa hora, cerca de dez e meia da manhã no terraço de um boteco, regadas com uma garrafa de vinho branco da região em cujo fundo havia um pouco de areia.

- Acha que o empregado está trapaceando?
- O subdiretor parece convencido.
- O cara dá a impressão de ser insignificante.
- É o que saberemos dentro de dois ou três dias.

Voltaram ao Quai des Orfèvres, subiram a escada principal e, mais uma vez, Maigret fez uma pausa.

O cabeça de rato continuava ali, inclinado para a frente, com as mãos compridas e ossudas sobre os joelhos. Ele levantou os olhos para o comissário, e este teve a impressão de receber um olhar de censura.

Na sua sala, Maigret reencontrou o cartão de visitas onde o deixara e chamou o ajudante.

- Ele continua aí?
- Desde as oito da manhã. Chegou antes de mim. Insiste em lhe falar pessoalmente.

Muitas pessoas, sobretudo loucos ou semiloucos, pediam para falar pessoalmente com o diretor ou com Maigret, cujo nome conheciam pelos jornais. Recusavam ser recebidas por um inspetor e algumas esperavam o dia inteiro, voltavam no dia seguinte, levantando-se sempre com esperança quando viam passar o comissário, para de novo se sentar e esperar.

- Faça-o entrar.

Sentou-se, encheu dois ou três cachimbos, fez um sinal ao homem que introduziam para sentar-se em frente a ele. Com o cartão de visita na mão, perguntou:

- É o senhor?

Examinando-o de perto, percebeu que o homem talvez não tivesse dormido, pois tinha a pele do rosto cinza, as pálpebras avermelhadas, as pupilas muito brilhantes. Ele cruzou as mãos como na sala de espera, fez estalar os dedos de tanto os apertar.

Em vez de responder à pergunta, murmurou, lançando ao comissário um olhar ao mesmo tempo ansioso e resignado:

- O senhor está sabendo?
- Sabendo de quê?

Ele pareceu surpreso, confuso, talvez decepcionado.

– Achei que já sabiam. Deixei Saint-André ontem à noite, e um repórter chegou lá. Peguei o trem noturno. Vim diretamente para cá.

- Por quê?

Parecia inteligente, mas sem dúvida estava muito perturbado, não sabia por onde começar a história. Maigret o impressionava. Certamente conhecia sua reputação de longa data e, como muitos outros, não estava longe de ver nele uma espécie de Deus-Pai. De longe a coisa lhe parecera fácil. Mas agora era um homem de carne e osso que estava à sua frente, fumando cachimbo em pequenas tragadas e examinando-o com grandes olhos quase indiferentes.

Era essa a imagem que ele fizera de Maigret? Não começava a arrepender-se da sua viagem?

- Eles devem estar dizendo que fugi – pronunciou nervosamente, com um sorriso amargo. – Se eu fosse culpado, como estão convencidos, e se tivesse a intenção de fugir, não estaria aqui, não é mesmo?
- É difícil responder a essa pergunta antes de saber mais – murmurou Maigret. – Do que lhe acusam?
- De ter matado Léonie Birard.
- Quem o acusa?

– Todo o vilarejo, mais ou menos abertamente. O delegado de polícia não ousou me prender. Confessou-me com franqueza que não havia provas, mas pediu que eu não me afastasse.

- Mesmo assim partiu.
- Sim.
- Por quê?

O visitante, muito tenso para ficar sentado, levantou-se como impelido por uma mola, balbuciando:

– O senhor permite?

Ele não sabia onde se colocar nem como agir.

– Às vezes me pergunto onde estou.

Tirou um lenço duvidoso do bolso, enxugou a testa. O lenço devia ainda estar com o cheiro do trem e do seu suor.

– Já tomou o café da manhã?

– Não. Eu tinha pressa de chegar aqui. Não queria que me prendessem antes, o senhor compreende?

Como Maigret poderia compreender?

– Por que exatamente veio me ver?

– Porque confio no senhor. Sei que, se quiser, descobrirá a verdade.

– Quando foi que essa senhora... como é mesmo o nome dela?...

– Léonie Birard. É a nossa ex-funcionária do correio.

– Quando ela morreu?

– Foi morta na terça-feira de manhã. Anteontem. Pouco depois das dez da manhã.

– E o acusam do crime?

– O senhor nasceu no campo, li numa revista. Passou lá a maior parte da sua juventude. Portanto, sabe como são as coisas num vilarejo. Saint-André não tem mais que 320 habitantes.

– Um instante. O crime de que está falando foi cometido na região de Charentes?

– Sim. Uns quinze quilômetros a noroeste de La Rochelle, não longe da ponta do Aiguillon. Conhece?

– Um pouco. Mas acontece que pertenço à Polícia Judiciária de Paris e não tenho jurisdição alguma sobre Charentes.

– Pensei nisso.

– Nesse caso...

O homem vestia o seu melhor terno, que estava amarrotado; a camisa estava puída no colarinho. De pé no meio da sala, ele havia baixado a cabeça e fixava o tapete.

– É claro... – suspirou.

– O que quer dizer?

– Cometi um erro. Não sei mais. Pareceu-me muito natural.

– O quê?

– Vir colocar-me sob sua proteção.

– Sob a minha proteção? – repetiu Maigret, surpreso.

Gastin decidiu olhar para ele, com o ar de um homem que se pergunta onde está.

– Mesmo se não me prenderem lá, corro o risco de me maltratarem.

– Eles não gostam do senhor?

– Não.

– Por quê?

– Primeiro porque sou o professor e o secretário da prefeitura.

– Não compreendo.

– O senhor deixou o campo há muito tempo. Lá todos têm dinheiro. São proprietários rurais ou criadores de mexilhões. Conhece os viveiros de mexilhões?

– O cultivo de mexilhões ao longo da costa?

– Sim. Estamos em plena região dos mexilhões e das ostras. Todo o mundo se ocupa um pouco disso. Rende muito, e os caras são ricos. Quase todos têm um carro ou uma caminhonete. E sabe quantos pagam o imposto de renda?



– Não muitos, por certo.

– Nenhum! No vilarejo, somente o médico e eu pagamos o imposto. E é claro, eles acham que não faço nada. Imaginam que são eles que me pagam. Quando protesto porque as crianças faltam à escola, respondem-me que eu vá cuidar das minhas coisas. E quando exigi que meus alunos me cumprimentassem na rua, acharam que eu estava me tomando por prefeito.

– Conte-me o caso de Léonie Birard.

– Quer saber mesmo?

Seu olhar, animado pela esperança, voltava a ter uma certa firmeza. Fez questão de sentar-se, procurou falar pausadamente, sem poder impedir que a voz tremesse de emoção incontida.

– O senhor teria que conhecer a topografia do vilarejo. Daqui é difícil explicar. Como em quase todo lugar, a escola fica atrás da prefeitura. É lá que moro também, do outro lado do pátio, e disponho de uma pequena horta. Anteontem, terça-feira, o tempo estava mais ou menos como hoje, um belo dia de primavera, e o período era de maré baixa.

– Isso tem importância?

– Na maré baixa, isto é, quando as marés são de pequena amplitude, as pessoas não se ocupam dos mexilhões nem das ostras. O senhor compreende?

– Sim.

– Do outro lado do pátio da escola ficam os jardins e os fundos de várias casas, entre elas a de Léonie Birard.

– Era uma mulher de que idade?

– Setenta anos. Como secretário da prefeitura, conheço a idade exata de todos.

– Entendo.

– Há oito anos ela se aposentou e se tornou mais ou menos incapaz. Não saía mais de casa, onde andava com uma bengala. Era uma mulher ruim.

– Em que sentido ruim?

– Ela odiava o mundo inteiro.

– Por quê?

– Não sei. Nunca foi casada. Tinha uma sobrinha que viveu muito tempo com ela e se casou com Julien, o ferrageiro, que é também guarda-florestal.

Num outro dia, essas histórias talvez tivessem aborrecido Maigret. Mas naquela manhã, com o sol entrando pela janela e trazendo o ar cálido da primavera, com seu cachimbo que tinha um gosto novo, ele escutava, com um vago sorriso nos lábios, essas palavras que traziam à lembrança um outro vilarejo, onde havia também dramas entre a funcionária do correio, o professor, o guarda-florestal.

– As duas mulheres não se viam, pois Léonie não queria que a sobrinha se casasse. Ela também não via mais o dr. Bresselles, que acusa de ter tentado envenená-la com suas drogas.

– Ele tentou envenená-la?

– Com certeza que não! É só para lhe mostrar o tipo de mulher que ela é, ou melhor, que ela era. No tempo em que trabalhava no correio, escutava as comunicações telefônicas, lia os cartões-postais, de modo que estava a par dos segredos de todos. Assim, não lhe foi difícil incitar as pessoas umas contra as outras. As desavenças entre as famílias ou os vizinhos foram em sua maior parte causadas por ela.

– E, assim, ninguém gostava dela.

– Ninguém, com certeza.

– Nesse caso...

Maigret parecia dizer que a coisa se tornava muito simples, pois, se uma mulher detestada por todos estava morta, todos só podiam se alegrar.

– Só que eles também não gostam de mim.

– Por causa do que me disse?

– Por causa disso e do resto. Não sou natural da região. Nasci em Paris, na Rue Caulincourt, no 18<sup>o</sup> *arrondissement*, e minha mulher, na Rue Lamarck.

– Sua mulher mora com o senhor em Saint-André?

– Vivemos juntos com nosso filho, que tem treze anos.

– Ele frequenta a escola?

– Não existe outra.

– Os colegas dele o odeiam por ser filho do professor?

Maigret conhecia isso também e lembrava sua própria infância. Os filhos dos colonos não lhe queriam bem, por ser o filho do capataz que cobrava as dívidas dos pais deles.

– Juro que não o favoreço. Suspeito mesmo que ele, de propósito, é menos bom aluno do que poderia ser.

Aos poucos Gastin havia se acalmado. Não se percebia mais o mesmo medo nos seus olhos. Não se tratava de um louco inventando uma história para se fazer interessante.

– Léonie Birard passou a me odiar.

– Sem razão?

– Dizia que eu aticava as crianças contra ela. Afirmo, sr. comissário, que isso não é verdade. Ao contrário, sempre procurei fazê-las se comportarem como crianças bem-educadas. Ela era muito gorda, enorme mesmo. Parece que usava uma peruca. E tinha barba no rosto, verdadeiros bigodes, pelos negros no queixo. É o bastante para incitar garotos, está me compreendendo? E também o fato de que bastava muito pouco para enfurecê-la, como, por exemplo, ver um rosto de criança colado à sua vidraça, com a língua de fora. Ela se levantava da poltrona e balançava a bengala com ar ameaçador. Isso os divertia, era uma de suas distrações favoritas ir provocar a velha Birard.

Não havia no seu vilarejo também uma velha desse tipo? No seu tempo, era a dona da mercearia, a velha Tatin, de quem faziam misérias.

– Estou lhe aborrecendo com esses detalhes, mas eles têm sua importância. Houve incidentes mais graves, vidraças que os garotos iam quebrar na casa da velha, lixo que atiravam pela janela. Ela se queixou não sei quantas vezes na delegacia. O delegado veio me ver, pediu o nome dos culpados.

– Forneceu os nomes?

– Respondi que todos estavam mais ou menos envolvidos e que, se ela parasse de bancar o espantinho brandindo a bengala, provavelmente se acalmariam.

– O que aconteceu na terça-feira?

– No começo da tarde, por volta de uma e meia, Maria, a polonesa que tem cinco filhos e é faxineira, foi, como todo dia, à casa da velha Birard. As janelas estavam abertas e, da escola, ouvi seus gritos, as palavras que ela se põe a pronunciar sempre que se emociona. Maria, cujo sobrenome é Smelker e que chegou ao vilarejo aos dezesseis anos como serviçal, nunca se casou. Seus filhos são de pais diferentes. Dizem que dois, pelo menos, são do assessor do prefeito. Esse também me detesta, mas é uma outra história. Falarei dele mais tarde.

– Então, na terça-feira por volta de uma e meia, Maria gritou por socorro?

– Sim. Não abandonei a classe, pois ouvi que outras pessoas se precipitavam até a casa da velha. Um pouco mais tarde, vi passar o pequeno carro do doutor.

– Não foi ver o que houve?

– Não. Hoje há quem me repreve por isso, afirmando que, se não me abalei, é porque eu sabia o que haviam descoberto.

– Suponho que não pudesse abandonar sua classe.

– Eu poderia. Acontece às vezes de deixá-la por um instante para ir assinar papéis na sala da prefeitura. Também poderia ter chamado minha mulher.

– Ela é professora?

– Foi.

– No campo?

– Não. Nós dois dávamos aula em Courbevoie, onde ficamos durante sete anos. Quando pedi para ser nomeado no campo, ela pediu demissão.

– Por que deixou Courbevoie?

– Por causa da saúde da minha mulher.

O assunto o aborrecia. Ele respondia com menos franqueza.

– Então não chamou sua mulher, como costuma fazer, e permaneceu com os alunos.

– Sim.

– O que aconteceu a seguir?

– Durante mais de uma hora, houve um grande rebuliço. O vilarejo geralmente é muito calmo, os ruídos se ouvem de longe. O martelo parou de bater na oficina do Marchandon, o ferreiro. Pessoas se interpelavam por cima das cercas dos jardins. O senhor sabe como é quando acontecem essas coisas. Para impedir os alunos de se excitarem, fui fechar as janelas.

– Das janelas da escola é possível ver a casa de Léonie Birard?

– De uma das janelas, sim.

– O que foi que viu?

– Primeiro o guarda-florestal, o que me chamou a atenção, já que ele não conversava com a tia da sua mulher. E também Théo, o assessor da prefeitura, que devia estar meio bêbado, como costuma estar depois das dez da manhã. Vi também o doutor e outros vizinhos, todos se agitavam numa peça e olhavam em direção ao chão. Mais tarde, o delegado chegou de La Rochelle com dois de seus homens. Mas só fiquei sabendo quando ele bateu à porta da classe e já tivera tempo de interrogar várias pessoas.

– Ele o acusou de ter matado Léonie Birard?

Gastin lançou um olhar de censura ao comissário que parecia dizer: “O senhor sabe que não é assim que as coisas acontecem”.

Com a voz um pouco abafada, ele explicou:

– Logo vi que ele me olhava de um jeito estranho. Sua primeira pergunta foi:

“– Você tem uma carabina, Gastin?”

“Respondi que não, mas que meu filho, Jean-Paul, tinha uma. Isso também é uma história complicada. O senhor deve saber como são as crianças. Num belo dia, de manhã, alguém aparece na classe com bolas de gude e, no dia seguinte, todos os garotos estão jogando bolita, estão com os bolsos cheios delas. Outro dia, alguém traz uma pipa e, durante semanas, a pipa está na moda.

“Pois bem, no outono passado não sei quem trouxe uma carabina 22 com a qual se pôs a atirar contra os pardais. Um mês mais tarde, havia meia dúzia de carabinas do mesmo tipo. Meu filho quis uma no Natal. Achei que não devia recusar...”

A carabina também evocou lembranças em Maigret, com a diferença de que a dele, no passado, era de ar comprimido, e as balas de chumbo apenas desgrenhavam as penas das aves.

– Eu disse ao delegado que, pelo que eu sabia, a carabina devia estar no quarto de Jean-Paul. Ele enviou um de seus homens para se certificar. Eu devia ter interrogado meu filho, não pensei nisso. O fato é que a carabina não estava lá, ele a deixara na cabana da horta onde guardo o carrinho de mão e as ferramentas.

– Léonie Birard foi morta com uma carabina 22?

– É o mais extraordinário. E não é tudo. A seguir o delegado me perguntou se eu havia deixado minha classe naquela manhã e tive a infelicidade de responder que não.

– O senhor saiu?

– Por uns dez minutos, pouco depois do recreio. Quando nos fazem uma pergunta como essa, não refletimos. O recreio acabou às dez. Pouco depois, talvez uns cinco minutos, Piedboeuf, o proprietário rural do Gros-Chêne, veio me pedir para assinar um papel de que ele precisava para receber sua pensão, pois é um veterano de guerra. Geralmente tenho o carimbo da prefeitura na minha classe, mas não o tinha naquela manhã e conduzi Piedboeuf até o escritório. Os alunos pareciam calmos. Como minha mulher não está bem, a seguir atravessei o pátio para ver se ela não precisava de nada.

– Sua mulher não está bem de saúde?

– O problema são os nervos. Ao todo, me ausentei talvez por dez ou quinze minutos, mais provavelmente dez do que quinze.

– Não ouviu nada?

– Lembro que Marchandon estava ocupado em ferrar um cavalo, pois eu ouvia as batidas do martelo na bigorna e havia no ar um cheiro de casco queimado. A oficina fica ao lado da igreja, quase defronte à escola.

– Foi nesse momento que dizem que Léonie foi morta?

– Sim. Alguém, de um dos jardins ou de uma das janelas, a teria alvejado quando estava na cozinha, na parte de trás da casa.

– Ela morreu de uma bala de calibre 22?

– É o que é mais surpreendente. A bala não deveria ter-lhe causado grande mal, disparada de uma certa distância. Mas ela entrou no olho esquerdo e foi se alojar na caixa craniana.

– Você é bom atirador?

– As pessoas acham que sim, porque me viram praticando tiro ao alvo, neste inverno, com meu filho. Aconteceu umas três ou quatro vezes. Fora isso, nunca me servi de uma carabina a não ser nas quermesses.

– O delegado não acreditou no senhor?

– Não me acusou claramente, mas mostrou-se surpreso por eu não ter-lhe confessado que deixei a classe. Depois, sem a minha presença, interrogou os alunos. Não me falou do resultado do interrogatório. Retornou a La Rochelle e, no dia seguinte, isto é, ontem, instalou-se na minha mesa da prefeitura, com Théo, o assessor, ao lado dele.

– Onde o senhor estava nessa hora?

– Dando aula. Dos 32 alunos, só oito compareceram. Por duas vezes me chamaram para fazer as mesmas perguntas e, da segunda vez, fizeram-me assinar um depoimento. Interrogaram também minha mulher. Perguntaram-lhe por quanto tempo estive com ela. E interrogaram meu filho a propósito da carabina.

– Mas não o prenderam.

– Não me prenderam ontem. Estou convencido de que teriam feito isso hoje se eu continuasse em Saint-André. Ontem, no começo da noite, pedras foram atiradas contra a nossa casa. Minha mulher ficou muito agitada.

– Partiu sozinho, deixando sua mulher com seu filho?

– Sim. Penso que não ousarão fazer nada contra eles. Ao passo que, se me prenderem, não terei a possibilidade de me defender. Uma vez enclausurado, não poderei mais me comunicar com o exterior. Eles farão de mim o que quiserem.

A testa estava de novo coberta de suor e os dedos se cruzavam com tanta força que pareciam interromper a circulação do sangue.

– Será que cometi um erro? Disse a mim mesmo que, se lhe contasse tudo, o senhor talvez aceitasse vir e descobrir a verdade. Não lhe ofereço dinheiro, sei que não é isso que lhe interessa. Juro, sr. comissário, que não matei Léonie Birard.

Maigret, num gesto hesitante, estendeu a mão até o telefone, acabou por pegar o receptor.

– Como se chama o delegado de polícia?

– Daniélou.

– Alô! Ligue para a delegacia de La Rochelle. Se o delegado Daniélou não estiver, veja se pode encontrá-lo na prefeitura de Saint-André-sur-Mer. Retorne a ligação para a mesa de Lucas.

Desligou, acendeu um cachimbo e se postou diante da janela. Fingia não mais se ocupar do professor, que, por duas ou três vezes, abriu a boca para um agradecimento mas não encontrou nada a dizer.

O amarelo brilhante no ar sobrepujava aos poucos o azul, e as fachadas, do outro lado do Sena, adquiriam uma cor cremosa, o sol reverberava em algum ponto nas vidraças de uma mansarda.

– Foi o senhor que pediu uma ligação para Saint-André-sur-Mer, chefe?

– Sim, Lucas. Fique aqui um momento.

Ele passou à sala vizinha.

– Delegado Daniélou? Aqui é Maigret, da Polícia Judiciária de Paris. Parece que está à procura de alguém..

Na outra ponta da linha, o delegado custava a crer.

– Como sabe?

– Trata-se do professor?

– Sim. Cometi um erro em não desconfiar dele. Não imaginei que tentaria escapar. Ele pegou um trem para Paris ontem à noite e...

– Tem acusações contra ele?

– Muito sérias. E pelo menos um testemunho, mais do que acusador, recolhido nesta manhã.

– De quem?

– De um dos alunos dele.

– Ele viu alguma coisa?

– Sim.

– O quê?

– O professor saiu, na terça de manhã, por volta das dez e vinte, da sua cabana de ferramentas. E foi às dez e quinze que o assessor do prefeito ouviu um tiro de carabina.

– Pediu um mandado de prisão ao juiz de instrução?

– Eu ia a La Rochelle fazer isso quando recebi seu chamado. Como está sabendo? Será que os jornais...?

– Não li os jornais. Joseph Gastin está na minha sala.

Houve um silêncio, depois o delegado emitiu um:

– Ah!

Certamente ele quis fazer uma pergunta, mas não fez. Maigret, por seu lado, não sabia bem o que dizer. Não havia tomado uma decisão. Se não houvesse um sol como naquela manhã, se o comissário não tivesse, havia pouco, tido uma lembrança de Fourras, das ostras e do vinho branco, se há mais de dez meses não estivesse impedido de tirar nem que fosse três dias de férias, se...

– Alô! Continua na linha?

– Sim. O que pretende fazer com ele?

– Vou levá-lo até aí.

– O senhor mesmo?

A pergunta foi feita sem entusiasmo, o que fez o comissário sorrir.

– Veja, não pretendo intervir em nada do seu inquérito.

– Não acredita que ele seja...

– Não sei. Talvez ele seja culpado, talvez não. De qualquer modo, vou levá-lo aí.

– Eu lhe agradeço. Estarei na estação ferroviária.

De volta à sua sala, ele encontrou Lucas, que observava com curiosidade o professor.

– Fique aqui mais um momento. Tenho algo a dizer ao chefe.

Seu trabalho lhe permitia tirar alguns dias de férias. Quando voltou, foi para perguntar a Gastin:

– Existe um albergue em Saint-André?

– Sim, o *Bon Coin*, mantido por Louis Paumelle. Lá come-se bem, mas os quartos não têm água corrente.

– Vai viajar, chefe?

– Peça uma ligação para minha mulher.

Tudo isso se passou de uma forma tão inesperada que o pobre Gastin, deslumbrado, não ousava ainda se alegrar.

– O que ele lhe disse?

– Provavelmente vai prendê-lo assim que chegarmos na estação.

– Mas... o senhor irá comigo?

Maigret confirmou com a cabeça, pegou o receptor que Lucas lhe estendia:

– Oi, é você? Pode me preparar uma pequena valise com roupas de baixo e meus objetos de toalete?... Sim.. sim... Não sei... Talvez três ou quatro dias...

E acrescentou brincalhão:

– Vou até a beira do mar, em Charentes. Terra das ostras e dos mexilhões. Por ora almoço na cidade.

Até mais tarde...

Tinha a impressão de estar pregando uma boa peça em alguém, como os garotos que por tanto tempo infernizaram a velha Léonie Birard.

– Venha comigo comer alguma coisa – disse enfim ao professor, que se levantou e o seguiu como num sonho.

# CAPÍTULO II

---

# A EMPREGADA DO BON COIN

EM POITIERS, AS LÂMPADAS SE acenderam ao longo da plataforma quando o trem chegou à estação, mas ainda não estava escuro. Foi só mais tarde, ao atravessar campos de pastagem, que se viu anoitecer, as janelas das casas rurais isoladas, que brilhavam como estrelas.

Depois, a alguns quilômetros de La Rochelle, um leve nevoeiro, que não era do campo, mas do mar, misturou-se à obscuridade, e um farol apareceu por um momento ao longe.

Havia mais duas pessoas no compartimento, um homem e uma mulher, que ficaram lendo durante toda a viagem e que às vezes erguiam a cabeça para trocar algumas frases. Na maior parte do tempo, sobretudo no fim da viagem, Joseph Gastin manteve seus olhos fatigados fixos no comissário.

O trem passou de uma via a outra, casas baixas desfilavam. As vias ficaram mais numerosas e enfim surgiram as plataformas da estação, as portas com seus letreiros familiares, pessoas que esperavam, como se fossem as mesmas das estações precedentes. Assim que a porta do trem se abriu, uma lufada de ar forte e fresco veio do fundo escuro onde as vias pareciam terminar e, prestando mais atenção, distinguiam-se mastros e chaminés de embarcações que balançavam com suavidade, ouviam-se gritos de gaivotas, reconhecia-se o cheiro do mar e do alcatrão.

Os três homens de uniforme, de pé junto à saída, não se mexeram. O delegado Daniélou, ainda jovem, tinha um bigodinho escuro, sobrancelhas espessas. Somente quando Maigret e seu companheiro estavam a poucos metros, ele avançou, estendendo a mão num gesto militar.

– Muito honrado, sr. comissário – pronunciou.

Notando que um dos guardas tirava um par de algemas do bolso, Maigret murmurou ao delegado:

– Não acho que seja necessário.

O delegado fez um sinal ao seu subordinado. Algumas cabeças viraram-se para eles, não muitas. As pessoas marchavam como um rebanho em direção à saída, carregando malas pesadas, atravessando em diagonal o saguão de espera.

– Minha intenção, delegado, é não interferir em nada do seu inquérito. Espero que tenha me compreendido bem. Não estou aqui a título oficial.

– Entendo. Já falamos disso, o juiz de instrução e eu.

– Espero que ele não esteja descontente.

– Pelo contrário, alegra-se com a ajuda que o senhor poderá trazer. No ponto em que estamos, não podemos fazer outra coisa senão submetê-lo a um mandado de prisão.

A um metro deles, Joseph Gastin, mesmo fingindo não escutar, era obrigado a ouvir a conversa.

– De todo modo, é do interesse dele. Ele estará mais seguro na prisão do que em outra parte. O senhor não ignora como as pessoas reagem nas pequenas cidades e nos vilarejos.

Tudo isso era um pouco empolado. O próprio Maigret não se sentia muito à vontade.

– Já jantou?

– No trem, sim.

– Pretende passar a noite em La Rochelle?

– Disseram-me que há um albergue em Saint-André.

– Permite-me que lhe ofereça algo para beber?

Como Maigret não respondeu nem sim nem não, o delegado foi dar instruções a seus homens, que se aproximaram do professor. O comissário, não tendo nada a dizer a este, limitou-se a olhá-lo com um ar sério.



– O senhor ouviu. Não tem outro jeito – pareceu desculpar-se. – Farei o melhor possível.

Gastin também olhou para ele; pouco depois, ao afastar-se, virou-se para olhar mais uma vez, antes de transpor a porta entre os dois guardas.

– Vamos até o restaurante da estação – murmurou Daniélou. – A menos que prefira ir à minha casa.

– Não nesta noite.

Alguns viajantes jantavam na sala mal-iluminada.

– O que vai beber?

– Não sei. Um conhaque.

Sentaram-se num canto, diante de uma mesa ainda preparada para a refeição.

– Vão jantar? – perguntou a atendente.

Eles responderam que não. Somente depois que ela lhes trouxe as bebidas, o delegado, embaraçado, perguntou:

– O senhor acha que ele é inocente?

– Não sei.

– Até obtermos o testemunho do garoto, podíamos deixá-lo em liberdade. Infelizmente para ele, esse testemunho é formal e o garoto parece sincero, não tem razão alguma para mentir.

– Quando ele falou?

– Hoje de manhã, quando interroguei uma segunda vez toda a classe.

– Ele não havia dito nada ontem?

– Estava intimidado. O senhor verá. Se quiser, amanhã de manhã, quando eu for até lá, lhe mostrarei o dossiê. Passo a maior parte do meu tempo na prefeitura.

Persistia um constrangimento. O delegado parecia impressionado com o porte maciço e a reputação do comissário.

– O senhor está habituado aos casos e às pessoas de Paris. Não sei se conhece a atmosfera dos nossos vilarejos.

– Eu nasci num vilarejo. E você?

– Em Toulouse.

Daniélou fez um esforço para sorrir.

– Deseja que eu o conduza até lá?

– Acho que encontrarei um táxi.

– Como quiser. Há um ponto diante da estação.

Os dois se separaram à porta do táxi que seguiu pela avenida costeira, e Maigret se inclinou para distinguir os barcos de pesca na obscuridade do porto.

Ele estava decepcionado de chegar à noite. Quando eles se afastaram do mar e deixaram a cidade, foi para atravessar campos que se assemelhavam a todos os campos e, passados dois vilarejos, o carro parou diante de uma janela iluminada.

– É aqui?

– O senhor falou *Bon Coin*, não foi?

Um sujeito muito gordo veio espiar pela porta envidraçada e, sem abrir, acompanhou os movimentos de Maigret, que pegou a valise, a pôs no chão, pagou a corrida e se dirigiu enfim ao albergue.

Homens jogavam cartas, num canto. O albergue cheirava a vinho e a molho de carne, e a fumaça pairava em volta de duas lâmpadas.

– Tem um quarto livre?

Todos olhavam para ele. Uma mulher veio espiá-lo da porta da cozinha.

– Por uma noite?

– Talvez por dois ou três dias.

Ele era examinado da cabeça aos pés.

– Posso ver sua carteira de identidade? A polícia vem aqui toda manhã, e devemos manter nosso registro de entradas em ordem.

Os quatro homens não jogavam mais, apenas escutavam. Maigret, que havia se aproximado do balcão coberto de garrafas, estendeu sua carteira e o dono pôs os óculos para ler. Quando levantou a cabeça, deu uma piscadela maliciosa.

– Então é o famoso comissário, hein? Meu nome é Paumelle, Louis Paumelle.

E, voltando-se para a cozinha, chamou:

– Thérèse! Leve a valise do comissário ao quarto da frente.

Maigret, sem prestar especial atenção na mulher, que devia ter uns trinta anos, teve a impressão de conhecê-la de algum lugar. Isso só o impressionou um momento depois, como acontecia com as pessoas que ele via ao passar diante do Purgatório. Ela também pareceu franzir as sobrancelhas.

– O que lhe ofereço?

– O que tiver. Pode ser um conhaque.

Os outros, para disfarçar, haviam retomado sua partida de cartas.

– O senhor está aqui por causa de Léonie?

– Não oficialmente.

– É verdade que o professor foi encontrado em Paris?

– Neste momento ele está na prisão de La Rochelle.

Era difícil adivinhar o que Paumelle pensava a esse respeito. Embora dono de albergue, ele parecia mais um camponês em sua casa.

– Não acredita que foi ele?

– Não sei.

– Suponho que, se tivesse em mente que ele é culpado, não teria se dado o trabalho de vir até aqui. Estou enganado?

– Talvez não.

– À sua saúde! Há aqui um homem que ouviu o tiro. Théo! Não é verdade que ouviu o tiro?

Um dos jogadores, com cerca de 65 anos, talvez mais, ruivo com muitos cabelos brancos, faces não barbeadas, olhos vagos e maliciosos, virou-se para eles.

– Por que eu não teria ouvido?

– É o comissário Maigret, que veio de Paris para...

– O delegado me falou.

Não se levantou nem cumprimentou, segurava suas cartas ensebadas com dedos de unhas escuras.

Paumelle explicou em voz baixa:

– É o assessor do prefeito.

Lacônico, Maigret também observou.

– Eu sei.

– Não repare. A essa hora...

Fez o gesto de quem toma um trago.

– E você, Ferdinand, que foi que viu?

O homem a quem chamavam Ferdinand tinha só um braço. Seu rosto tinha o tom castanho-avermelhado de um homem que passa os dias ao sol.

– É o carteiro – explicou Louis. – Ferdinand Cornu. Que foi que viu, Ferdinand?

– Não vi nada.

- Você viu Théo no jardim da casa dele.
- Inclusive lhe entreguei uma carta.
- O que ele fazia?
- Plantava cebolas.
- A que horas?
- Eram exatamente dez horas na igreja. Pude ver a hora no campanário, por cima das casas. Bisca!

Dama e rei! Ganhei de novo... Ás de espadas, rei de ouros...

Baixou as cartas na mesa, onde os copos deixavam círculos molhados, e olhou os parceiros com um ar de desafio.

– E danem-se os que vierem com histórias! – acrescentou, levantando-se. – É você que paga, Théo. Seus movimentos eram desajeitados, o andar indeciso. Foi pegar seu quepe de carteiro no cabide e dirigiu-se para a porta resmungando palavras que não se distinguiam mais.

– É assim todas as noites?

– Mais ou menos.

Louis Paumelle preparava-se para encher de novo os dois copos, mas Maigret o impediu com a mão.

– Não agora... Supondo que não fechará em seguida, tenho tempo de dar uma volta antes de me deitar?

– Eu o esperarei.

Na rua fazia um silêncio de sacristia. Diante dele estendia-se uma pequena praça que não era nem redonda nem quadrada, com a sombra da igreja à direita, defronte uma loja não iluminada, mas acima da qual se adivinhavam as palavras “Coopérative Charentaise”.

Havia luz na casa da esquina que era cinzenta, com paredes de pedra. A luz se achava no segundo andar. Ao se aproximar dos três degraus da entrada, Maigret viu uma placa de cobre, riscou um fósforo e leu:

*Xavier Bresselles*

*Doutor em medicina*

Quase tocou a campainha, por ociosidade, sem saber por onde começar, mas desistiu, pensando que o doutor provavelmente se preparava para dormir.

A maioria das casas estava às escuras. Ele reconheceu a prefeitura, que não tinha andar de cima, pela haste da bandeira. Era uma prefeitura muito pequena e no pátio, no primeiro andar de uma construção nos fundos, uma lâmpada estava acesa.

Ele seguiu pela estrada, virou à direita, caminhou ao longo das fachadas e dos jardins; um pouco adiante encontrou o assessor do prefeito, que vinha em sentido contrário e emitiu um rosnado à guisa de boa-noite.

Não ouvia o mar, não o via em parte alguma. O vilarejo adormecido tinha o aspecto de uma aldeia rural qualquer e não combinava com a ideia que ele formara de ostras acompanhadas de vinho branco, num terraço junto ao oceano.

Estava decepcionado, sem uma razão precisa. A acolhida do delegado, na estação, já o arrefecera. E ele não podia censurá-lo por isso. Daniélou conhecia a região, onde certamente estava em função havia alguns anos. Surge um drama que ele tenta resolver da melhor maneira, e Maigret chega de Paris inesperadamente, dando a impressão de pensar que ele se enganou.

O juiz de instrução também devia estar descontente. Nenhum dos dois ousaria dizer-lhe isso, eles seriam cortesões, abririam seus dossiês. Mesmo assim Maigret continuava sendo um intruso que se metia onde não era chamado e ele começava a se perguntar o que o fez decidir-se de súbito a fazer a viagem.

Ouviu passos, vozes, certamente dos dois outros jogadores de bisca que voltavam para casa. Um

pouco mais adiante, um cachorro roçou-lhe as pernas e ele teve um sobressalto, surpreso.

Quando empurrou a porta do *Bon Coin*, apenas uma das lâmpadas continuava acesa e o dono, atrás do balcão, arrumava os copos e as garrafas. Ele não estava mais usando casaco. Sua calça escura pendia bem abaixo da barriga protuberante e as mangas arregaçadas da camisa deixavam ver braços gordos e peludos.

– Descobriu alguma coisa?

Ele se achava esperto, devia se considerar a figura mais importante do vilarejo.

– Um último trago?

– Com a condição de que eu pague a rodada.

Maigret, que desde a manhã sonhava com o vinho branco da região, bebeu mais um conhaque, pois lhe pareceu que não era hora de tomar vinho.

– Não se acanhe!

– Pensei – murmurou o comissário, enxugando os lábios – que Léonie Birard não era muito popular.

– Era a mulher mais rabugenta da terra. Está morta. Que Deus a tenha, ou melhor, o diabo! Sem dúvida nenhuma, foi a mulher mais ruim que já conheci. E a conheci quando ela ainda usava tranças e nós dois íamos à escola. É isso. Estou com 64, portanto ela devia ter 67. Aos doze anos de idade já era uma praga.

– O que não compreendo... – começou Maigret.

– Há muitas coisas que o senhor não compreenderá, por mais astuto que seja, permita-me avisá-lo.

– Não compreendo – ele retomou, como se falasse a si mesmo – por que, se ela era tão detestada, as pessoas se obstinam contra o professor. Afinal, mesmo se ele a matou, seria de esperar que...

– ...que elas dissessem: “Ufa, que alívio!”. É o que pensou, não é?

– Mais ou menos.

– Está esquecendo que ela, Léonie, era daqui.

Voltou a encher os copos sem que lhe pedissem.

– Veja, é como numa família. As pessoas têm o direito de se odiar entre si e não se privam disso. A história é outra se um estranho se mete. Todos detestavam Léonie. Mas detestavam ainda mais Gastin e a mulher dele.

– A mulher também?

– Sobretudo ela.

– Por quê? O que ela fez?

– Aqui, nada.

– Como assim, aqui?

– A gente acaba por saber de tudo, mesmo num vilarejo perdido como o nosso. E não gostamos que nos enviem pessoas malvistas noutros lugares. Não é a primeira vez que os Gastin se envolvem num drama.

Era interessante observá-lo, com os cotovelos apoiados no balcão. Ele evidentemente tinha vontade de falar, mas, toda vez que lançava uma frase, dava uma espiada no rosto de Maigret para julgar o efeito produzido, pronto a corrigir-se ou mesmo a se contradizer, como um camponês que discute o preço de uma parelha de bois na feira.

– Em suma, o senhor veio sem saber de nada?

– Apenas que Léonie Birard foi morta com um tiro no olho esquerdo.

– E fez essa longa viagem!

Ele estava zombando de Maigret à sua maneira.

– Não teve a curiosidade de fazer uma parada em Courbevoie?

– Deveria ter feito isso?

– Teriam lhe contado uma bela história. Ela levou algum tempo para chegar até aqui. Faz somente dois anos que as pessoas de Saint-André estão sabendo.

– Que história?

– A Gastin era professora primária, junto com o marido. Trabalhavam na mesma escola, ela com as meninas, ele com os rapazes.

– Eu sei.

– Falaram-lhe também de Chevassou?

– Quem é Chevassou?

– Um conselheiro municipal de lá, um cara bonitão, alto e forte, de cabelos pretos, com o sotaque meridional. Havia também uma sra. Chevassou. Um belo dia, na saída das aulas, na rua, a sra. Chevassou disparou um tiro contra a professora e a atingiu no ombro. Adivinha por quê? Ela havia descoberto que o marido e a Gastin andavam namorando. Parece que foi absolvida. Depois disso, os Gastin tiveram que deixar Courbevoie e foram morar no campo.

– Não vejo qual a relação com a morte de Léonie Birard.

– Talvez não haja relação.

– Pelo que está me dizendo, Joseph Gastin nada fez de mal.

– É um chifrudo.

Louis sorria, encantado consigo mesmo.

– Existem outros, é claro. No vilarejo há um monte deles. Bem, desejo que aproveite sua estadia. Um último trago?

– Não, obrigado.

– Thérèse lhe mostrará seu quarto. Diga a ela a que horas deseja que lhe façamos subir a água quente.

– Eu lhe agradeço. Boa noite.

– Thérèse!

Esta o conduziu por uma escada com degraus irregulares, virou num corredor com papel floreado nas paredes, abriu uma porta.

– Acorde-me por volta das oito – ele disse.

Ela não se mexeu, ficou a olhá-lo como se tivesse vontade de lhe confiar alguma coisa. Ele a observou mais atentamente.

– Acho que já nos vimos, não?

– O senhor se lembra?

Ele não confessou que a lembrança era bastante vaga.

– Eu gostaria que não falasse disso aqui.

– Você não é da região?

– Sou. Mas aos quinze anos parti para trabalhar em Paris.

– Conseguiu trabalho lá?

– Durante quatro anos.

– E depois?

– O senhor sabe, já que me viu. O comissário Priollet lhe dirá que não fui eu que roubei a carteira. Foi minha amiga, Lucile, e eu não estava nem sabendo.

Uma imagem voltou à memória de Maigret e ele soube onde a tinha visto. Numa manhã havia entrado, como fazia com frequência, na sala do seu colega Priollet, o chefe da Mundana, isto é, a Brigada de Costumes. Sentada numa cadeira, uma moça morena, com os cabelos desalinados, enxugava os olhos e fungava. No seu rosto pálido e doentio, alguma coisa o atraiu.

– O que ela fez? – perguntou então a Priollet.

– A velha história. Uma empregadinha doméstica que virou prostituta no Boulevard Sébastopol.

Anteontem, um comerciante de Béziers queixou-se de ter sido roubado e nos deu uma descrição bastante exata. Ontem a pegamos num baile popular da Rue de Lappe.

– Não fui eu! – balbuciava a moça entre dois soluços. – Juro por minha mãe que não fui eu que peguei a carteira.

Os dois homens trocaram um piscar de olhos.

– O que acha disso, Maigret?

– Ela nunca foi detida antes?

– Até agora não.

– De onde ela é?

– De algum lugar em Charentes.

Era comum eles representarem uma pequena comédia desse tipo.

– Você já encontrou a amiga dela?

– Ainda não.

– Por que não manda esta de volta a seu vilarejo?

Priollet voltou-se sério para a moça.

– Quer voltar a seu vilarejo?

– Com a condição de que lá eles não saibam de nada.

Era curioso reencontrá-la agora, passados cinco ou seis anos, pálida como sempre, com grandes olhos negros que suplicavam ao comissário.

– Louis Paumelle é casado? – ele perguntou em voz baixa.

– Viúvo.

– Divide o leito com ele?

Ela confirmou com a cabeça.

– Ele sabia o que você fazia em Paris?

– Não. Ele não deve saber. Sempre está prometendo que casará comigo. Há anos promete e um dia ou outro acabará por decidir-se.

– Thérèse! – chamou a voz do patrão na base da escada.

– Estou descendo!

E, a Maigret:

– Não dirá nada a ele?

Ele fez que não, com um sorriso animador.

– Não se esqueça de trazer a água quente às oito horas.

Ficou satisfeito de tê-la reencontrado porque com ela, afinal, sentia-se em terreno familiar e era um pouco como rever uma velha conhecida.

Os outros que ele apenas entreviu, também teve a impressão de conhecê-los, porque na sua aldeia natal também havia um assessor do prefeito que bebia, jogadores de cartas – ainda não se jogava bisca, mas buraco –, um carteiro que se acreditava uma figura importante e um dono de albergue que conhecia os segredos de cada um.

A fisionomia deles permanecia gravada em sua memória. Só que ele os vira com olhos de criança e agora se dava conta de que na verdade não os havia conhecido.

Enquanto se despia, ouviu os passos de Paumelle, que subia, depois ruídos no quarto vizinho. Thérèse reuniu-se ao dono do albergue um pouco mais tarde e também começou a preparar-se para dormir. Os dois falavam em voz baixa, como marido e mulher que vão para a cama, e o último ruído foi

um ranger de molas.

Maigret teve uma certa dificuldade de achar uma posição no enorme colchão de penas. Ele reconhecia o cheiro de feno e de mofo do campo e, talvez por causa das penas, ou por causa dos conhaques que bebeu com o dono em copos profundos, transpirava muito.

Ruídos lhe chegaram através do sono antes do raiar do dia, como o de vacas passando diante do albergue e emitindo às vezes um mugido. A oficina do ferreiro não tardou a entrar em funcionamento. Embaixo, alguém retirava os taipais das janelas. Ele abriu os olhos, viu um sol ainda mais brilhante que na véspera em Paris, levantou-se e vestiu as calças.

Com os pés nus em pantufas, desceu, encontrou Thérèse na cozinha, ocupada em preparar o café. Ela havia posto uma espécie de robe com ramagens sobre a camisola, as pernas estavam descobertas. Exalava um cheiro de cama.

– Ainda não são oito horas, são só seis e meia. O senhor quer um café? Ele estará pronto em cinco minutos.

Paumelle desceu logo a seguir, nem barbeado nem lavado, calçando pantufas como o comissário.

– Achei que não queria levantar-se antes das oito.

Beberam o primeiro café em xícaras de louça espessa, de pé, junto ao fogão.

Na praça, algumas mulheres de preto, com cestos e gaiolas, formavam um grupo.

– Elas esperam o quê? – perguntou Maigret.

– O ônibus. Hoje é dia de feira em La Rochelle.

Ouvia-se o cacarejo de galinhas nas gaiolas.

– Quem está dando aulas agora?

– Ontem não havia ninguém. Hoje é esperado um substituto vindo de La Rochelle. Deve chegar com o ônibus. Ele se hospedará aqui, no quarto dos fundos, já que o senhor ocupa o da frente.

Maigret retornou ao quarto no momento em que o ônibus estacionava na praça; viu descer um jovem de aspecto tímido, carregando uma grande mala com foles, que devia ser o professor.

As gaiolas foram colocadas sobre a cobertura do ônibus e as mulheres se amontoaram no interior.

Thérèse bateu à porta.

– Sua água quente!

Sem insistir, olhando para outro lado, ele perguntou:

– Você também acredita que Gastin matou Léonie?

Antes de responder, ela deu uma espiada em direção à porta entreaberta.

– Não sei – disse com a voz muito baixa.

– Não acredita?

– É algo que não combina com a pessoa dele. Mas todos querem que seja ele, o senhor entende?

Na verdade, ele começava a compreender que se encarregara, sem razão, de uma tarefa difícil, quando não impossível.

– A quem interessava a morte da velha?

– Ignoro. Dizem que ela deserdou a sobrinha quando esta se casou.

– Para quem irá seu dinheiro?

– Talvez para uma obra de caridade. Ela mudou tantas vezes de opinião!... Ou quem sabe para Maria, a polonesa...

– É verdade que o assessor do prefeito teve um ou dois filhos com ela?

– Com Maria? É o que dizem. Ele vai seguido vê-la e às vezes passa a noite na casa dela.

– Apesar das crianças?

– Isso não incomoda a Maria. Todo o mundo vai lá.

– O Paumelle também?

– Ele deve ter ido quando ela era mais jovem. Agora já não é tão apetitosa.

– Que idade ela tem?

– Cerca de trinta anos. Ela não tem o menor cuidado com as coisas e a casa dela é pior do que uma estrebaria.

– Thérèse! – chamou a voz do patrão, como na véspera à noite.

Era melhor não insistir. Paumelle não parecia contente. Estaria com ciúmes? Ou apenas não queria que ela conversasse muito com o comissário?

Quando ele desceu, o jovem professor estava fazendo o desjejum e o olhou com curiosidade.

– O que vai comer, comissário?

– Tem ostras?

– Na maré baixa, não.

– Ela vai durar muito tempo?

– Mais cinco ou seis dias.

Desde Paris ele sonhava com ostras regadas a vinho branco e provavelmente não iria comê-las durante sua temporada.

– Temos sopa. Ou então podemos preparar ovos com presunto.

Preferiu não comer nada, apenas bebeu uma segunda xícara de café, de pé junto à entrada, olhando a praça ensolarada e duas silhuetas que se moviam no interior da Coopérative Charentaise.

Hesitava em tomar um copo de vinho branco, apesar de tudo, para tirar o gosto ruim do café, quando uma voz jovial falou, perto dele:

– Comissário Maigret?

O homem era baixo, magro e vivaz, com um olhar jovem, embora devesse ter passado dos quarenta. Estendeu a mão num gesto franco:

– Doutor Bresselles! – apresentou-se. – O delegado me disse ontem que o esperavam. Vim colocar-me à disposição antes de abrir meu consultório. Daqui a uma hora a sala de espera estará cheia.

– Quer beber alguma coisa?

– Em minha casa, se quiser, é logo ao lado.

– Eu sei.

Maigret o acompanhou até a casa de pedra cinzenta. Todas as outras casas do vilarejo eram pintadas a cal, umas só de branco, outras num tom mais cremoso, e os telhados ocre davam ao conjunto um ar alegre.

– Entre. O que gostaria de beber?

– Desde Paris venho sonhando com ostras e vinho branco da região – confessou Maigret. – Quanto às ostras, já fiquei sabendo que não há como obtê-las.

O doutor foi até a porta:

– Armande! – gritou. – Traga uma garrafa de vinho branco. A da estante vermelha.

E explicou:

– É a minha irmã. Desde que fiquei viúvo, ela cuida da casa. Tenho dois filhos, um em Niort, no colégio, e o outro no serviço militar. O que achou de Saint-André?

Tudo parecia diverti-lo.

– Esqueço que ainda não teve tempo de ver muita coisa. Desculpe interrompê-lo! Como amostra, já viu esse canalha do Paumelle, que era criado de fazenda e casou com a proprietária do *Bon Coin* quando o marido dela morreu. Era 25 anos mais velha que Louis. E não se opunha a beber de vez em quando. Então, como era ciumenta como o diabo e o dinheiro era dela, ele a matou aos poucos, em pequenos



tragos. Percebe? Ele dava um jeito de fazê-la beber cada vez mais e não era raro que depois do almoço ela já não conseguisse ficar de pé. Resistiu durante sete anos, com um fígado como uma pedra, e ele pôde enfim lhe oferecer um belo enterro. Desde então, ele deita com suas sucessivas empregadas, que vão embora uma atrás da outra, com exceção de Thérèse, que parece estar aguentando.

A irmã entrou, tímida, apagada, carregando uma bandeja sobre a qual havia uma garrafa e duas taças de cristal; Maigret pensou que ela parecia uma empregada de padre.

– Minha irmã. O comissário Maigret.

Ela se retirou andando de costas e isso também pareceu divertir o doutor.

– Armande nunca se casou. No fundo, estou convencido de que a vida inteira esperou que eu ficasse viúvo. Agora tem finalmente sua casa e pode me mimar como teria mimado um marido.

– O que pensa de Gastin?

– Um pobre coitado.

– Por quê?

– Porque faz o que pode, desesperadamente, e as pessoas que fazem o que podem são pobres coitadas. Ninguém reconhece seu valor. Esforça-se por ensinar um bando de fedelhos cujos pais preferiam conservá-los no campo. Tentou inclusive ensiná-los a se lavar. Lembro-me de um dia em que mandou de volta para casa um garoto que tinha a cabeça cheia de piolhos. Um quarto de hora depois apareceu o pai, furioso, e por pouco não houve uma batalha.

– A mulher dele está doente?

– À sua saúde! Ela não está doente propriamente falando, mas também não é uma pessoa saudável. Veja, aprendi a não acreditar demais na medicina. A Gastin vive atormentada, tem vergonha. Reprova-se da manhã à noite de ter feito a infelicidade do marido.

– Por causa do Chevassou?

– Já está sabendo? Sim, por causa do Chevassou. Ela deve tê-lo amado muito. Uma paixão devastadora, como dizem. O senhor não acreditará ao vê-la, pois é uma mulherzinha insignificante, que se assemelha ao marido como uma irmã a um irmão. Talvez a infelicidade esteja aí, no fundo. Eles são muito parecidos. Já o Chevassou, que é um homenzarrão cheio de vida, uma espécie de touro satisfeito, fez dela o que quis. Por causa do tiro que levou, ela ainda sofre um pouco no braço direito, que conserva uma certa rigidez.

– Quais eram as relações dela com Léonie?

– Viam-se apenas de uma janela a outra, por cima das cercas dos jardins, e Léonie lhe mostrava a língua de tempo em tempo, como fazia com todo o mundo. O que acho mais extraordinário nessa história é que Léonie, que parecia invulnerável, foi morta com uma bala saída de uma carabina de criança. E não é tudo. Há coincidências inacreditáveis. O olho esquerdo, que foi atingido, era o seu olho ruim, que sempre foi um pouco fixo e com o qual não enxergava havia vários anos. O que me diz do vinho?

O doutor ergueu sua taça. O vinho, com reflexos esverdeados, era seco e fraco, e tinha um sabor pronunciado de vinho da terra.

– Um brinde! Todos tentarão criar-lhe empecilhos. Não acredite em nada do que lhe disserem, sejam os pais ou as crianças. Venha me ver quando quiser e farei o impossível para lhe dar uma ajuda.

– Não gosta deles?

Os olhos do doutor puseram-se a rir e ele lançou com convicção:

– Eu os adoro. Eles me fazem morrer de rir!

# CAPÍTULO III

---

# A AMANTE DE CHEVASSOU

A PORTA DA PREFEITURA SE ABRIA para um corredor de paredes brancas recém-pintadas a cal, nas quais avisos administrativos estavam fixados com percevejos. Alguns pequenos cartazes, como o que anunciava uma sessão extraordinária do conselho municipal, eram escritos à mão, com o título em maiúsculas, provavelmente pelo professor. O piso de lajotas era cinza, os revestimentos de madeira também. A porta da esquerda devia dar para a sala do conselho onde se achavam o busto de Marianne, símbolo da República, e a bandeira, enquanto a da direita, entreaberta, era a da secretaria.

A peça estava vazia, havia no ar um resto de cheiro de charuto. O delegado Daniélou, que nos últimos dois dias estabelecera ali seu quartel-general, ainda não tinha chegado.

Defronte à porta da rua, na outra ponta do corredor, uma porta de dois batentes estava aberta para o pátio onde se erguia, no meio, uma tília. À direita desse pátio, a construção baixa era a escola, e através de suas três janelas viam-se os rostos de meninos e meninas alinhados e, de pé, a silhueta do professor substituto que Maigret conhecera no albergue.

Tudo estava calmo como um convento e só se ouvia o ruído do martelo na bigorna do ferreiro. Ao fundo, avistavam-se as sebes dos jardins, o verde novo que começava a brotar nos ramos dos lilases, casas brancas e amarelas, janelas abertas aqui e ali.

Maigret dirigiu-se à esquerda, até o sobrado dos Gastin. Quando estendeu a mão para bater à porta, esta se abriu e ele viu-se na entrada de uma cozinha onde um garoto de óculos, sentado junto a uma mesa coberta de um oleado castanho, estava debruçado sobre um caderno.

A sra. Gastin foi quem havia aberto a porta. Pela janela, ela o vira deter-se no pátio, olhar ao redor, avançar lentamente.

– Soube ontem que o senhor viria – ela disse, afastando-se para lhe dar a passagem. – Entre, sr. comissário. Se soubesse o bem que isso me faz!

Ela enxugou as mãos molhadas no avental, virou-se para o filho, que não havia levantado a cabeça e parecia ignorar o visitante.

– Não vai dizer bom-dia ao comissário Maigret, Jean-Paul?

– Bom-dia.

– Não quer subir até o seu quarto?

A cozinha era pequena mas, embora ainda fosse muito cedo, de uma limpeza meticulosa, sem o menor sinal de desordem. O jovem Gastin, sem protestar, pegou o caderno e, passando pelo corredor, subiu a escada até o andar de cima.

– Venha por aqui, sr. comissário.

Eles também atravessaram o corredor, penetraram numa peça que servia de sala e que devia ser raramente frequentada. Havia um piano de parede, uma mesa redonda em carvalho maciço, poltronas com encosto de cabeça em renda fina, fotografias nas paredes, bibelôs por toda parte.

– Sente-se, por favor.

A casa compreendia quatro peças, todas muito pequenas, e Maigret sentia-se muito grande. Ao mesmo tempo, desde que entrou, tinha também a impressão de se achar de repente num mundo irreal.

Já lhe haviam dito que a sra. Gastin era uma mulher parecida com o marido, mas ele não imaginava que pudessem se assemelhar a ponto de poderem ser tomados por irmão e irmã. Ela tinha os cabelos da mesma cor indecisa, um pouco ralos também, o meio do rosto como que projetado para a frente, olhos claros de míope. E o filho, por sua vez, era a caricatura mista do pai e da mãe.

Será que lá em cima ele procurava ouvir o que diziam ou teria mergulhado de novo no seu caderno? Embora tivesse uns doze anos, já possuía o aspecto de um pequeno velho ou, mais exatamente, de um ser sem idade.

– Não quis que ele fosse à escola – explicou a sra. Gastin, fechando a porta. – Achei que seria melhor. O senhor sabe como as crianças são cruéis.

Se Maigret tivesse ficado de pé, ele teria quase enchido a peça; ele se mantinha imóvel numa poltrona e fez sinal à sua interlocutora para sentar-se também, porque o cansava vê-la de pé.

Ela parecia tão sem idade quanto o filho. Ele sabia que ela tinha apenas 34 anos, mas poucas vezes tinha visto uma mulher abandonar a tal ponto toda feminilidade. Sob o vestido de cor indecisa, o corpo era magro, fatigado; adivinhavam-se dois seios que pendiam como bolsos vazios e suas costas começavam a se curvar; a pele, em vez de se colorir ao sol do campo, havia se tornado cinzenta. E a voz parecia estar se extinguindo!

No entanto, ela se esforçava por sorrir e avançou uma mão tímida que tocou o antebraço de Maigret no momento em que lhe disse:

– Sou muito grata por ter tido confiança nele!

Ele não pôde responder-lhe que ainda não sabia, confessar-lhe que foi o primeiro sol da primavera em Paris e uma lembrança de ostras e vinho branco que o fizeram decidir-se a vir.

– Se soubesse como me culpo, sr. comissário! Pois sou a responsável por tudo o que acontece, eu é que estraguei a vida dele e a do meu filho. Faço o possível para expiar. Tento com muito esforço, veja...

Ele se sentia tão constrangido como quando se entra numa casa onde há um morto que não se conhece e não se sabe o que dizer. Acabava de penetrar num mundo separado, que não fazia parte do vilarejo no centro do qual se achava incrustado.

Os três, Gastin, a mulher e o filho, pertenciam a uma raça tão diferente que o comissário compreendia a desconfiança dos camponeses.

– Não sei como tudo isso acabará – ela continuou após dar um suspiro –, mas não posso acreditar que os tribunais condenem um inocente. Ele é um homem extraordinário! O senhor o viu, mas não o conhece. Diga-me, como ele estava ontem à noite?

– Muito bem. Muito calmo.

– É verdade que o algemaram na plataforma da estação?

– Não. Ele acompanhou em liberdade os dois guardas.

– Havia gente olhando para ele?

– Tudo se passou de forma bem discreta.

– O senhor acha que ele precisa de alguma coisa? Sua saúde é delicada. Nunca foi muito forte.

Ela não chorava. Devia ter chorado tanto a vida inteira que não tinha mais lágrimas. Pouco acima da sua cabeça, à direita da janela, achava-se a fotografia de uma jovem quase rechonchuda da qual Maigret não conseguia tirar os olhos, perguntando-se se ela havia sido realmente assim, com olhos risonhos e covinhas nas faces.

– Está olhando o meu retrato quando eu era jovem?

Havia um outro, de Gastin, formando um par com o dela. Ele quase não havia mudado, a não ser que na época usava cabelos bastante compridos, de artista, como se dizia então, e certamente escrevia versos.

– Eles lhe contaram? – ela murmurou após dar uma espiada na porta.

E ele sentiu que era sobretudo disso que ela queria falar, que era nisso que ela pensava desde que lhe anunciaram sua chegada, que era a única coisa que, para ela, importava.

– Refere-se ao que se passou em Courbevoie?

– Sim, com Charles...

E ela se empertigou, corou, como se esse nome fosse um tabu.

– Chevassou?

Ela confirmou com a cabeça.

– Ainda me pergunto como isso pôde acontecer. Sofri tanto, sr. comissário! E gostaria tanto que me explicassem! Veja, não sou uma mulher leviana. Conheci Joseph quando tinha quinze anos e em seguida soube que era com ele que me casaria. Nós preparamos nossa vida em comum e decidimos que nos dedicaríamos ao ensino.

– Foi ele que lhe sugeriu essa ideia?

– Acho que sim. Ele é mais inteligente que eu. É um homem superior. Por ser modesto, as pessoas nem sempre percebem isso. Obtivemos nosso diploma no mesmo ano e nos casamos; graças a um primo influente, fomos nomeados juntos para Courbevoie.

– Acha que isso tem uma relação com o que se passou aqui na terça-feira?

Ela o olhou surpresa. Ele não deveria tê-la interrompido, pois ela perdeu o fio de suas ideias.

– Tudo é minha culpa.

E franziu as sobrancelhas, ansiosa por explicar-se.

– Sem o que se passou em Courbevoie, não teríamos vindo para cá. Lá Joseph era bem considerado. Eles têm ideias mais modernas, o senhor compreende? Era bem-sucedido. Tinha futuro.

– E a senhora?

– Eu também. Ele me ajudava, me dava conselhos. E então, de um dia para o outro, eu como que enlouqueci. Pergunto-me ainda o que aconteceu. Eu não queria, me defendia. Jurei a mim mesma que nunca faria uma coisa dessas. Mas, quando Charles aparecia...

Ela corou de novo, balbuciou, como se ofendesse o próprio Maigret ao falar dele:

– Peço-lhe perdão... Quando ele aparecia, eu era incapaz de resistir. Não acho que fosse amor, pois amo Joseph, sempre o amei. Eu era tomada por uma espécie de febre e não pensava em mais nada, nem mesmo em nosso filho, que era muito pequeno. Eu o teria deixado, sr. comissário. Pensei mesmo em deixar os dois, em partir não sei para onde... O senhor entende isso?

Ele não ousava dizer que ela certamente nunca havia experimentado um prazer de ordem sexual com o marido e que sua história era banal. Ela sentia necessidade de acreditar que sua aventura fora excepcional, necessidade de se punir, de se arrepender, de tratar a si mesma como a última das mulheres.

– É católica, sra. Gastin?

Ele tocava em um outro ponto sensível.

– Fui, como meus pais, antes de conhecer Joseph. Ele só acredita na ciência e no progresso. Detesta os padres.

– Parou de praticar?

– Sim.

– Depois do que se passou, não voltou mais à igreja?

– Não pude. Parece-me que seria traí-lo mais uma vez. E de que adiantaria? Nos primeiros anos, aqui, esperei que fôssemos começar uma nova vida. As pessoas nos observavam com desconfiança, como em toda parte no campo. Mas eu estava convencida de que um dia eles perceberiam as qualidades do meu marido. Depois, não sei como, foi descoberta a história de Courbevoie e os próprios alunos deixaram de ter respeito por ele. Quando lhe digo que tudo é culpa minha...

– Seu marido teve discussões com Léonie Birard?

– Algumas vezes. Como secretário da prefeitura. Ela era uma mulher que sempre criava dificuldades. Houve questões de auxílios a serem estabelecidos. Joseph é rigoroso. Conhece apenas seu dever, recusa-se a assinar certificados de favor.

– Ela sabia o que lhe aconteceu?

– Como todo o mundo.

– Também lhe mostrava a língua?

– E me dizia palavras obscenas quando eu passava diante da casa dela. Eu evitava tomar esse caminho. Não só me mostrava a língua, como às vezes também, quando me via à janela, virava-se e arregaçava a saia. Parece quase inacreditável da parte de uma mulher idosa. Ela era assim. Mas nem por isso Joseph teria tido a ideia de matá-la. Ele não mataria ninguém, o senhor o viu. É um homem doce, que gostaria de ver todo mundo feliz.

– Fale-me do seu filho.

– O que quer que lhe diga? Ele se parece com o pai. É um garoto calmo, estudioso, muito avançado para a sua idade. Se não é o primeiro da classe, é porque acusariam meu marido de favorecer o filho. Joseph lhe dá de propósito notas mais baixas do que as que ele merece.

– O menino não se revolta?

– Ele compreende. Explicamos por que é necessário agir desse modo.

– Ele sabe do caso de Courbevoie?

– Nunca lhe falamos disso. Mas os colegas não se privam de falar. Ele finge nada saber.

– Ele participa de brincadeiras com os outros?

– No começo, sim. De dois anos para cá, desde que o vilarejo se colocou abertamente contra nós, prefere ficar em casa. Lê muito. Estou lhe ensinando piano. Ele já toca bastante bem para a idade.

A janela estava fechada e Maigret começava a sufocar, a perguntar-se se não estaria de repente imobilizado num velho álbum de fotografias.

– Seu marido veio até aqui na terça-feira, um pouco depois das dez horas?

– Sim. Creio que sim. Fizeram-me tantas vezes e de tantas maneiras essa pergunta, como se quisessem a todo custo me obrigar a me contradizer, que não estou mais certa de nada. Em geral, durante o recreio, ele entra por um instante na cozinha e se serve de uma xícara de café. Na maioria das vezes estou lá em cima nesse momento.

– Ele não bebe vinho?

– Nunca. Também não fuma.

– Na terça-feira ele não veio durante o recreio?

– Ele disse que não. Digo a mesma coisa, pois ele nunca mente. Disseram depois que ele veio mais tarde.

– A senhora negou?

– Agi de boa-fé, sr. Maigret. Mais tarde, me lembrei de ter encontrado sua xícara suja na mesa da cozinha. Não sei se ele veio durante o recreio ou depois.

– Ele poderia ter ido até a cabana de ferramentas sem que a senhora o visse?

– O quarto onde eu estava, lá em cima, não tem janela para o lado da horta.

– Podia ver a casa de Léonie Birard?

– Se eu tivesse olhado, sim.

– Não ouviu o tiro?

– Não ouvi nada. A janela estava fechada. Sou muito friorenta, sempre fui. E, durante os recreios, fecho as janelas, mesmo no verão, por causa do ruído.

– A senhora me disse que as pessoas daqui não gostam do seu marido. Quero entender melhor esse ponto. Há alguém, no vilarejo, que tenha uma animosidade particular em relação a ele?

– Com certeza. O assessor.

– Théo?

– Sim, Théo Coumart, que mora logo atrás da nossa casa. Nossos jardins se tocam. Já de manhã cedo ele começa a beber vinho branco na adega, onde há sempre uma barrica aberta. A partir de dez ou onze horas, vai até o albergue do Louis e continua a beber até o anoitecer.

– Ele não faz nada?

– Seus pais tinham uma grande propriedade rural. Mas ele nunca trabalhou na vida. Uma tarde em que Joseph estava em La Rochelle com Jean-Paul, no inverno passado, ele entrou aqui em casa por volta das quatro e meia. Eu estava lá em cima trocando de roupa. Ouvi passos pesados na escada. Era ele. Estava bêbado. Empurrou a porta e pôs-se a rir. Depois, como teria feito numa casa de tolerância, tentou me derrubar sobre a cama. Arranhei o rosto dele, um longo arranhão no nariz que começou a sangrar. Ele pôs-se a praguejar, gritando que uma mulher como eu não tinha o direito de bancar a difícil. Abri a janela ameaçando gritar por socorro. Eu estava só com a saia de baixo. Ele acabou indo embora, sobretudo, eu acho, por causa do sangue que corria no rosto. Desde então nunca mais me dirigiu a palavra.

“É ele que governa o vilarejo. O prefeito, sr. Rateau, é um criador de mexilhões que está sempre muito ocupado com seus negócios e só aparece na prefeitura nas reuniões do conselho.

“Théo é quem se ocupa das convocações e dos serviços, sempre pronto a assinar qualquer papel...”

– Sabe se, na terça de manhã, ele estava no seu jardim como afirma?

– Se ele disse, é provavelmente exato, pois outras pessoas devem tê-lo visto. É verdade que, se ele lhes pedisse para mentir em seu favor, elas não hesitariam em fazê-lo.

– Não se incomodaria se eu conversasse um momento com seu filho?

Ela se levantou, resignada, e abriu a porta.

– Jean-Paul! Pode vir até aqui?

– Por quê? – ele falou lá do alto.

– O comissário Maigret quer falar com você.

Ouviram-se passos hesitantes. O garoto apareceu, com um livro na mão; de início ficou de pé, desconfiado, na soleira da porta.

– Entre, meu rapaz. Não tenha medo de mim.

– Não tenho medo de ninguém.

Falava quase com a mesma voz abafada que a mãe.

– Estava na classe, terça-feira de manhã?

Ele olhou o comissário, depois a mãe, como se não soubesse se devia responder, mesmo a uma pergunta tão inocente.

– Pode falar, Jean-Paul. O comissário está do nosso lado.

Com o olhar, ela pareceu pedir perdão a Maigret por essa afirmação. Mas só obteve um sinal de cabeça do garoto.

– O que aconteceu depois do recreio?

Sempre o mesmo silêncio. Maigret se transformava num monumento de paciência.

– Suponho que quer que seu pai saia da prisão e que o verdadeiro culpado seja detido, não?

Era difícil, através das grossas lentes dos óculos, julgar a expressão dos seus olhos. Ele não os desviava; ao contrário, fixava seu interlocutor bem de frente, mas sem um movimento sequer no rosto.

– Por enquanto – continuou o comissário – sei apenas o que as pessoas contam. Um pequeno fato, sem importância aparente, pode me dar uma pista. Quantos são os alunos na escola?

– Responda, Jean-Paul.

E ele, contra a vontade:

– São 32 ao todo.

– O que quer dizer com “ao todo”?

– Os pequenos e os grandes. Todos os que estão matriculados.

A mãe explicou:

– Há sempre ausentes. Às vezes, sobretudo no verão, não são mais que uns quinze, e nem sempre se pode enviar os guardas à casa dos pais.

– Você tem amigos?

Ele disse apenas:

– Não.

– Não há um só, entre os meninos do vilarejo, que seja seu amigo?

Então, com um ar de desafio, ele pronunciou:

– Sou o filho do mestre-escola.

– É por isso que eles não gostam de você?

Ele não respondeu.

– O que faz durante os recreios?

– Nada.

– Não vem ver sua mãe?

– Não.

– Por quê?

– Porque meu pai não quer.

A sra. Gastin voltou a explicar:

– Ele não quer criar diferença entre seu filho e os outros. Se Jean-Paul viesse aqui durante os recreios, não haveria razão para impedir que o filho do guarda-florestal, ou o do açougueiro, por exemplo, cruzasse a rua para ir à casa deles.

– Compreendo. Lembra o que seu pai fez durante o recreio, na terça-feira?

– Não.

– Ele não vigia os alunos?

– Sim.

– Ele fica no meio do pátio?

– Às vezes.

– Ele não entrou aqui?

– Não sei.

Maigret poucas vezes havia interrogado alguém tão recalcitrante. Se tivesse um adulto diante dele, por certo ficaria irritado, e a sra. Gastin sentia isso, mantendo-se perto do filho para protegê-lo, pondo a mão no seu ombro num gesto conciliador.

– Responda com delicadeza ao comissário, Jean-Paul.

– Não estou sendo indelicado.

– Às dez horas, todos vocês voltaram para a classe. Seu pai dirigiu-se ao quadro-negro?

Através das cortinas da janela, ele avistou um pedaço desse quadro, com palavras escritas a giz, na construção defronte.

– Talvez.

– Era uma aula de quê?

– De gramática.

– Alguém bateu à porta?

– Talvez.

– Não tem certeza? Não viu seu pai sair?

– Não sei.



– Escute, quando o professor deixa a classe, geralmente os alunos começam a se levantar, a falar, a fazer bagunça.

Jean-Paul continuou calado.

– Foi o que aconteceu terça-feira?

– Não lembro.

– Você não saiu da classe?

– Por quê?

– Pode ter ido, por exemplo, ao banheiro. Vejo que ele fica no pátio.

– Não, não fui.

– Quem é que se dirigiu até as janelas?

– Não sei.

Maigret estava agora de pé e, nos bolsos, seus punhos estavam cerrados.

– Escute...

– Não sei de nada, não vi nada. Nada tenho a lhe dizer.

E de súbito o garoto deixou a peça, subiu a escada; no alto se ouviu que ele fechava uma porta.

– Não fique zangado com ele, sr. comissário. Coloque-se no lugar dele. Ontem, o delegado o interrogou durante mais de uma hora e, quando ele voltou, não me disse uma palavra, foi se deitar na cama, onde ficou até o anoitecer com os olhos arregalados.

– Ele ama o pai?

Ela não compreendeu o sentido exato da pergunta.

– Quero dizer: sente uma afeição, uma admiração especial pelo pai? Ou é a senhora que ele prefere?

É com o pai ou com a senhora que ele se abre?

– Ele não se abre com ninguém. Mas com certeza prefere a mim do que ao pai.

– Qual foi a reação dele quando acusaram seu marido?

– Foi como o senhor acaba de ver.

– Não chorou?

– Não o vi mais chorar desde que deixou de ser bebê.

– Desde quando ele possui uma carabina?

– Foi um presente que lhe demos no último Natal.

– Ele a usa com frequência?

– De vez em quando sai a passear, sozinho, de carabina no braço, como um caçador, mas acho que raramente atira. Um ou duas vezes fixou um alvo de papel na tília do pátio, mas meu marido lhe explicou que ele feria a árvore.

– Suponho que, se ele tivesse deixado a classe na terça-feira, durante a ausência do pai, seus colegas teriam notado.

– Com certeza.

– E teriam dito.

– O senhor chegou a pensar que Jean-Paul...?

– Sou obrigado a pensar em tudo. Qual é o aluno que diz ter visto seu marido sair da cabana de ferramentas?

– Marcel Sellier.

– É o filho de quem?

– Do guarda-florestal, que é ao mesmo tempo ferrageiro, eletricitista e encanador. É ele também que, ocasionalmente, conserta os telhados.

– Que idade tem Marcel Sellier?

– A mesma de Jean-Paul, com uma diferença de dois ou três meses.

– É um bom aluno?

– O melhor, junto com meu filho. Para não dar a impressão de favorecer Jean-Paul, é sempre Marcel que meu marido classifica em primeiro lugar. O pai dele é também inteligente, trabalhador. Acho que são pessoas honestas. Está muito zangado com ele?

– Com quem?

– Com Jean-Paul. Ele foi quase grosseiro com o senhor. E, quanto a mim, nem mesmo lhe ofereci uma bebida. Aceitaria tomar alguma coisa?

– Eu lhe agradeço. Mas o delegado deve ter chegado e prometi vê-lo.

– Continuará a nos ajudar?

– Por que me pergunta isso?

– Porque, se eu estivesse no seu lugar, estaria desanimada. Veio de tão longe e o que encontra aqui é tão pouco atraente...

– Farei o melhor possível.

Ele caminhou até a porta a fim de evitar que ela lhe tomasse as mãos num gesto que a sentia pronta a fazer, e que talvez as beijasse. Tinha pressa de sair, de sentir um ar vivo na pele, de ouvir outros ruídos além da voz cansada da mulher do professor.

– Certamente retornarei para vê-la.

– Acha que ele não precisa de nada?

– Se ele tiver necessidade de alguma coisa, eu lhe direi.

– Ele não vai precisar de um advogado?

– Não é necessário de imediato.

No momento em que atravessava o pátio sem se virar, a porta envidraçada da escola, de dois batentes, se abriu e um monte de crianças precipitou-se para fora em alvoroço. Algumas, ao vê-lo, logo se detiveram, certamente sabendo pelos pais quem ele era, e puseram-se a observá-lo.

Havia meninos de todas as idades, desde garotos de seis anos até rapazes de catorze ou quinze com ares de adolescente. Havia também meninas, agrupadas num canto do pátio como para se proteger dos rapazes.

Ao entrar nos fundos da prefeitura, Maigret avistou, do outro lado do corredor, o carro da delegacia. Deteve-se diante da secretaria e bateu à porta. A voz de Daniélou falou:

– Entre!

O delegado, que tinha tirado o cinturão e desabotoado o casaco, levantou-se para apertar-lhe a mão. Ele estava instalado no lugar de Gastin, com papéis amontoados à sua frente e carimbos da prefeitura ao redor. Por estar sentada num canto escuro, Maigret não viu no primeiro momento uma mulher volumosa que segurava um bebê nos braços.

– Sente-se, sr. comissário. Num instante o atenderei. Tomei a precaução de convocar uma segunda vez todas as testemunhas e de refazer os interrogatórios de ponta a ponta.

Por causa da presença do comissário em Saint-André, sem dúvida nenhuma.

– Um charuto?

– Obrigado. Só fumo cachimbo.

– Esqueci.

Ele próprio fumava charutos muito negros que mantinha na boca enquanto falava.

– Permite?

E, virando-se para a mulher:

– Você disse que ela lhe prometeu deixar tudo o que tinha, inclusive a casa.

– Sim. Ela prometeu.

– Diante de testemunhas?

Ela não parecia saber o que isso significava. Na verdade, não parecia saber muita coisa e dava antes a impressão de ser a idiota da aldeia.

Era uma mulher robusta, de aspecto másculo, com um vestido preto que certamente lhe deram e restos de feno nos cabelos não penteados. Exalava um cheiro forte, o bebê cheirava a xixi e cocô.

– Quando essa promessa foi feita?

– Há bastante tempo.

Os olhos eram de um azul quase transparente e ela franzia as sobrancelhas num esforço para compreender o que lhe perguntavam.

– O que chama bastante tempo? Um ano?

– Talvez um ano.

– Dois anos?

– Talvez.

– Desde quando trabalha para Léonie Birard?

– Espere... depois que tive meu segundo filho... Não, o terceiro...

– Que idade ele tem?

Os lábios se mexiam como na igreja, enquanto ela se entregava a um cálculo mental.

– Cinco anos.

– Onde ele está neste momento?

– Em casa.

– São quantos em casa?

– Três. Tenho este aqui, e o mais velho está na escola.

– Quem cuida deles?

– Ninguém.

Os dois homens trocaram um olhar.

– Então você trabalha para Léonie Birard há cerca de cinco anos. Ela prometeu logo em seguida lhe deixar seu dinheiro?

– Não.

– Passados dois, três anos?

– Sim.

– Dois ou três?

– Não sei.

– Ela não assinou nenhum papel?

– Não sei.

– Não sabe também por que ela lhe fez essa promessa?

– Para deixar furiosa a sobrinha. Ela me disse isso.

– A sobrinha vinha vê-la?

– Nunca.

– É a sra. Sellier, mulher do guarda-florestal, não é mesmo?

– É.

– O guarda-florestal também nunca foi vê-la?

– Foi.

– Eles se davam bem?

– Não.

- Então por que ele ia à casa dela?
- Para ameaçá-la com um processo na justiça quando ela atirava o lixo pela janela.
- Eles discutiam?
- Ficavam xingando um ao outro.
- Você gostava da sua patroa?

Ela o fixou com seus olhos redondos, como se a ideia de que pudesse gostar ou não gostar de alguém nunca lhe tivesse ocorrido.

- Não sei.
- Ela era boa com você?
- Ela me dava restos.
- Restos de quê?
- De comida. E também vestidos velhos.
- E lhe pagava bem?
- Não muito.
- O que chama não muito?
- A metade do que me dão as outras quando trabalho na casa delas. Mas ela me chamava todas as tardes. Então...

- Assistiu a brigas com outras pessoas?
- Com quase todo mundo.
- Na casa dela?
- Ela não saía mais de casa; gritava coisas pela janela.
- Que coisas?
- Coisas que elas haviam feito e que não gostavam de que soubessem.
- Por isso todo mundo a odiava?
- Acho que sim.
- Alguém a odiava de um modo particular, o bastante para ter vontade de matá-la?
- Sem dúvida, já que o fizeram.
- Mas você não tem a menor ideia de quem pode ter feito?
- Achei que o senhor sabia.
- Como?
- Já que prendeu o professor.
- Acha que foi ele?
- Não sei.
- Permita uma pergunta – interveio Maigret, voltando-se para o delegado.
- Faça, tenha a bondade.
- Théo, o assessor do prefeito, é o pai de um ou mais de um dos seus filhos?

Ela não se ofendeu, pareceu refletir.

- Talvez sim. Não tenho certeza.
- Ele se dava bem com Léonie Birard?

Ela refletiu mais uma vez.

- Como os outros.
- Ele sabia que ela prometeu incluí-la no seu testamento?
- Eu disse isso a ele.
- E qual foi a reação dele?

Ela não compreendeu a pergunta. Ele retomou:

- O que ele lhe respondeu?
- Ele me disse para pedir a ela um papel assinado.
- Você pediu?
- Pedi.
- Quando?
- Há bastante tempo.
- Ela recusou?
- Disse que tudo estava arranjado.
- Quando a encontrou morta, o que você fez?
- Gritei.
- Logo em seguida?
- Assim que vi que havia sangue. Primeiro achei que ela tinha desmaiado.
- Não vasculhou as gavetas?
- Que gavetas?
- Maigret fez um sinal ao delegado de que havia terminado. Este se levantou.
- Eu lhe agradeço, Maria. Se precisar novamente de você, a convocarei.
- Ela não assinou nenhum papel? – perguntou a mulher, de pé junto à porta, com o bebê nos braços.
- Até agora nada foi encontrado.

Ela então resmungou, virando-lhes as costas:

- Eu devia ter imaginado que ela me trapaceava.

Eles a viram passar diante da janela, e ela continuava a falar sozinha, com um ar descontente.

# CAPÍTULO IV

---

# AS CARTAS DA FUNCIONÁRIA DO CORREIO

O DELEGADO SUSPIROU, como para se desculpar:

– O senhor está vendo! Faço o que posso.

Era verdade. E o fazia não apenas com mais consciência, como agora havia também uma testemunha do seu inquérito, alguém da famosa Polícia Judiciária que devia ter um prestígio especial para ele.

Seu caso era curioso. Pertencia a uma família conhecida de Toulouse e, por insistência dos pais, cursara a Politécnica, na qual se formou com uma classificação mais do que honrosa. Então, em vez de escolher entre o exército e a indústria, decidiu-se pela polícia e se impôs dois anos de direito.

Tinha uma mulher bonita, de boa família também, e os dois eram considerados um dos casais mais agradáveis de La Rochelle.

Ele se esforçava por mostrar-se à vontade no ambiente cinzento da prefeitura, onde o sol ainda não penetrava e onde, em contraste com a luz de fora, estava quase escuro.

– Não é fácil descobrir o que eles pensam! – ele observou, acendendo um novo charuto.

Num canto da peça, seis carabinas calibre 22 estavam encostadas na parede, todas exatamente iguais, exceto uma de um modelo antigo, com a coronha esculpida.

– Acho que consegui todas. Se houver mais alguma, meus homens a descobrirão hoje de manhã.

Pegou, em cima da lareira, uma caixa de papelão parecida com uma caixa de remédio, dela retirou um pedaço de chumbo deformado.

– Examinei com cuidado. Fiz cursos de balística no passado e não temos especialista em La Rochelle. Trata-se de uma bala de chumbo, às vezes chamada de bala mole, que se esmaga ao atingir o alvo, mesmo sendo uma tábua de pinho. Assim, é inútil buscar os vestígios que as outras balas deixam e que geralmente permitem identificar a arma utilizada.

Maigret fez sinal de que compreendia.

– Está familiarizado com as carabinas 22, comissário?

– Mais ou menos.

Menos do que mais, pois ele não se lembrava de crime cometido em Paris com uma arma desse tipo.

– Elas podem disparar duas espécies de cartuchos, os curtos e os longos. Os curtos têm um alcance bastante pequeno, mas os longos atingem um alvo a mais de 150 metros.

No mármore estriado da lareira, outros pedaços de chumbo, uns vinte, formavam um pequeno monte.

– Ontem procedemos a um certo número de experiências com essas diferentes carabinas. A bala que atingiu Léonie Birard é uma 22 longa, e seu peso corresponde ao daquelas que disparamos.

– Não foi encontrada a cápsula?

– Meus homens passaram um pente-fino nos jardins, atrás da casa. Eles voltarão a procurar hoje à tarde. Não é impossível que quem disparou tenha recolhido a cápsula. O que tento lhe explicar é que temos muito poucos indícios materiais.

– Todas essas carabinas foram usadas recentemente?

– Sim, recentemente. É difícil avaliar com exatidão, pois os garotos não se dão o trabalho de limpá-las e lubrificá-las após o uso. O relatório médico, que tenho aqui, tampouco nos ajuda muito, pois o doutor é incapaz de determinar, mesmo de forma aproximada, a que distância o tiro foi dado. Pode ser tanto cinquenta quanto mais de cem metros.

Maigret enchia o cachimbo, de pé junto à janela, escutando distraído. Defronte, perto da igreja, viu um homem de cabelos escuros, crespos, que ferrava um cavalo do qual um jovem segurava a pata.

– O juiz de instrução e eu consideramos as diferentes hipóteses possíveis. A primeira que nos ocorreu, por mais estranho que pareça, é a do acidente fortuito. O crime parece tão improvável, havia tão pouca chance de matar a velha funcionária do correio com uma bala calibre 22, que nos perguntamos se não foi atingida por acaso. Alguém, em algum dos jardins, poderia ter atirado contra os pardais, como os garotos costumam fazer. Há casos de coincidências mais estranhas. O senhor percebe o que quero dizer?

Maigret confirmou com a cabeça. O delegado tinha uma vontade quase infantil de aprovação, e era comovente vê-lo desejar tanto agir bem.

– É o que chamamos a teoria do acidente puro e simples. Se a morte de Léonie Birard tivesse acontecido numa outra hora do dia, ou num feriado, ou numa outra parte do vilarejo, é nisso que teríamos nos detido, pois é mais plausível. Mas, na hora em que a velha foi morta, as crianças estavam na classe.

– Todas?

– Mais ou menos. Três ou quatro das ausentes, entre as quais uma menina, moram bastante longe, no campo, e não foram vistas no vilarejo naquela manhã. Uma outra, o filho do açougueiro, está de cama há cerca de um mês.

“Pensamos então numa segunda possibilidade, a de malquerença.

“Alguém, um vizinho qualquer, em desavença com Léonie como quase todos, alguém que ela pode ter ofendido em excesso e que estaria furioso, teria disparado de longe para assustá-la, ou para quebrar suas vidraças, sem sequer pensar na possibilidade de matá-la.

“Ainda não rejeitei por completo essa hipótese, pois a terceira, a do homicídio deliberado, exige antes de mais nada um atirador de primeira ordem. Se a bala tivesse atingido a vítima em qualquer outra parte que não o olho, ela teria causado um ferimento sem muita gravidade. E, para atingir voluntariamente o olho, a uma certa distância, seria preciso um atirador excepcional.

“Considere que isso aconteceu em pleno dia, no quarteirão de casas onde nos encontramos, numa hora em que a maior parte das mulheres está ocupada com tarefas domésticas. Há todo um emaranhado de pátios e jardins. Fazia tempo bom e a maioria das janelas estava aberta.”

– Procurou determinar onde cada um se encontrava por volta das dez e quinze?

– O senhor ouviu Maria Smelker. Os outros depoimentos são mais ou menos tão claros quanto o dela. As pessoas respondem a contragosto. Quando entram em detalhes, estes são tão confusos que só complicam as coisas.

– O assessor estava no seu jardim?

– Parece que sim. Mas depende de confiarmos na hora do rádio ou na hora da igreja, pois o relógio do campanário está adiantado em quinze ou vinte minutos. Alguém que escutava rádio afirma ter visto Théo na estrada por volta de dez e quinze, dirigindo-se ao *Bon Coin*. No *Bon Coin*, afirmam que ele só chegou depois das dez e meia. A mulher do açougueiro, que punha a roupa a secar no varal, diz que o viu entrar na sua adega para beber um trago, como costuma fazer.

– Ele possui uma carabina?

– Não. Somente um fuzil de caça de cano duplo. Isso é para lhe mostrar o quanto é difícil obter um testemunho válido. Somente o do garoto se sustenta.

– O filho do guarda-florestal?

– Sim.

– Por que ele não falou no primeiro dia?

– Eu lhe fiz a pergunta. Sua resposta é plausível. Por acaso o senhor sabe que o pai dele, Julien Sellier, casou com a sobrinha da velha?

– Sei também que Léonie Birard anunciou sua intenção de deserdá-la.

– Marcel Sellier pensou que daria a impressão de querer isentar o pai. Foi só no dia seguinte à noite



que falou disso a este último. E Julien Sellier nos trouxe o garoto na quinta de manhã. O senhor verá. São pessoas simpáticas, de aspecto franco.

– Marcel viu o professor sair da cabana de ferramentas?

– É o que ele afirma. As crianças estavam na classe sem professor e a maior parte fazia bagunça.

Marcel, que tem um temperamento mais sério e calmo, se aproximou da janela e viu Joseph Gastin sair da cabana.

– Não o viu entrar?

– Somente sair. Nesse momento o tiro foi dado. O professor, porém, continua a negar que tenha posto os pés na cabana de ferramentas naquela manhã. Ou ele mente ou o garoto inventou a história. Mas por quê?

– De fato, por quê? – murmurou Maigret num tom ligeiro.

Ele tinha vontade de um copo de vinho. Parecia-lhe que era a hora. O recreio havia terminado no pátio. Duas velhas passavam com sacolas de provisões a caminho da cooperativa.

– Eu poderia dar uma espiada na casa de Léonie Birard? – perguntou.

– Eu o acompanho. Tenho a chave.

Ela também estava sobre a lareira. Ele a colocou no bolso, abotoou o casaco, pôs o quepe. Na rua havia um leve cheiro de mar, mas não o bastante para o gosto de Maigret. Os dois se dirigiram até a esquina e, diante do albergue de Louis Paumelle, o comissário pronunciou com naturalidade:

– Que tal uma bebida?

– O senhor quer? – disse o delegado, confuso.

Não era o tipo de homem que bebesse num boteco ou num albergue. O convite o embaraçava e ele não sabia como recusar.

– Eu me pergunto se...

– Apenas um copo de vinho branco.

Théo estava ali, sentado num canto, suas longas pernas estendidas, uma meia jarra de vinho e um copo ao alcance da mão. O carteiro, que tinha um gancho de ferro no lugar do braço esquerdo, estava de pé diante dele. Os dois se calaram quando eles entraram.

– O que vão beber, senhores? – perguntou Louis atrás do balcão, de mangas arregaçadas.

– Uma meia jarra.

Daniélou, pouco à vontade, procurava disfarçar o constrangimento. Era talvez por isso que o assessor olhava os dois com olhos de troça. Ele era alto e devia ter sido gordo. Quando emagreceu, a pele tomou o aspecto de uma roupa muito larga que faz dobras.

Lia-se no seu olhar a segurança maliciosa do camponês, somada à de um político acostumado a fraudar as eleições municipais.

– E então, o que acontecerá com aquele canalha do Gastin? – interrogou, como se não se dirigisse a ninguém em particular.

E Maigret, sem saber muito bem por que, replicou no mesmo tom:

– Ele espera que alguém vá tomar seu lugar.

Isso chocou o delegado. O carteiro, por sua vez, virou vivamente a cabeça.

– O senhor descobriu alguma coisa? – perguntou.

– Você deve conhecer a região melhor que ninguém, já que faz o percurso todos os dias.

– E que percurso! Antes, não faz muito tempo, ainda havia pessoas que, por assim dizer, nunca recebiam cartas. Lembro-me de algumas propriedades rurais onde eu só punha os pés uma vez por ano, para entregar o guia anual. Agora, cada um recebe um jornal, que é preciso entregar em domicílio, e não há ninguém que não reclame um auxílio ou uma pensão. Se soubesse o que isso envolve de papéis!...

E repetiu, acabrunhado:

– Papéis, papéis!

Por seu tom, se poderia pensar que era ele que os preenchia.

– Primeiro os ex-combatentes. Isso eu entendo. Depois as pensões de viúvas. A seguir os benefícios sociais, os abonos para as famílias numerosas. E os auxílios para...

Ele virou-se para o assessor.

– Você sabe do que estou falando, não? Pergunto se há uma única pessoa em todo o vilarejo que não receba nada do governo. E estou certo de que alguns fazem filhos só para obter auxílios.

Com seu copo embaciado na mão, Maigret perguntou num tom divertido:

– Acha que os auxílios do governo têm algo a ver com a morte de Léonie Birard?

– Nunca se sabe.

Era certamente uma ideia fixa. Ele também devia receber uma pensão, por causa do braço. Era pago pelo governo. E o irritava que os outros também se beneficiassem. Estava com ciúmes, em suma.

– Louis, me dê mais meia jarra.

Os olhos de Théo continuavam rindo. Maigret bebia seu vinho em pequenos goles e isso quase se assemelhava à ideia que ele fizera da sua viagem até a beira do mar. O ar era da mesma cor que o vinho branco, tinha o mesmo gosto. Duas galinhas, na praça, bicavam a terra dura onde não deviam encontrar muitas minhocas. Thérèse, na cozinha, descascava cebolas e enxugava às vezes os olhos com a ponta do avental.

– Vamos indo?

Daniélou, que apenas molhara os lábios no seu copo, o acompanhou aliviado.

– Não acha que esses camponeses dão a impressão de zombar de nós? – ele perguntou, ao chegar à rua.

– Com certeza!

– Parece que isso o diverte.

Maigret não respondeu. Ele começava a tomar pé no vilarejo e não lamentava mais ter deixado o Quai des Orfèvres. Naquela manhã, não havia telefonado para a mulher conforme prometera. Não havia sequer pensado em telefonar, mas teria de pensar nisso dali a pouco.

Eles passaram diante de uma mercearia, e atrás das vidraças o comissário viu uma mulher tão velha e descarnada que não dava para entender como ela se mantinha de pé.

– Quem é?

– São duas, mais ou menos da mesma idade, as senhoritas Thévenard.

Duas velhas solteironas também tinham uma loja no seu vilarejo natal, o que o fez pensar que os habitantes dos vilarejos da França são intercambiáveis. Anos se passaram. As estradas eram agora percorridas por carros rápidos. Ônibus e caminhonetes haviam substituído as carroças. Viam-se cinemas um pouco em toda parte. Haviam inventado o rádio e muitas outras coisas. No entanto, Maigret reencontrava ali os personagens da sua infância, imobilizados em suas atitudes como nas iconografias populares de Épinal.

– Aqui está a casa.

Era velha e a única na rua a não ter recebido uma camada de reboco, depois de anos. O delegado introduziu a grossa chave na fechadura de uma porta pintada de verde; ele a empurrou e um cheiro adocicado chegou até eles, o mesmo que devia reinar na casa das duas velhinhas ao lado, um cheiro que só se encontra nos lugares onde pessoas muito idosas vivem confinadas.

A primeira peça assemelhava-se um pouco àquela na qual a sra. Gatin o recebera, com a diferença de que os móveis de carvalho eram menos lustrados, as poltronas mais fatigadas, e havia ali uma enorme

guarnição de lareira em cobre. Havia também, num canto, um leito que devia ter sido trazido de uma outra peça e que estava ainda desarrumado.

– Os quartos são lá em cima – explicou o delegado. – De uns anos para cá, Léonie Birard não queria mais subir a escada. Vivia no andar de baixo, dormia nesta peça. Não tocamos em nada.

Para além da porta entreaberta se achava uma cozinha bastante grande, com um forno de pedra, ao lado do qual fora instalado um fogão a lenha. No fogão, panelas haviam deixado manchas avermelhadas. Havia rachaduras nas paredes. Diante da janela, a poltrona de couro devia ser aquela na qual a velha passava a maior parte dos dias.

Maigret compreendeu por que ela preferia ficar nessa peça e não na da frente. Não passava quase ninguém na estrada que conduzia ao mar, enquanto nos fundos se avistava, como na casa do professor, a parte mais animada das casas, os pátios e os jardins, inclusive o pátio da escola.

Era quase íntimo. Da sua poltrona, Léonie Birard participava da existência cotidiana de umas dez famílias e, se tivesse bons olhos, podia saber o que cada um comia.

– É inútil lhe dizer que o traço a giz indica o lugar onde ela foi encontrada. A mancha que está vendo...

– Compreendo.

– Ela não sangrou muito.

– Onde está o corpo neste momento?

– Foi transportado ao necrotério de La Rochelle, para a autópsia. O enterro será amanhã de manhã.

– Ainda não se sabe quem herdará?

– Procurei por toda parte um testamento. Telefonei a um homem de negócios, um advogado de La Rochelle. Várias vezes ela lhe falou de redigir um testamento, mas nunca o fez diante dele. Ele tem guardados títulos que pertencem a ela, debêntures, a certidão de propriedade da casa e de uma outra que ela possui a dois quilômetros daqui.

– De modo que, se nada for encontrado, a sobrinha herdará?

– Tenho essa impressão.

– E o que a sobrinha disse?

– Parece não contar com isso. Os Sellier não são necessitados. Sem serem ricos, possuem um bom negócio. O senhor os verá. Não estou acostumado com as pessoas como o senhor, mas eles me parecem francos, honestos, trabalhadores.

Maigret pôs-se a abrir e fechar gavetas, descobrindo utensílios de cozinha em parte enferrujados, objetos os mais diversos, velhos botões, pregos, notas fiscais, misturados com carretéis nos quais não havia mais fio, meias, prendedores de cabelos.

Retornou à primeira peça onde havia uma cômoda antiga que não era sem valor e, ali também, abriu as gavetas.

– Examinou esses papéis?

O delegado corou ligeiramente, como se o tivessem pego em falta ou como se o pusessem diante de realidades desagradáveis.

Foi a mesma reação que teve no albergue do Louis, quando foi forçado a pegar o copo de vinho branco que Maigret lhe estendeu.

– São cartas.

– Estou vendo.

– Datam de mais de dez anos, do tempo em que ela ainda era funcionária do correio.

– Pelo que vejo, essas cartas não lhe eram endereçadas.

– Exato. Claro que colocarei essa correspondência no dossiê. Falarei disso ao juiz. Não posso fazer

tudo ao mesmo tempo.

Cada carta estava ainda no seu envelope, e liam-se nomes diferentes: Evariste Cornu, Augustin Cornu, Jules Marchandon, Célestin Marchandon, Théodore Coumar, além de outros, nomes de mulher também, inclusive o das duas irmãs Thévenard, as velhinhas da mercearia.

– Se compreendo bem, Léonie Birard, no tempo em que trabalhava no correio, não entregava *toda* a correspondência aos destinatários.

Ele percorreu algumas cartas:

*Querida mamãe,*

*Escrevo para lhe dizer que estou bem e espero que também esteja. Estou contente com meus novos patrões, exceto que o avô, que vive com eles, tosse o dia inteiro e cospe no chão...*

Uma outra dizia:

*Encontrei o primo Jules na rua e ele teve vergonha ao me ver. Estava completamente bêbado e por um momento acreditei que não havia me reconhecido.*

Léonie Birard não abria, evidentemente, todas as cartas. Parecia interessar-se mais por certas famílias do que por outras, em particular os Cornu e os Rateau, numerosos na região.

Vários envelopes tinham o timbre do Senado. Eram assinados por um político conhecido que morrera dois anos antes.

*Meu caro amigo,*

*Recebi sua carta a respeito da tempestade que destruiu suas armações de pesca e arrancou mais de duzentos postes. Estou pronto a fazer o necessário a fim de que os fundos previstos para as vítimas das calamidades nacionais...*

– Eu me informei – explicou o delegado. – Os postes são estacas de madeira cravadas no mar e ligadas entre si por feixes de ramagens. É ali que se instalam os mexilhões jovens a fim de crescerem. A cada maré um pouco forte, várias dessas estacas são levadas pelo mar. Elas custam caro, pois são trazidas de longe.

– De modo que os espertos as fazem serem pagas pelo governo a título de calamidade nacional!

– O senador era muito popular – disse Daniélou, meio sério, meio rindo. – Ele nunca teve dificuldade de ser reeleito.

– Leu todas essas cartas?

– Apenas passei os olhos.

– Não fornecem nenhuma indicação?

– Elas explicam por que a Birard era odiada por todo o vilarejo. A velha sabia muito sobre todos e devia lhes lançar suas verdades. Mas não encontrei nada de realmente grave, pelo menos nada de bastante grave para que alguém, após dez anos, decidisse suprimi-la disparando-lhe uma bala na cabeça. A maioria daqueles a quem essas cartas eram endereçadas estão mortos e seus filhos pouco se preocupam com o que aconteceu no passado.

– Vai levar essas cartas?

– Não é indispensável que eu as pegue hoje. Posso deixar-lhe a chave da casa. Deseja subir ao andar de cima?

Maigret foi até lá, por desencargo de consciência. As duas peças, cheias de objetos destoantes e de móveis em mau estado, não lhe informaram nada.

Na rua, ele aceitou a chave que o delegado lhe estendeu.

– O que vai fazer agora?

– A que horas terminam as aulas?

– O período da manhã termina às onze e meia. Alguns alunos, que não moram muito longe, voltam a suas casas para almoçar. Outros, os que moram no campo ou na beira do mar, comem na escola os sanduíches que trouxeram. As aulas recomeçam à uma e meia e terminam às quatro da tarde.

Maigret tirou seu relógio do bolso. Eram onze e dez.

– Vai ficar no vilarejo?

– Preciso ver o juiz de instrução, que interrogou o professor nesta manhã, mas voltarei durante a tarde.

– Então até daqui a pouco.

Maigret apertou-lhe a mão. Tinha vontade de um outro copo de vinho branco antes do fim das aulas. Ficou um momento, de pé ao sol, a olhar o delegado afastar-se com um passo ligeiro, como aliviado de um grande peso.

Théo continuava no albergue de Louis. Via-se também, no canto oposto, um velho quase em farrapos, com aspecto de mendigo, de barba branca e hirsuta. Virando-se enquanto bebia com uma mão trêmula, ele dirigiu a Maigret apenas um olhar indiferente.

– Mais meia jarra? – perguntou Louis.

– Do mesmo vinho de há pouco.

– Só tenho esse. Vai almoçar aqui? Thérèse está cozinhando um coelho e estou certo de que vai gostar.

Thérèse apareceu à porta.

– Gosta de coelho ao vinho branco, sr. Maigret?

Era apenas para vê-lo, para dirigir-lhe um olhar cúmplice no qual havia gratidão. Ele não a havia traído. E ela estava aliviada, quase feliz.

– Vá para a cozinha.

Uma caminhonete estacionou, um homem entrou com um avental de açougueiro. Mas, ao contrário da maioria dos açougueiros, este era magro e de aspecto doentio, com o nariz torto e dentes ruins.

– Um Pernod, Louis.

Virou-se para Théo que sorria sem motivo.

– Oi! Você aí, vagabundo?

O assessor limitou-se a um vago gesto com a mão.

– Muito cansado? Quando penso que existe gente que não faz nada como você!

Depois virou-se para Maigret:

– Então é o senhor, ao que dizem, que veio desvendar o mistério.

– Estou tentando.

– Continue tentando. Se descobrir alguma coisa, merecerá uma condecoração.

Seus bigodes caídos molhavam-se no copo.

– Como vai seu filho? – perguntou Théo, do seu canto, sempre com as pernas preguiçosamente estendidas.

– O doutor diz que está na hora de andar. É fácil dizer. Assim que o colocamos de pé, ele cai. Os médicos não entendem nada, assim como os assessores de prefeito!

O tom era de gracejo, mas no fundo percebia-se amargura na voz.

– Terminou sua jornada?

– Ainda tenho que passar em Bourrages.

Mandou servir um segundo copo, que esvaziou num único trago, enxugou os bigodes e lançou a Louis:

– Ponha na conta com o resto.

E depois, ao comissário:

– Espero que se divirta!

Por fim, ao sair, tropeçou de propósito nas pernas de Théo.

– Tchau, seu patife!

Acionou o motor e a caminhonete deu meia-volta na praça.

– O pai e a mãe dele morreram tuberculosos – explicou Louis. – A irmã está num sanatório. Tem também um irmão internado como louco.

– E ele?

– Defende-se como pode, vende sua carne nos campos dos arredores. Tentou montar um açougue em La Rochelle, mas o negócio não deu certo.

– Tem vários filhos?

– Um filho e uma filha. Outros dois morreram logo após o nascimento. O filho foi atropelado por uma motocicleta, há um mês, e continua engessado. A menina, de sete anos, deve estar na escola. Quando ele tiver terminado seu circuito, terá ingerido meia garrafa de Pernod.

– E isso te diverte? – perguntou a voz zombeteira de Théo.

– O que é que me diverte?

– Contar essas coisas.

– Não falo mal de ninguém.

– Quer que eu conte suas historinhas?

Louis pareceu assustado, pegou meia jarra cheia sob o balcão e foi colocá-la em cima da mesa.

– Sabe muito bem que não há nada a contar. Mas é preciso puxar conversa, não?

No fundo, Théo dava a impressão de se regozijar. A boca não sorria, mas havia um estranho brilho nos olhos. Maigret não pôde deixar de pensar numa espécie de velho fauno aposentado. Ele estava ali, plantado no vilarejo, como um deus malicioso que sabia tudo o que se passava atrás das paredes, atrás das fachadas, e que se divertia solitariamente com o espetáculo que lhe davam.

Não era tanto como inimigo que ele olhava para Maigret, mas como um igual.

“Você é um homem muito astuto”, ele parecia dizer. “É tido como um ás de sua profissão. Em Paris, descobre tudo o que tentam lhe ocultar.

“Só que eu também sou assim. E aqui, eu é que sei.

“Continue tentando! Jogue o seu jogo, interrogue as pessoas, tire as melecas do nariz delas!

“Veremos se consegue descobrir alguma coisa!”

Ele deitava com Maria, que era suja e sem atrativos. Tentou deitar com a sra. Gastin, que não tinha mais nada de uma mulher. Bebia da manhã à noite, sem nunca se embriagar completamente, flutuando num universo próprio que devia ser engraçado, pois o fazia sorrir.

A velha Birard também conhecia os segredinhos do vilarejo mas se indignava com eles, aquilo agia sobre ela como um veneno que precisava ser expelido de uma forma ou de outra.

Já Théo os observava, os ridicularizava e, quando alguém tinha necessidade de um atestado para receber um daqueles auxílios que deixavam o carteiro furioso, ele o fornecia, aplicava no papel um dos carimbos da prefeitura que trazia sempre no bolso da calça folgada.

Ele não os levava a sério.

– Mais um, comissário?

– Agora não.

Maigret ouviu vozes de criança do lado da escola. As que iam almoçar em casa saíam. Viu duas ou três que passavam pela praça.

– Estarei aqui dentro de meia hora.

– O coelho estará pronto.

– Ainda não há ostras?

– Infelizmente não.

Com as mãos nos bolsos, dirigiu-se até a loja de ferragens dos Sellier. Um garoto acabava de entrar ali antes dele, esgueirando-se entre os baldes, regadores e pulverizadores que atulhavam o chão e pendiam do teto. Havia utensílios por toda parte, numa luz poeirenta.

Uma voz de mulher perguntou:

– O que deseja?

Ele precisou vasculhar a penumbra para perceber um rosto bastante jovem, a mancha clara de um avental quadriculado de azul.

– Seu marido está?

– Nos fundos, na oficina.

O garoto havia entrado na cozinha e lavava as mãos na pia.

– Se quiser esperar aqui, vou chamá-lo.

Ela sabia quem ele era e não parecia assustada. Na cozinha, que era o centro vital da casa, ofereceu-lhe uma cadeira com assento de palha e abriu uma porta que dava para o pátio.

– Julien!... Alguém quer te ver...

O garoto enxugava as mãos observando Maigret com curiosidade. E ele também fazia evocar lembranças na memória do comissário. Na sua classe, em todas as classes que frequentou, havia sempre um menino mais gordo que os outros, com o mesmo aspecto cândido e aplicado que este, a mesma tez clara, os mesmos gestos de criança bem-educada.

A mãe não era gorda, mas o pai, que apareceu um instante mais tarde, pesava mais de cem quilos; era muito alto, largo, com um rosto quase rosado e olhos ingênuos.

Ele limpou os pés no capacho antes de entrar. Três pratos estavam postos na mesa redonda.

– Permite? – ele murmurou, dirigindo-se também até a pia.

Via-se que ali existiam ritos, que cada um efetuava certos gestos em certos momentos do dia.

– Vocês iam almoçar?

Foi a mulher que respondeu.

– Não imediatamente. O almoço ainda não está pronto.

– Na verdade, desejo sobretudo ter uma pequena conversa com seu filho.

O pai e a mãe olharam para o garoto sem mostrar surpresa nem inquietação.

– Ouviu, Marcel?

– Sim, papai.

– Responda às perguntas do comissário.

– Sim, papai.

Voltado para Maigret, bem à sua frente, ele tomou a atitude de um aluno que se prepara para responder ao mestre-escola.

# CAPÍTULO V

---



# AS MENTIRAS DE MARCEL

NO MOMENTO EM QUE MAIGRET acendeu o cachimbo, teve início uma espécie de cerimonial mudo que, mais do que tudo o que ele vira desde a véspera em Saint-André, lembrou ao comissário o vilarejo da sua infância. Por um instante, foi mesmo uma de suas tias, também com um avental quadriculado azul, com os cabelos enrolados em um coque no alto da cabeça, que substituiu a sra. Sellier.

Esta havia olhado para o marido, simplesmente arregalando um pouco as órbitas, e o grandalhão Julien compreendeu a mensagem, dirigiu-se até a porta do pátio, onde desapareceu por um momento. Sem esperar seu retorno, ela abriu o aparador, pegou dois copos, dos que eram usados quando havia uma visita, e os esfregou com um pano limpo.

Quando o ferrageiro retornou, ele trazia uma garrafa de vinho na mão. Não disse nada. Ninguém disse nada. Alguém vindo de muito longe, ou de um outro planeta, poderia pensar que esses gestos faziam parte de um culto. Escutou-se o ruído da rolha sendo sacada da garrafa, o glu-glu do vinho dourado nos dois copos.

Um pouco intimidado, Julien Sellier pegou um deles e examinou, pronunciando enfim:

– À sua saúde.

– À sua saúde – respondeu Maigret.

E a seguir o homem se retirou na sombra da peça enquanto sua mulher se aproximava do fogão.

– Diga, Marcel – começou o comissário, voltando-se para o garoto que não havia se mexido –, suponho que você nunca mentiu.

Se houve uma hesitação, foi breve, acompanhada de um rápido olhar em direção à mãe.

– Já, senhor.

Apressou-se em acrescentar.

– Mas sempre me confessei.

– Está querendo dizer que vai se confessar em seguida?

– Sim, senhor.

– Logo em seguida?

– O mais breve possível, porque não quero morrer em estado de pecado.

– Mas não foram mentiras importantes, foram?

– Bastante importantes.

– Não se incomodaria de me citar uma, como exemplo?

– Uma vez rasguei minha calça ao trepar numa árvore. Quando voltei para casa, disse que ela se prendera num prego no pátio do Joseph.

– Foi se confessar no mesmo dia?

– No dia seguinte.

– E quando confessou a verdade a seus pais?

– Só uma semana depois. Outra vez caí no charco ao pescar rãs. Meus pais me proibem de brincar no charco porque pego facilmente um resfriado. Minhas roupas estavam molhadas. Eu disse que me haviam empurrado quando atravessava a pontezinha por cima do riacho.

– Também esperou uma semana para lhes dizer a verdade?

– Só dois dias.

– Acontece seguido de você mentir desse jeito?

– Não, senhor.

– Mais ou menos de quanto em quanto tempo?

Ele se esforçou por refletir, sempre como num exame oral.

– Nem mesmo uma vez por mês.

– Seus amigos mentem mais?

– Nem todos. Alguns.

– Eles se confessam em seguida, como você?

– Não sei. É possível que sim.

– Você é amigo do filho do professor?

– Não, senhor.

– Não brinca com ele?

– Ele não brinca com ninguém.

– Por quê?

– Talvez porque não gosta de brincar. Ou então porque seu pai é o mestre-escola. Tentei ser amigo dele.

– Gosta do sr. Gastin?

– Ele é injusto.

– Em que ele é injusto?

– Sempre me dá as melhores notas, mesmo quando seu filho é quem as merece. Quero muito ser o primeiro da classe quando mereço ser, mas não de outro modo.

– Por que acha que ele age assim?

– Não sei. Talvez porque tem medo.

– Medo de quê?

O menino tentou achar uma resposta. Ele sabia certamente o que queria dizer, mas via que era muito complicado, que não encontraria as palavras. Contentou-se em repetir:

– Não sei.

– Lembra-se bem da manhã de terça-feira?

– Sim, senhor.

– O que fez durante o recreio?

– Brinquei com os outros.

– O que se passou pouco depois que voltaram para a classe?

– O sr. Piedboeuf, do Gros-Chêne, bateu à porta e o sr. Gastin foi com ele até a prefeitura após recomendar que ficássemos bem-comportados.

– Isso acontece com frequência?

– Sim, senhor. Muitas vezes.

– Vocês ficam bem-comportados?

– Nem todos.

– E você?

– A maioria das vezes.

– Quando isso aconteceu antes?

– Ainda na véspera, segunda-feira. Alguém veio pedir para ele assinar um papel para um enterro.

– O que você fez na terça-feira?

– De início, fiquei no meu lugar.

– Seus colegas começaram a fazer bagunça?

– Sim, senhor. A maioria.

– O que eles faziam exatamente?

– Mexiam uns com os outros, rindo, atirando coisas na cabeça, borrachas, lápis.

– E depois?

Se ele hesitava às vezes em responder, não era por embaraço, mas como alguém que se esforça por encontrar uma resposta precisa.

– Fui até a janela.

– Qual janela?

– Aquela de onde vejo os pátios e as hortas. É sempre nessa que vou olhar.

– Por quê?

– Não sei. É a que fica mais perto da minha carteira.

– Não foi porque acabava de ouvir uma detonação que se dirigiu até a janela?

– Não, senhor.

– Se houvesse uma detonação lá fora, você teria ouvido?

– Talvez não. Os outros faziam muito barulho. E na oficina do ferreiro estavam ferrando um cavalo.

– Tem uma carabina 22?

– Sim, senhor. Ontem a levei à prefeitura, como os outros. Pediram a todos que tivessem uma carabina para levá-la à prefeitura.

– Durante a ausência do professor não deixou a classe?

– Não, senhor.

Maigret falava com uma voz calma, encorajadora. A sra. Sellier, por discrição, foi arrumar coisas na loja enquanto o marido, com um copo na mão, olhava Marcel com satisfação.

– Você viu o professor atravessar o pátio?

– Sim, senhor.

– Viu que ele se dirigia para a cabana de ferramentas?

– Não, senhor. Ele voltava de lá.

– Viu-o sair da cabana?

– Eu o vi fechar a porta. Depois ele atravessou o pátio, e falei aos outros:

“Ele vem vindo!

“Todo o mundo voltou ao seu lugar. Eu também.”

– Você brinca muito com seus colegas?

– Não muito.

– Não gosta de brincar?

– Sou muito gordo.

Ele corou ao dizer isso, deu uma espiada em direção ao pai como para lhe pedir perdão.

– Não tem amigos?

– Tenho o Joseph.

– Quem é Joseph?

– O filho do Rateau.

– O filho do prefeito?

Nesse momento, Julien Sellier interveio.

– Temos muitos Rateau em Saint-André e nos arredores – disse –, quase todos primos. Joseph é o filho de Marcellin Rateau, o açougueiro.

Maigret bebeu um gole de vinho, voltou a acender o cachimbo que deixara apagar.

– Joseph estava perto de você na janela?

– Ele não estava na escola. Está há um mês em casa por causa de um acidente.

– Ele é quem foi atropelado por uma motocicleta?

- Sim, senhor.
- Estava com ele quando isso aconteceu?
- Sim, senhor.
- Vai visitá-lo de vez em quando?
- Quase todos os dias.
- Foi até lá ontem?
- Não.
- E anteontem?
- Também não.
- Por quê?
- Por causa do que aconteceu. Todos só se ocupam do crime.
- Suponho que não teria ousado mentir ao delegado de polícia.
- Não, senhor.
- Está contente que o professor esteja na prisão?
- Não, senhor.
- Mas percebe que é por causa do seu depoimento que ele se encontra lá?
- Não compreendo o que quis dizer.
- Se não tivesse declarado que o viu sair da cabana de ferramentas, provavelmente não o teriam

detido.

Ele não disse nada, embaraçado, balançado-se de uma perna a outra, lançando de novo um olhar ao pai.

- Se você de fato viu, teve toda a razão de dizer a verdade.
- Eu disse a verdade.
- Você não gostava de Léonie Birard?
- Não, senhor.
- Por que razão?
- Porque, quando eu passava, ela me gritava desaforos.
- A você mais do que aos outros?
- Sim, senhor.
- Sabe por quê?
- Porque ela censura minha mãe por ter casado com meu pai.

Maigret semicerrou os olhos procurando uma outra pergunta a fazer; não a encontrou e esvaziou seu copo. Levantou-se bastante pesadamente, pois já havia tomado uma boa quantidade de vinho branco desde a manhã.

- Eu te agradeço, Marcel. Se tiver algo a me dizer, se, por exemplo, lembrar um detalhe que esqueceu, gostaria que fosse me procurar em seguida. Não tem medo de mim, tem?
- Não, senhor.
- Mais um? – perguntou o pai, estendendo a mão para a garrafa.
- Não, obrigado. Não quero atrasar por mais tempo o almoço de vocês. Seu filho é muito inteligente, sr. Sellier.

O ferrageiro corou de satisfação.

- Nós o educamos da melhor maneira possível. Não penso que lhe aconteça mentir com frequência.
- A propósito, quando ele lhe falou da ida do professor à cabana?
- Quarta-feira à noite.
- Não disse nada na terça, quando todo o vilarejo discutia a morte de Léonie Birard?

– Não. Acho que ele estava impressionado. Durante a janta, na quarta-feira, tinha um ar estranho e me disse de repente:

“– Papai, acho que eu vi alguma coisa.

“Ele me contou a cena e fui repetir o que ele disse ao delegado de polícia.”

– Eu lhe agradeço.

Alguna coisa o incomodava, ele não sabia exatamente o quê. Na rua, dirigiu-se primeiro ao *Bon Coin*, onde viu o professor substituto, que almoçava perto da janela lendo um livro. No caminho, lembrou que prometera telefonar à sua mulher e foi até o correio, que ficava num outro quarteirão de casas e onde foi recebido por uma jovem de 25 anos que vestia uma blusa preta.

– Demora muito para conseguir uma ligação a Paris?

– A esta hora, não, sr. Maigret.

Enquanto esperava, ele a observou fazendo suas anotações, perguntou-se se era casada, se um dia se casaria, se seria igual à velha Birard.

Ficou cerca de cinco minutos na cabine e tudo o que a funcionária ouviu através da porta foi:

– Não, não há ostras.. Porque não é época... Não... O tempo está magnífico... Nem um pouco frio...

Decidiu ir almoçar. O professor substituto continuava no albergue e Maigret sentou-se na mesa defronte à dele. Todo o vilarejo já sabia quem ele era. Não o cumprimentavam, mas na rua o seguiam com os olhos e, depois que havia passado, punham-se a falar às suas costas. Por três ou quatro vezes o professor levantou a cabeça do seu livro. No momento de sair, ele pareceu hesitar. Tinha vontade de lhe dizer alguma coisa? Não era certo. O fato é que, ao passar à sua frente, ele lhe fez um sinal de cabeça que podia ser interpretado como um movimento involuntário.

Thérèse vestia um avental branco muito limpo sobre o vestido escuro. Louis comia na cozinha, de onde às vezes chamava a empregada. Quando terminou, aproximou-se de Maigret com a boca engordurada.

– O que me diz desse coelho?

– Estava excelente.

– Uma cachacinha para fazê-lo descer? É por minha conta.

Ele tinha um jeito protetor de olhar o comissário, como se, sem sua ajuda, ele estivesse perdido na selva de Saint-André.

– É um tipo! – ele falou ao sentar-se, com as pernas afastadas por causa da barriga.

– Quem?

– O Théo. Não conheço ninguém mais esperto que ele. A vida inteira conseguiu ficar numa boa sem fazer nada.

– Acha que ninguém mais ouviu o disparo?

– Em primeiro lugar, no campo ninguém presta atenção a um tiro de carabina. Se tivessem atirado com um fuzil de caça, todos teriam ouvido. Além disso, essas armas não fazem muito barulho e as pessoas já se habituaram desde que todos os garotos passaram a ter uma...

– Théo estava no seu jardim e não viu nada?

– No jardim ou na adega, pois o que ele chama cuidar do jardim é sobretudo ir beber um trago no tonel. E, se viu alguma coisa, provavelmente não o dirá.

– Mesmo se viu alguém atirar?

– Com mais razão ainda.

Louis estava contente consigo mesmo, tornou a encher os copinhos.

– Eu lhe avisei que não compreenderia nada.

– Acredita que o professor quis matar a velha?

– E o senhor?

Maigret respondeu categoricamente:

– Não.

Louis o olhou sorrindo, como quem diz: “Eu também não”.

Mas não disse. Os dois pareciam se sentir pesados pelo que haviam comido e bebido. Ficaram um momento em silêncio, olhando a praça que o sol dividia em duas partes, as janelas verdes da cooperativa, o pórtico de pedra da igreja.

– Como é o padre? – perguntou Maigret, para dizer alguma coisa.

– Como todo padre.

– Ele está a favor do professor?

– Contra.

Maigret acabou por levantar-se, ficou um momento hesitante no meio da sala, decidiu-se pela solução preguiçosa e dirigiu-se à escada.

– Você pode me chamar daqui a uma hora – disse a Thérèse.

Deveria tê-la chamado de senhora. Na Polícia Judiciária é costume tratar com mais intimidade mulheres com seu histórico e isso não escapou a Louis, que franziu as sobrancelhas. As janelas verdes do quarto estavam fechadas, deixando passar apenas finos raios de sol. Ele não se despiu, limitou-se a tirar o casaco e os sapatos, estendeu-se na cama sem puxar as cobertas.

Um pouco mais tarde, quando cochilava, teve a impressão de ouvir o ruído ritmado do mar, seria possível? Depois adormeceu, só despertou quando bateram à porta.

– Passou uma hora, sr. Maigret. Quer uma xícara de café?

Ele se sentia pesado, entorpecido, sem saber exatamente o que tinha vontade de fazer. Embaixo, quando atravessou a sala, quatro homens jogavam cartas, entre eles Théo e Marcellin, o açougueiro, que ainda vestia sua roupa de trabalho.

Ele continuava com a impressão de que um detalhe não fechava, sem conseguir descobrir o que era. Essa impressão lhe veio durante a conversa com o jovem Sellier. Em que momento da conversa exatamente?

Pôs-se a caminhar, primeiro em direção à casa de Léonie Birard, da qual tinha a chave no bolso. Entrou, sentou-se na peça da frente onde leu todas as cartas que vira de manhã. Elas não lhe informaram nada de importante, apenas o familiarizaram com certos nomes: os Dubard, os Cornu, os Gillet, os Rateau, os Boncoeur.

Ao deixar a casa, ele tinha a intenção de seguir o caminho até o mar, mas um pouco mais adiante avistou o cemitério e entrou, decifrando ali os nomes nos túmulos, mais ou menos os mesmos que havia encontrado na correspondência.

Poderia reconstituir a história das famílias, afirmar que os Rateau eram aliados dos Dubard havia duas gerações e que uma Cornu havia se casado com um Piedboeuf que morrera aos 26 anos.

Andou mais duzentos ou trezentos metros pela estrada e o mar continuava invisível, o campo estendia-se por uma encosta suave e via-se apenas, lá adiante, uma água cintilante que ele desistiu de alcançar.

Os habitantes do vilarejo cruzaram por ele nas ruas e ruelas, de mãos nos bolsos, parando às vezes, sem razão, para observar uma fachada ou alguém que passava.

Antes de voltar à prefeitura, não resistiu à vontade de mais um vinho branco. Os quatro homens continuavam jogando cartas e, escarranchado numa cadeira, Louis acompanhava a partida.

A entrada da prefeitura recebia o sol e, mais além do corredor, nas hortas, ele avistou os quepes de dois guardas. Continuavam procurando a cápsula?

As janelas na casa do professor estavam fechadas. Na classe, as cabeças das crianças se alinhavam. Encontrou o delegado que anotava, com lápis vermelho, o auto de um interrogatório.

– Entre, sr. comissário. Vi o juiz de instrução. Ele interrogou Gastin nessa manhã.

– Como ele está?

– Como um homem que acaba de passar sua primeira noite na prisão. Inquietou-se de saber se o senhor não havia partido de volta.

– Suponho que continua negando o crime.

– Mais do que nunca.

– Ele faz alguma suposição?

– Não acredita que tenham querido matar a funcionária do correio. Acha que foi antes um ato de malquerença, que acabou sendo fatal. Muitos faziam brincadeiras de mau gosto com ela.

– Com Léonie Birard?

– Sim. Não somente as crianças, mas os adultos. O senhor sabe como é quando um vilarejo pega no pé de alguém. Se aparecia um gato morto, era no jardim dela que atiravam, quando não o lançavam dentro da casa pela janela. Há quinze dias, ela encontrou sua porta suja de excrementos. Segundo o professor, alguém deu um tiro para assustá-la ou para deixá-la furiosa.

– E a cabana?

– Ele continua a afirmar que não pôs os pés lá na terça-feira.

– Não se ocupou do jardim, terça de manhã, antes das aulas?

– Na terça não, só na segunda. Ele se levanta toda manhã às seis horas, é só nesse momento que tem um pouco de tempo para si próprio. O senhor viu o jovem Sellier? O que achou dele?

– Respondeu sem hesitar a minhas perguntas.

– Às minhas também, sem se contradizer uma única vez. Interroguei seus colegas e todos afirmam que ele não deixou a classe após o recreio. Suponho que, se fosse mentira, haveria pelo menos um para contradizer.

– Também suponho assim. Sabe-se quem será o herdeiro?

– Ainda não encontramos testamento. A sra. Sellier tem todas as chances.

– Chegou a investigar o que fez o marido dela na terça de manhã?

– Trabalhava na sua oficina.

– Alguém confirmou?

– Em primeiro lugar a mulher. E também o ferreiro, Marchandon, que foi falar com ele.

– A que horas?

– Ele não sabe exatamente. Antes das onze, disse. Afirma que eles conversaram por uns quinze minutos pelo menos. Isso não prova nada, é claro.

Folheou seus papéis.

– Ainda mais que o jovem Sellier, por sua vez, diz que a forja trabalhava no momento em que o professor deixou a classe.

– Então o pai dele teria podido se ausentar?

– Sim, mas não esqueça que todo o mundo o conhece. Ele teria que atravessar a praça, penetrar nos jardins. Se tivesse passado com uma carabina, teria sido ainda mais notado.

– Mas talvez ninguém mencionasse isso.

Não havia nada de certo, em suma, nenhuma base sólida, a não ser dois testemunhos contraditórios: o de Marcel Sellier, que, da janela da escola, afirmava ter visto o professor saindo da cabana de ferramentas, e o de Gastin, que jurava não ter posto os pés lá naquele dia.

Os acontecimentos eram recentes. Os habitantes do vilarejos haviam sido interrogados desde terça-

feira à noite, e os interrogatórios prosseguiram durante toda a quarta-feira. As lembranças estavam frescas nas memórias.

Se o professor não havia atirado, que razão teria para mentir? E, sobretudo, que razão teria para matar Léonie Birard?

Marcel Sellier também não tinha motivos para inventar a história da cabana.

Théo, por seu lado, afirmava com um ar galhofeiro que ouvira uma detonação, mas que não tinha visto nada.

Ele estava na sua horta, na sua adega? Não se podia confiar nas horas citadas por uns e outros, pois no campo ninguém se ocupa muito com a hora, a não ser no momento das refeições. Maigret também não tinha confiança quando lhe diziam que esse ou aquele havia passado em tal momento na rua. Quando há o costume de ver as pessoas dez vezes por dia nos mesmos lugares familiares, ninguém mais presta atenção e pode-se, com toda a boa-fé, confundir esse com aquele, afirmar que tal fato aconteceu na terça-feira, quando aconteceu na segunda-feira.

O vinho lhe dera calor.

– A que horas será o enterro?

– Às nove da manhã. Todos estarão lá. Não é todo dia que se tem a alegria de enterrar a pessoa mais odiada do lugar. O senhor tem alguma ideia?

Maigret negou com a cabeça, ficou mais algum tempo na sala, remexendo nas carabinas, nos chumbos.

– Você me disse que o doutor não tem certeza da hora da morte?

– Ele a situa entre dez e onze da manhã.

– De modo que, sem o testemunho do jovem Sellier...

Voltava-se sempre ao mesmo ponto. E a cada vez Maigret tinha a impressão de ter passado ao lado da verdade, de ter estado, em certo momento, a ponto de descobri-la.

Léonie Birard não o interessava. Que lhe importava saber se quiseram matá-la ou apenas assustá-la, ou se foi por acaso que uma bala atingiu o olho esquerdo?

Era o caso de Gastin que o apaixonava e, portanto, o testemunho do jovem Sellier.

Ele caminhou até o pátio e chegou ali no momento em que as crianças saíam da classe, menos precipitadas que no recreio, e dirigiam-se em pequenos grupos para a saída. Dava para reconhecer irmãos e irmãs. Meninas maiores seguravam um menorzinho pela mão, alguns teriam de percorrer mais de dois quilômetros para voltar a suas casas.

Nenhuma criança o cumprimentou, com exceção de Marcel Sellier, que retirou o boné com polidez. Os outros passaram olhando-o com curiosidade. O professor substituto estava na entrada da classe. Maigret aproximou-se e o jovem deu-lhe passagem, balbuciando:

– O senhor deseja falar comigo?

– Não especialmente. Já veio a Saint-André antes?

– Não, é a primeira vez. Dei aulas em La Rochelle e em Fourras.

– Conhece Joseph Gastin?

– Não.

As carteiras e os bancos eram escuros, cobertos de entalhes, com o violeta da tinta produzindo, sobre o verniz, manchas castanho-avermelhadas. Maigret foi até a primeira janela da esquerda, avistou uma parte do pátio, os jardins, a cabana de ferramentas. Pela janela da direita, a seguir, pôde ver os fundos da casa da Birard.

– Não reparou nada, hoje, na atitude das crianças?

– Elas são mais fechadas do que na cidade. Talvez por causa da timidez.

– Não formaram grupinhos, não trocaram bilhetes durante a aula?



O substituto tinha apenas 22 anos. Maigret visivelmente o intimidava, não tanto por pertencer à polícia, mas por ser um homem célebre. Na certa ele teria se comportado da mesma maneira diante de um político conhecido ou de uma atriz de cinema.

– Confesso que não prestei atenção. Eu deveria ter reparado?

– O que acha do jovem Sellier?

– Um instante... Como é ele?... Ainda não estou familiarizado com os nomes.

– Um garoto mais alto e mais gordo que os outros, que é muito bom aluno...

O olhar do professor se voltou para o primeiro lugar do primeiro banco, que era evidentemente o lugar de Marcel, e Maigret foi sentar-se ali, sem poder introduzir as pernas sob a carteira muito baixa. Desse lugar ele avistava, pela segunda janela, não as hortas, mas a tília do pátio e a casa dos Gastin.

– Ele não lhe pareceu inquieto, perturbado?

– Não. Lembro-me de tê-lo interrogado em aritmética e notei que é muito inteligente.

À direita da casa de Gastin, avistavam-se, mais adiante, as janelas do primeiro andar de duas outras casas.

– Talvez amanhã eu lhe peça a permissão de falar com as crianças por um momento durante a classe.

– Estou à sua disposição. Creio que estamos instalados no mesmo albergue. Para mim, aqui é melhor para preparar as lições.

Maigret o deixou e esteve a ponto de dirigir-se até a casa do professor. Não era a sra. Gastin que ele tinha vontade de ver, mas Jean-Paul. Percorreu metade do caminho, notou que uma cortina se mexia e parou, desencorajado pela ideia de ver-se de novo numa pequena peça sufocante, diante do rosto dramático da mãe e do garoto.

Sentiu-se frouxo. Uma preguiça o invadia, vinha certamente do ritmo de vida do vilarejo, do vinho branco, do sol que começava a desaparecer atrás dos telhados.

Afinal, o que ele fazia ali? Cem vezes, no meio de um inquérito, aconteceu-lhe de ter a mesma sensação de impotência ou de futilidade. De repente via-se mergulhado na vida de pessoas que ele não conhecia na véspera e sua tarefa era descobrir os segredos mais íntimos delas. No caso, nem mesmo era essa a sua tarefa. Ele é que escolhera vir, porque o professor o havia esperado durante horas no Purgatório da Polícia Judiciária.

O ar estava ficando azulado, mais fresco, mais úmido. Janelas se iluminavam aqui e ali e a forja de Marchandon se destacava em vermelho, viam-se dançar as chamas a cada movimento do fole.

Na loja em frente, duas mulheres estavam tão imóveis como num cartaz de propaganda, apenas os lábios se mexiam ligeiramente. Elas pareciam falar uma de cada vez e, após cada frase, uma delas sacudia a cabeça com um ar desolado. Falavam de Léonie Birard? Era provável. E também do enterro no dia seguinte, que ia ser um acontecimento memorável na história de Saint-André.

Os homens continuavam jogando cartas. Deviam fazer isso durante horas, todas as tardes, trocando as mesmas frases, estendendo de tempo em tempo a mão para o copo e enxugando os lábios.

Ele ia entrar, pedir também meia jarra de vinho, sentar-se num canto à espera da hora da janta, quando um carro o sobressaltou ao parar muito perto dele.

– Assustei o senhor? – disse a voz alegre do doutor. – Ainda não decifrou o mistério?

Ele desceu do carro, acendeu um cigarro.

– Isso aqui não se parece muito com os Grands Boulevards – observou, designando o vilarejo ao redor, as vitrines mal iluminadas, a forja, a porta da igreja que estava entreaberta e de onde saía uma vaga claridade. – Deveria ver como é em pleno inverno. Já começou a se familiarizar com a vida do lugar?

– Léonie Birard guardava cartas endereçadas a diferentes pessoas.

– Era uma velha nojenta. Alguns a chamavam de verme. Se soubesse o medo que ela tinha de morrer!

– Era doente?

– À beira da morte. Só que não morria. Como Théo, que deveria estar enterrado há pelo menos dez anos e continua a beber seus quatro litros de vinho branco por dia, sem contar os aperitivos.

– O que pensa dos Sellier?

– Eles fazem o que podem para se tornar pequeno-burgueses. Julien chegou aqui como menor abandonado e trabalhou duro para ter uma posição. Eles só têm um filho.

– Eu sei. Ele é inteligente.

– Sim.

Pareceu a Maigret que havia uma restrição na voz do doutor.

– O que está querendo dizer?

– Nada. É um garoto bem-educado. É sacristão. É o queridinho do padre.

O médico também não devia gostar dos padres.

– Acha que ele mentiu?

– Não disse isso. Não acho nada. Se o senhor tivesse sido médico rural durante vinte anos, seria como eu. Tudo o que lhes interessa é ganhar dinheiro, transformá-lo em ouro, colocar o ouro em garrafas e enterrá-las no jardim. Mesmo quando adoecem ou se ferem, é preciso que alguém lhes pague.

– Não compreendo.

– Há sempre seguros, ou auxílios, um meio qualquer de transformar tudo em dinheiro.

Ele falava quase como o carteiro.

– Um bando de canalhas! – concluiu, mas num tom que parecia desmentir suas palavras. – São divertidos, gosto muito deles.

– De Léonie Birard também?

– Era um fenômeno.

– E Germaine Gustin?

– Ela passará a vida a se torturar e a torturar os outros porque deitou com Chevassou. Aposto que nem aconteceu muitas vezes, talvez uma só. E foi a única vez em que sentiu prazer... Se estiver aqui ainda amanhã, venha almoçar comigo. Nesta noite preciso ir a La Rochelle.

Havia anoitecido. Maigret ficou ainda mais um pouco na praça, esvaziou o cachimbo batendo o forninho contra o calcanhar e entrou no albergue de Louis, suspirando. Dirigiu-se a uma mesa que já era a sua e Thérèse, sem que ele pedisse, veio colocar diante dele meia jarra de vinho branco e um copo.

À sua frente, Théo, com as cartas na mão, lançava-lhe de tempo em tempo um olhar cheio de malícia que dizia: “Você chega lá, você chega lá! Mais alguns anos desse regime e será como os outros”.

# CAPÍTULO VI

---

# O ENTERRO DA FUNCIONÁRIA DO CORREIO

NÃO FOI POR CAUSA DO ENTERRO da funcionária do correio, marcado para aquele dia, que Maigret despertou com um peso nos ombros. A morte de Léonie Birard não havia comovido ninguém, não teve nenhum caráter dramático, e os habitantes de Saint-André, nas casas do vilarejo e dos arredores, deviam se vestir para o funeral tão alegremente como para um casamento. Isso era tão verdadeiro que, já bem cedo, no pátio, Louis Paumelle, de camisa branca engomada e calça preta de algodão, enchia de vinho um número impressionante de jarras que colocava, não apenas atrás do balcão, mas na mesa da cozinha, como numa manhã de quermesse.

Os homens se barbeavam. Todos iam se vestir de preto, como se o vilarejo inteiro estivesse de luto. Maigret se lembrou de uma de suas tias, quando ele era pequeno, a quem seu pai perguntou por que havia comprado mais um vestido preto.

– Entenda, minha cunhada tem um câncer no seio e pode morrer dentro de poucos meses ou poucas semanas. Estraga muito as roupas ter de tingi-las!

Num vilarejo, há tantos parentes que podem morrer de uma hora para outra que as pessoas passam a vida inteira com roupas de luto.

Maigret também fez a barba.

Viu o ônibus da manhã partir quase vazio para La Rochelle, embora fosse um sábado. Thérèse lhe trouxe até o quarto uma xícara de café e água quente; na véspera, ela o vira passar horas num canto a beber vinho e, depois do jantar, pequenos tragos.

Não era tampouco porque havia bebido na véspera que ele tinha agora uma impressão de drama. No fundo, talvez, a razão era apenas que havia dormido mal. Passou a noite vendo rostos de crianças em primeiro plano, como no cinema, rostos que se assemelhavam ao jovem Gastin e ao jovem Sellier, mas que não eram exatamente nem um nem outro.

Ele tentava, sem conseguir, lembrar esses sonhos. Alguém se mostrava agressivo com ele, um dos garotos, não sabia qual deles, os dois se confundiam. Ele repetia a si mesmo que era fácil reconhecê-los, pois o filho do professor usava óculos. Só que logo em seguida via Marcel Sellier usando óculos também e respondendo-lhe, quando ele se mostrou surpreso:

– Só os ponho para ir ao confessionário.

Não era tão trágico que Gastin estivesse na prisão, já que o delegado não acreditava muito na sua culpa e o juiz de instrução provavelmente também não. Ele estava melhor lá, durante alguns dias, do que no vilarejo ou encerrado em sua casa. E um único testemunho, ainda mais um testemunho de criança, não seria suficiente para condená-lo.

No espírito de Maigret a coisa era mais complicada. Isso lhe acontecia com frequência. Podia-se dizer que a cada novo inquérito seu humor seguia mais ou menos a mesma curva.

No começo ele via as pessoas de fora. Suas pequenas excentricidades sobressaíam e isso era divertido. Depois, aos poucos, ele se punha na pele delas, perguntava-se por que reagiam dessa ou daquela maneira, surpreendia-se em pensar como elas, e as coisas já não eram mais tão divertidas.

Talvez, bem mais tarde, quando as tivesse visto tanto que não se surpreendesse com mais nada, fosse possível rir delas, como o doutor Bresselles.

Maigret não havia chegado aí. Os garotos o preocupavam. Parecia-lhe que pelo menos um deles, em alguma parte, devia viver uma espécie de pesadelo, apesar do sol ameno que continuava a banhar o vilarejo.

Desceu para fazer o desjejum no seu canto no momento em que carroças já traziam até a praça os camponeses que moravam mais longe. Eles não entravam imediatamente no café, formavam grupos escuros na rua e diante da igreja, e, por causa da pele bronzeada, suas camisas brancas pareciam cintilantes.

Ele não sabia quem se ocupava do funeral, não pensou em se informar. O fato é que o caixão fora trazido de La Rochelle e instalado diretamente na igreja.

As silhuetas negras se multiplicaram rapidamente. Maigret viu rostos que ainda não lhe eram familiares. O delegado de polícia lhe apertou a mão.

– Nada de novo?

– Nada. Eu o vi ontem na sua cela. Ele nega sempre e não consegue compreender por que Marcel Sellier se obstina em acusá-lo.

Maigret foi até o pátio da escola, onde não havia aulas nesse dia, e as janelas da casa do professor estavam fechadas, não se via ninguém, a mãe e o filho com certeza não acompanhariam o enterro, ficariam em casa, silenciosos, assustados, à espera de um incidente.

Mas não se percebia cólera na multidão. Os homens se interpelavam, alguns começavam a entrar no albergue de Louis e a beber um trago, tornavam a sair enxugando os lábios. À passagem do comissário todos se calavam, depois punham-se a falar em voz baixa acompanhando-o com os olhos. Um jovem que, apesar do bom tempo, vestia uma capa provida de um cinto aproximou-se dele, com um cachimbo muito grande na boca.

– Albert Raymond, repórter do *La Charente*! – ele falou com segurança.

Não devia ter mais de 22 anos. Era magro, de cabelos compridos, torcia a boca num sorriso irônico. Maigret limitou-se a fazer um sinal com a cabeça.

– Tentei vê-lo ontem, mas não tive tempo.

Por sua maneira de falar, de se comportar, adivinhava-se que ele se sentia o igual do comissário. Mais exatamente, ambos estavam à margem da multidão, podiam olhá-la de cima, como gente que sabe, que descobre as menores motivações da natureza humana.

– É verdade – ele perguntou, com um lápis e um pequeno bloco na mão – que o professor foi lhe oferecer todas as suas economias para tirá-lo da dificuldade?

Maigret voltou-se para ele, olhou-o dos pés à cabeça, esteve a ponto de abrir a boca, mas, alçando os ombros, virou-lhe as costas.

O imbecil talvez imaginasse que acertou em cheio. Não tinha importância alguma. Os sinos começaram a tocar. As mulheres encheram o interior da igreja, alguns homens também. Ouvia-se um murmúrio de órgão, a campainha do sacristão.

– Haverá missa ou apenas uma bênção? – perguntou o comissário a alguém que ele não conhecia.

– Uma missa e uma bênção. Levará algum tempo.

Tempo para ir beber um vinho no Louis. Aos poucos, a maioria dos homens se agrupou diante do albergue, onde eles entravam em grupos para beber uma meia jarra e depois tornar a sair. Era um entra e sai contínuo: havia gente na cozinha e mesmo no pátio. Louis Paumelle, que dera um pulo até a igreja, havia retirado o casaco e agora se atarefava, auxiliado por Thérèse e por um jovem que parecia acostumado a lhe dar uma ajuda.

Sellier, acompanhado pela esposa, assistia ao ofício. Maigret não tinha visto passar o jovem Marcel, mas compreendeu um pouco mais tarde, quando retornou à igreja. Marcel estava lá, com a sobrepeliz de sacristão, ajudando na missa. Ele devia ter vindo diretamente da sacristia, passando pelo pátio da casa de seus pais.

– *Dies irae, dies illa...*

As mulheres pareciam mesmo rezar e mexiam os lábios. Era pela alma de Léonie Birard que rezavam ou por elas mesmas? Alguns velhos se mantinham no fundo da nave, de chapéu na mão, e outros entreabriam de tempo em tempo a porta para ver em que ponto estava a missa.

Maigret tornou a sair, avistou Théo, que, à guisa de bom-dia, dirigiu-lhe seu habitual sorriso irônico.

Havia fatalmente alguém que sabia. Será que não seria mesmo mais de um a saber e a calar? No Louis começavam a falar em voz alta e um camponês magro, de bigodes caídos, já estava meio bêbado.

Também o açougueiro, pareceu a Maigret, tinha os olhos mais brilhantes que de costume e o andar menos firme; no intervalo de alguns minutos, o comissário o viu esvaziar três copos de vinho, na companhia de um e de outro.

Menos curioso que ele, ou mais sensível à curiosidade da multidão, o delegado permanecia na sala da prefeitura, cujo pátio estava vazio ao redor da tília.

Passou uma charrete, que servia de carro fúnebre, puxada por um cavalo baio em cujo lombo puseram uma cobertura preta. A charrete deteve-se diante do adro, enquanto o condutor foi beber um vinho.

Uma leve brisa animava o ar. Algumas nuvens, muito altas no céu, luziam como madrepérola.

Finalmente as portas se abriram. Os bebedores se precipitaram. Viu-se sair o ataúde carregado por quatro homens, entre os quais Maigret reconheceu Julien Sellier e o assessor do prefeito.

Içaram-no na charrete, não sem dificuldade. Cobriram-no com um tecido preto de franjas prateadas. O jovem Sellier também apareceu, portando a cruz de prata na ponta de uma haste de madeira escura, e sua sobrepeliz se inflou duas ou três vezes seguidas como um balão.

O padre seguia recitando preces, achando um tempo para observar cada um ao redor e deter por um instante o olhar na figura de Maigret.

Julien Sellier e sua mulher, ambos de preto, ela com um véu sobre o rosto, abriam o cortejo. Atrás vinha o prefeito, um homem alto e forte, de rosto calmo e cabelos grisalhos, cercado do conselho municipal; depois desfilava o grosso da multidão, primeiro os homens e a seguir as mulheres, algumas, sobretudo nas últimas filas, levando uma criança pela mão.

O jovem jornalista ia de um lado para outro, tomava notas, falava com pessoas que Maigret não conhecia. O cortejo avançava lentamente, passou diante do albergue de Louis, onde Thérèse estava sozinha na moldura da porta, pois Paumelle fazia parte do grupo do conselho municipal.

Pela segunda vez, naquela manhã, Maigret foi tentado a ir bater à porta dos Gastin e falar com Jean-Paul. No momento em que todos os moradores se dirigiam ao cemitério, não se sentiam a mãe e o filho mais sozinhos do que nunca no vilarejo deserto?

Ele acompanhou os outros, sem uma razão precisa. Passaram pela casa de Léonie Birard, depois por uma propriedade rural em cujo pátio um bezerro se pôs a mugir.

No momento de entrar no cemitério houve um certo atropelo, uma certa confusão. O padre e o sacristão já estavam diante da cova e nem todos haviam entrado.

Foi nesse instante que Maigret avistou um rosto acima do muro. Reconheceu Jean-Paul. Uma das lentes dos seus óculos refletiu o sol como um espelho.

Em vez de seguir a multidão, o comissário permaneceu fora e começou a contornar o cemitério com a intenção de alcançar o garoto. Não estaria este muito preocupado com o que se passava ao redor da cova para notar sua manobra?

Ele caminhou por uma espécie de terreno baldio. Quando estava a uns trinta metros do garoto, seu pé esmagou um galho seco.

Ágil, Jean-Paul virou a cabeça em sua direção, saltou da pedra onde estava encarapitado e se precipitou em direção à estrada.

Por pouco Maigret não o chamou, não o fez porque os outros teriam ouvido; limitou-se a apressar o

passo, esperando alcançar o garoto no caminho.

A situação era ridícula, ele se dava conta disso. Não ousava correr, Jean-Paul também não. O menino não tinha sequer a coragem de virar-se. Era talvez o único no vilarejo a não usar suas melhores roupas, a estar vestido como para a escola.

Para voltar para casa, como era provavelmente sua intenção, ele teria de passar diante do portão do cemitério, onde estava um grupo de camponeses.

Virou então à esquerda, em direção do mar, talvez esperando que o comissário não o seguisse.

Mas Maigret o seguiu. Não se viam mais propriedades rurais nem casas, somente campos e prados onde pastavam algumas vacas. Uma colina ocultava ainda o mar. A estrada subia levemente.

O garoto marchava o mais depressa que podia sem correr, e Maigret, por sua vez, esticava o passo. Nem mesmo sabia exatamente por que o perseguia daquele modo, mas se dava conta de que era cruel.

No espírito de Jean-Paul, ele devia representar uma autoridade formidável lançada a seu encalço. Mas podia o comissário começar a gritar: “Jean-Paul!... Pare!... Quero apenas falar com você...”?

O cemitério havia desaparecido atrás deles, e o vilarejo. Ao chegar no alto da colina, o jovem Gastin pôs-se a descer a encosta e Maigret não avistou mais que seu torso, depois sua cabeça. Por um instante não viu mais nada, até atingir por sua vez o alto da colina onde se descortinou, enfim, a extensão espelhada do mar, com uma ilha ao longe, pareceu-lhe, ou então a ponta do Aiguillon, e alguns barcos de pesca de velas marrons que pareciam suspensos no espaço.

Jean-Paul continuava sempre andando. Não existia caminho nem à direita nem à esquerda. À beira do mar se erguiam cinco ou seis cabanas de telhado vermelho onde os criadores de mexilhões guardavam seu material.

– Jean-Paul! – ele decidiu-se a chamar.

Sua voz ressoou de um modo tão estranho que ele quase não a reconheceu e virou-se para certificar-se de que ninguém o observava. Notou uma pequena mudança de ritmo no passo do garoto. A surpresa, ao ouvir o chamado, o fizera pensar em parar, mas, passada a surpresa, ele andou mais depressa do que nunca, quase corria, agora tomado de pânico.

O comissário sentia vergonha de insistir, aquilo parecia um brutamontes correndo atrás de uma criatura indefesa.

– Pare, pequeno...

O mais ridículo é que ele estava sem fôlego e sua voz não produzia efeito. A distância continuava mais ou menos a mesma entre eles. Para diminuí-la, seria preciso correr.

O que Jean-Paul esperava? Que Maigret desistisse e desse meia-volta?

Era mais provável que nem pensasse, que seguisse reto em frente como se fosse o único meio de escapar a um perigo. No final do caminho havia apenas o mar, cuja espuma brilhante se via rolar sobre os seixos.

– Jean-Paul...

No ponto onde estava, teria sido mais estúpido desistir do que continuar.

O garoto atingiu a praia, hesitou em seguir o caminho que devia conduzir ao próximo vilarejo, por fim parou, permaneceu de costas e, somente quando ouviu os passos do comissário muito perto, virou-se para ele.

Não estava vermelho, mas pálido, com as narinas contraídas. O peito erguia-se numa cadência rápida e os lábios se entreabriam, tinha-se a impressão de ouvir seu coração bater como o de um passarinho que seguramos na mão.

Maigret não disse nada. Não encontrava nada a dizer de imediato e ele também tinha necessidade de recuperar o fôlego.

Jean-Paul, que não olhava mais para ele, voltara os olhos em direção ao mar. Os dois o fixavam e o silêncio durou bastante tempo, o tempo suficiente para que seus corações retomassem um ritmo calmo e regular.

Maigret deu então alguns passos e sentou-se numa pilha de postes de madeira que cheiravam a pinheiro fresco. Retirou o chapéu, enxugou o suor e, com movimentos muito lentos, pôs-se a encher um cachimbo.

– Você marcha rápido – acabou por murmurar.

Seu interlocutor, de pé, com os jarretes tensos como um jovem galo, não respondeu.

– Não quer sentar-se aqui perto de mim?

– Não tenho vontade de me sentar.

– Está zangado?

Jean-Paul lançou-lhe um rápido olhar, perguntou:

– Por quê?

– Eu queria falar com você sem a presença da sua mãe. Na sua casa é impossível. Quando o avistei em cima do muro do cemitério, pensei que a ocasião era boa.

Para não assustar o garoto, ele deixava longos silêncios entre as frases.

– O que estava olhando?

– As pessoas.

– Não podia olhar todo o mundo ao mesmo tempo. Estou convencido de que olhava alguém em particular. Estou certo?

Jean-Paul não disse sim nem negou.

– Costuma ir à igreja?

– Não.

– Por quê?

– Porque meus pais não vão lá.

Com um adulto teria sido mais fácil. Havia muito que Maigret deixara de ser criança. Não tinha filho nem filha. Mas ele precisava fazer um esforço para pensar como o seu jovem interlocutor.

– Anunciou à sua mãe que sairia hoje de manhã?

– Não.

– Não queria que ela soubesse?

– Ela teria me impedido.

– Aproveitou que ela estava lá em cima para sair sem ruído e deu a volta pelas ruelas?

– Eu tinha vontade de ver.

– O quê?

Maigret podia jurar que não era a multidão nem a descida do ataúde na cova.

Ele se lembrou da sobrepeliz flutuando na brisa, da cruz que Marcel carregava, recordou o tempo em que, quando tinha apenas sete anos, tanto desejou ser sacristão. Teve que esperar dois anos. Ele também havia carregado a cruz de prata, a passos lentos, diante de um carro de enterro no campo, até o cemitério.

– Tinha vontade de ver Marcel?

Notou um estremecimento, o espanto de uma criança que de repente percebe que um adulto é capaz de adivinhar seus pensamentos.

– Por que não é amigo de Marcel?

– Não sou amigo de ninguém.

– Não gosta de ninguém?

– Sou o filho do professor, eu já lhe disse.



– Preferia ser o filho do ferrageiro, ou do prefeito, ou de algum lavrador do vilarejo?

– Eu não disse isso.

Era preciso cuidado para não o assustar, pois ele seria capaz de sair correndo outra vez. Mas não era só o temor de que Maigret o alcançasse que o retinha. Ele era mais rápido que o comissário. Será que agora, quando se achavam frente a frente, não sentia um certo alívio? Será que no fundo dele mesmo não havia uma vontade secreta de falar?

– Não quer mesmo se sentar?

– Prefiro ficar de pé.

– Está muito triste porque seu pai está na prisão?

Em vez de responder não em seguida, ele ficou em silêncio.

– Não está triste?

E Maigret via-se como um homem à espreita, que só avança com precauções infinitas. Não devia avançar muito depressa. Uma palavra seria suficiente para enrijecer a criança e então seria impossível obter dela alguma coisa.

– Você sofre por não ser como os outros?

– Por que é que não sou como os outros? Quem lhe disse?

– Suponha que eu tivesse um filho, que ele fosse à escola, que brincasse nas ruas do bairro. Seus companheiros diriam: “É o filho do comissário!”.

“E por causa disso não o tratariam exatamente da mesma forma que os outros. Está me entendendo?”

“Você é o filho do mestre-escola.”

O garoto lançou-lhe um olhar mais longo, mais insistente que os anteriores.

– Gostaria de ter sido sacristão?

Sentiu que seguia por um caminho errado. Era difícil dizer por que razão o sentia. Certas palavras provocavam uma pequena reação. Diante de outras, era como se Jean-Paul se fechasse.

– Marcel tem amigos?

– Tem.

– Quando estão juntos, eles falam em voz baixa? Trocam segredinhos, põem-se a rir ao olhar os outros?

Isso lhe veio de tão longe que ele se surpreendeu. Era a primeira vez, pareceu-lhe, que reencontrava lembranças tão vivas da própria infância, a ponto de sentir o cheiro do pátio da escola na época em que os lilases estavam floridos.

– Tentou ser amigo dele?

– Não.

– Por quê?

– Por nada.

– Imaginou que eles não o aceitariam?

– Por que está me fazendo todas essas perguntas?

– Porque seu pai está na prisão. Ele não atirou em Léonie Birard.

Espiou os olhos do garoto e este não estremeceu.

– Você sabe que ele não atirou. Então foi um outro que fez. Gostaria que seu pai fosse condenado?

– Não.

Houve uma hesitação quase imperceptível, e Maigret preferiu não insistir. Ele já havia pensado nisso na véspera e, no seu canto do albergue, havia se perguntado se Jean-Paul não odiava em segredo o pai e a mãe por não ser como os outros.

E não só porque o pai era o professor. Eles não iam à igreja. Não o vestiam da mesma forma que os

colegas. Sua casa também não era como as outras, nem sua vida. A mãe nunca sorria, esgueirava-se como uma sombra, humilde e arrependida. Ela fizera algo de errado e, para puni-la, uma mulher lhe dera um tiro.

Essa mulher não fora condenada, o que provava que teve razão.

Será que mesmo assim Jean-Paul os amava? Bem ou mal, ele fazia parte do clã, era da mesma raça. Tudo isso era difícil de exprimir. Havia nuances que desapareciam tão logo se usavam palavras.

– Acho que você sabe uma coisa que é suficiente para fazer seu pai sair da prisão...

Ele mesmo ignorava aonde ia. Ficou surpreso de ver Jean-Paul levantar vivamente a cabeça, fixá-lo com um misto de terror e admiração. O garoto abriu a boca, ia falar, mas se calou, com os punhos cerrados pelo esforço que fez para se controlar.

– Veja, estou apenas tentando compreender. Não conheço muito seu pai, mas estou convencido de que é um homem que não mente. Ele afirma que não pôs os pés na cabana de ferramentas na terça-feira de manhã e eu acredito.

A criança, sempre na defensiva, continuava a observá-lo.

– Por outro lado, Marcel Sellier parece ser um bom rapaz. Quando lhe acontece de mentir, logo vai se confessar para não ficar em estado de pecado. Ele não tem nenhuma razão para fazer condenarem seu pai. Este, ao contrário de ser injusto com ele, faz com que ele seja sempre o primeiro da classe, quando você é que deveria ser.

“Ora, Marcel afirma que viu seu pai sair da cabana.”

Foi como uma bolha que subisse de repente à superfície de um lago. Jean-Paul pronunciou, de cabeça baixa, sem olhar para Maigret:

– Ele mente.

– Tem certeza de que ele mente, não é? Não é apenas uma impressão. Também não é por ciúme que diz isso.

– Não tenho ciúme dele.

– Por que então não confessou mais cedo?

– O quê?

– Que Marcel mentiu?

– Porque não pude.

– Tem certeza de que ele não viu seu pai?

– Tenho.

– Como?

Maigret esperava lágrimas, talvez até gritos, mas Jean-Paul tinha os olhos secos atrás dos óculos. Só que seu corpo se relaxara. Não havia nada mais de agressivo na sua atitude. Abandonou mesmo a posição defensiva.

O único sinal de rendição que deu foi, ao sentir-se mal equilibrado sobre as pernas, sentar-se a uma certa distância do comissário.

– Eu o vi.

– Quem você viu?

– Marcel.

– Onde? Quando?

– Na classe, perto da janela.

– Conte-me exatamente o que aconteceu.

– Não aconteceu nada. O sr. Piedboeuf veio procurar meu pai. Os dois foram até a sala da prefeitura.

– Você os via?

- Sim. Do meu lugar eu podia vê-los. Eles entraram lá e todos os alunos passaram a fazer bagunça, como de costume.
  - Você não saiu da sua carteira?
  - Não.
  - Nunca faz bagunça?
  - Não.
  - Onde estava Marcel?
  - Perto da primeira janela da esquerda, a que dá para o pátio e os jardins.
  - O que ele fazia?
  - Nada. Olhava para fora.
  - Ele também não faz bagunça?
  - Raramente.
  - Quando isso acontece?
  - Quando Joseph também está.
  - O filho do açougueiro?
  - É.
  - Você estava sentado no banco. Marcel estava perto da janela da esquerda. Seu pai e o sr. Piedboeuf se achavam na sala da prefeitura. É isso?
  - É.
  - As janelas estavam abertas?
  - Estavam fechadas.
  - Mesmo assim você ouvia o ruído da forja?
  - Acho que sim. Não tenho muita certeza.
  - O que se passou?
  - Marcel deixou a janela e atravessou a classe.
  - Para ir onde?
  - A uma das duas janelas da direita.
  - Aquela de onde se pode ver os fundos da casa da sra. Birard?
  - Sim.
  - Seu pai continuava na prefeitura nesse momento?
  - Sim.
  - Marcel não disse nada?
  - Não. Ele olhou pela janela.
  - Não sabe o que ele olhava?
  - Do meu lugar eu não via.
  - Costuma observar Marcel?
- Ele confessou, constrangido:
- Sim.

Desta vez Maigret não lhe perguntou por quê. Os dois eram bons alunos e, por Jean-Paul ser o filho do professor, o outro é que era o primeiro da classe. Marcel era sacristão e, aos domingos, usava a sobrepeliz. Marcel tinha amigos, Joseph, o filho do açougueiro, com quem cochichava durante os recreios e na casa de quem ia brincar depois das aulas.

- Viu seu pai sair da prefeitura?
- Ele foi até a nossa casa, para beber uma xícara de café.
- A janela da cozinha estava aberta?

– Não. Mas sei que ele bebeu uma xícara de café. Ele faz isso sempre.

– Sua mãe estava embaixo?

– Em cima, no meu quarto. Eu a via pela janela aberta.

– Seu pai, a seguir, não entrou na cabana de ferramentas?

– Não. Ele atravessou o pátio para voltar para a classe.

– E Marcel continuava sempre diante da janela, a da direita?

– Continuava.

– Por que não disse isso em seguida?

– Quando?

Maigret precisou de um tempo para pôr as lembranças em ordem.

– Espere. Descobriram o corpo de Léonie Birard no início da tarde. Você não foi interrogado logo a seguir?

– Não nos interrogaram naquele dia. Não sabíamos bem o que estava acontecendo. Víamos apenas gente chegando e saindo. Depois vimos os guardas.

Na terça-feira, em suma, ninguém acusou abertamente o professor. Marcel Sellier não disse nada, nem a seus pais nem a ninguém. Portanto, Jean-Paul não tinha nenhum motivo e nenhuma possibilidade de contradizê-lo.

– Estava presente, no dia seguinte, quando Marcel foi interrogado?

– Não. Fizeram-nos ir à sala da prefeitura um por um.

– E quando ele voltou na quinta de manhã? Quando você soube que ele afirmou ter visto seu pai?

– Não sei mais.

– Na terça à noite seus pais falaram de Léonie Birard?

– Somente quando me deitei. Ouvi uma parte do que diziam. Minha mãe afirmava que a culpa era dela. Meu pai respondia que não, que eram só boatos, que veriam que ele não tinha culpa alguma.

– Por que, quando soube que Marcel o acusava, não protestou?

– Não teriam acreditado em mim.

Mais uma vez Maigret julgou perceber uma nuance, um nada, algo muito sutil para ser expresso. O garoto não se alegrou de ver o pai acusado. É provável que tenha sentido um pouco de vergonha ao sabê-lo na prisão. Mas não havia, na casa dele, uma certa covardia? Não tinha Jean-Paul, por menos que fosse e sem confessar a si mesmo, vontade de não se solidarizar com os pais?

Ele os culpava por serem diferentes dos outros. E eles eram mais diferentes do que nunca, e o vilarejo, em vez de mantê-los à parte, voltava-se contra eles.

Jean-Paul invejava Marcel.

Iria acusá-lo, por sua vez?

Bem no fundo ele não cedera a um mau sentimento. Não se tratava de covardia, pelo menos não só de covardia.

Não se podia afirmar, ao contrário, que havia uma certa lealdade em relação aos outros?

Jean-Paul tinha a ocasião de contradizer Marcel, de chamá-lo de mentiroso. Era fácil. Será que isso lhe parecia fácil demais, uma vitória obtida sem esforço?

Além do mais, restava o fato de que não acreditariam nele. Com efeito, quem teria acreditado, no vilarejo, se ele viesse dizer: “Sellier mentiu. Meu pai não saiu da cabana de ferramentas. Eu o vi entrar na casa, sair, atravessar o pátio. E nesse momento Marcel estava diante da janela oposta, de onde não podia vê-lo”.

– Não disse nada à sua mãe?

– Não.

– Ela chora muito?

– Ela não chora.

Era pior ainda. Maigret imaginou a atmosfera da casa durante aqueles dias.

– Por que saiu hoje de manhã?

– Para ver.

– Para ver Marcel?

– Talvez.

Não seria também, sem que o soubesse, por necessidade de participar, mesmo de longe, da vida do vilarejo? O garoto não sufocava na pequena casa no fundo do pátio, onde não ousavam mais abrir as janelas?

– O senhor vai dizer isso ao delegado?

– Primeiro preciso ver Marcel.

– Contará a ele que fui eu que falei?

– Prefere que ele não saiba?

– Prefiro.

No fundo, ele não perdia completamente a esperança de ser admitido um dia no grupo prestigioso de Marcel, de Joseph e dos outros.

– Acho que ele me dirá a verdade sem que eu precise citar você. Outros alunos devem ter visto e saber diante de que janela ele estava.

– Eles faziam bagunça.

– Todos?

– Menos uma das meninas, Louise Boncoeur.

– Que idade ela tem?

– Quinze anos.

– Ela não bagunça com os outros?

– Não.

– Acha que ela olhava para Marcel?

Pela primeira vez houve um rubor no rosto dele, sobretudo nas orelhas.

– Ela sempre olha para ele – balbuciou.

É porque estava enamorada do filho do ferrageiro que a menina não o contradisse ou, mais simplesmente, porque não fez a distinção entre uma janela e outra? Marcel afirmou que se manteve perto da janela. Seus colegas não devem ter se perguntado de qual janela se tratava.

– Já é tempo de voltarmos ao vilarejo.

– Eu preferia não voltar com o senhor.

– Quer ir na frente?

– Sim. Promete que não dirá nada a Marcel?

Maigret balançou a cabeça afirmativamente e o garoto hesitou, levou a mão ao boné, pôs-se a caminhar em direção dos campos e em seguida a correr.

O comissário, que estava enfim à beira do mar, esqueceu de olhá-lo, seguia com os olhos a silhueta que se afastava na estrada.

Pôs-se em marcha por sua vez, parou para encher o cachimbo, assoou-se, resmungou palavras ininteligíveis, e quem o tivesse visto avançar lentamente pelo caminho teria na certa se indagado por que ele balançava de tempo em tempo a cabeça.

Quando passou diante do cemitério, os coveiros haviam terminado de cobrir com terra amarelada o caixão de Léonie Birard, cujo túmulo se reconhecia de longe pelos ramalhetes e coroas de flores

recentes.

# CAPÍTULO VII

---

# AS INDULGÊNCIAS DO DOUTOR

AS MULHERES TINHAM VOLTADO para casa e, exceto algumas que moravam mais longe, já deviam ter tirado o vestido preto e seus melhores calçados. Já os homens ficaram, como num dia de quermesse, e transbordavam do albergue de Louis até a calçada e o pátio, onde se podia vê-los pousar sua garrafa no apoio de uma janela ou numa velha mesa de ferro que passara o inverno ali.

Pelo tom das vozes, pelos risos, pela lentidão e pela imprecisão dos gestos, sabia-se que haviam bebido muito e um deles, do qual Maigret não viu o rosto, se aliviava atrás da sebe.

Thérèse, atarefada, tivera tempo de lhe trazer meia jarra de vinho e um copo. Ele havia dado alguns passos no interior e ouvia várias conversas ao mesmo tempo quando avistou o doutor na cozinha, mas havia gente demais no caminho para que pudesse aproximar-se.

– Nunca pensei que a levaríamos à cova – dizia um velho balançando a cabeça.

Eram três, mais ou menos da mesma idade. Todos certamente com mais de 75 anos e, no canto onde estavam, lia-se atrás deles, na parede branca, a lei sobre a venda de bebidas alcoólicas e sobre a embriaguez pública. Por causa do terno preto de domingo, da camisa engomada, eles se mostravam mais rígidos que de costume e isso lhes dava uma certa solenidade.

Era curioso descobrir, no rosto enrugado deles, com sulcos profundos, olhos que, quando se olhavam, adquiriam uma expressão ingênua, infantil. Cada um tinha um copo na mão. O mais alto dos três, que tinha magníficos cabelos brancos e bigodes sedosos, oscilava ligeiramente e, sempre que queria tomar a palavra, colocava um dedo no ombro de um dos companheiros.

Por que Maigret os imaginou de repente no pátio da escola? As risadas, os olhares que trocavam, eram ainda risadas e olhares de escolares. Eles haviam estudado juntos. Mais tarde, tiveram suas primeiras experiências sexuais com as mesmas mulheres e assistiram ao casamento uns dos outros, ao enterro dos pais, às núpcias dos filhos e ao batismo dos netos.

– Ela quase poderia ter sido minha irmã, pois meu pai sempre me disse que um monte de vezes deitou com a mãe dela numa pilha de feno. Parece que era uma fêmea impetuosa e que o marido foi corneado a vida inteira.

Isso não explicava o vilarejo? Atrás de Maigret, num outro grupo, alguém dizia:

– Quando ele me vendeu aquela vaca, eu falei:

“– Escute, Victor. Sei que você é um ladrão. Mas não esqueça que fizemos nosso serviço militar juntos em Montpellier e que uma noite...”

Louis, que não tivera tempo de trocar de roupa, limitara-se a tirar o casaco. Maigret se esgueirou lentamente, lembrando-se de que o doutor o havia convidado para almoçar na casa dele. Será que Bresselles o havia esquecido?

Ele tinha um copo na mão, como os outros, mas conservava a serenidade, procurando ouvir o que dizia o açougueiro, Marcellin, que era o mais bêbado de todos e parecia muito agitado. Era difícil, de longe, saber exatamente o que se passava. Aparentemente, Marcellin estava irritado com alguém e queria ir da cozinha até a sala, rechaçando o doutor que tentava dissuadi-lo.

– Estou lhe falando que vou dizer a ele! – ouviu o comissário.

– Acalme-se, Marcellin. Você está bêbado.

– E por acaso não tenho o direito de ficar bêbado?

– O que foi que eu disse da última vez que você foi ao consultório?

– Pouco importa!



- Se continuar assim, o próximo enterro será o seu.
- Não admito que me espionem. Sou um homem livre.

O vinho não lhe fazia bem. Seu rosto estava branco, com um rosado doentio nas maçãs e em torno das pálpebras. Ele não controlava mais os movimentos. A voz estava pastosa.

- Ouviu, doutor? Nunca suportei espões. E o que ele está fazendo aqui senão...

Era Maigret que ele olhava, de longe, e em cuja direção tentava se precipitar para lhe dizer o que tinha no peito. Outros dois ou três o observavam, rindo. Alguém estendeu um copo que o doutor interceptou e cujo conteúdo despejou no chão.

- Não vê que pra ele já deu, Firmin?

Até então não houvera nenhuma briga, nenhuma confusão. No fundo, todos se conheciam bem demais para brigar e cada um sabia exatamente quem era o mais forte.

Maigret evitou aproximar-se mais; para não excitar o açougueiro, fingiu não perceber o que acontecia. Mesmo assim observava o grupo e assistiu a uma pequena cena que não deixou de surpreendê-lo.

O assessor, Théo, alto e indolente, sempre com um olhar de troça, juntou-se aos outros brandindo um copo, não de vinho, mas de Pernod, que pela cor parecia muito bem-servido.

Disse algumas palavras em voz baixa ao doutor, estendeu o copo ao açougueiro pondo-lhe a mão no ombro. Falou também a ele, e Marcellin, num primeiro momento, pareceu debater-se e querer rechaçá-lo.

Por fim pegou o copo, ingeriu o conteúdo num gole e seu olhar, quase instantaneamente, ficou mais vago, embaciado. Tentou ainda estender um dedo ameaçador na direção do comissário, mas seu braço estava agora muito pesado.

Então, como se o tivesse nocauteado, Théo o empurrou em direção à escada, onde o fez subir e onde, após alguns degraus, precisou içá-lo apoiando-o com o ombro.

- Não esqueceu meu convite?

O médico, que havia alcançado Maigret, suspirava de alívio e pronunciou mais ou menos as mesmas palavras que o velho do canto.

- *Desse jeito eles vão levá-lo à cova! Vem comigo?*

Os dois saíram, chegaram à calçada, deram alguns passos na rua.

- Daqui a três meses será a vez de Marcellin. Repito a ele regularmente:

“– Se não parar de beber, Marcellin, você vai morrer!

“Ele chegou ao ponto de não comer mais.”

- Está muito doente?

– Todos são doentes na sua família. É um coitado.

- Théo foi colocá-lo na cama lá em cima?

– Era preciso livrar-se dele.

O doutor abriu a porta. Havia um cheiro bom de comida na casa.

- Toma um aperitivo?

– Acho melhor não.

O odor de vinho era tão denso no albergue de Louis que ele ficou meio tonto só de respirá-lo.

- Assistiu ao enterro?

– De longe.

- Eu o procurei ao sair do cemitério, mas não o vi. O almoço está pronto, Armande?

– Dentro de cinco minutos.

Havia pratos e talheres apenas para duas pessoas. Da mesma forma que uma empregada de padre, a irmã do doutor preferia não sentar-se à mesa. Devia comer de pé, na cozinha, entre dois pratos servidos.

- Sente-se. E então, o que me diz?
- De quê?
- De nada. De tudo. Ela teve um enterro e tanto!

Maigret murmurou:

- O professor continua na prisão.
- Era preciso que pusessem alguém lá.
- Gostaria de lhe fazer uma pergunta, doutor. Entre toda essa gente que foi ao enterro, acha que muitos creem que Gastin matou Léonie Birard?

- Alguns com certeza. Há gente que acredita em tudo.
- E os outros?

O médico não compreendeu de imediato o alcance da pergunta. Maigret explicou:

- Digamos que um décimo da população esteja convencida de que o professor atirou.
- É mais ou menos a proporção.
- Os outros nove décimos têm uma ideia.
- Sem dúvida.

– De quem eles suspeitam?

– Depende. Na minha opinião, cada um suspeita, com maior ou menor sinceridade, da pessoa que mais gostaria que fosse a culpada.

– E ninguém fala disso?

– Eles devem falar entre si.

– Ouviu alguém exprimir suspeitas desse tipo?

O doutor o olhou com uma ironia muito semelhante à de Théo.

– Comigo eles não falam dessas coisas.

– De todo modo, mesmo sabendo ou acreditando que o professor não é culpado, eles não se importam que ele esteja na prisão.

– Nem um pouco, com certeza. Gastin não faz parte do vilarejo. Eles consideram que, se o delegado ou o juiz de instrução julgaram conveniente prendê-lo, o problema é deles. Os dois são pagos para isso.

– Deixariam que ele fosse condenado?

– Sem pestanejar. Mas, se fosse um deles, a história seria outra. Está começando a entender? A partir do momento em que há um culpado, melhor que seja um estrangeiro.

– Eles julgam o jovem Sellier sincero?

– Marcel é um bom rapaz.

– Ele mentiu.

– É possível.

– Eu me pergunto por quê.

– Talvez porque imaginou que acusariam seu pai. Não devemos esquecer que a mãe dele é sobrinha da velha Birard e que ela será a herdeira.

– Achei que a ex-funcionária do correio havia sempre afirmado que a sobrinha não ficaria com nenhum vintém.

Percebia-se um certo embaraço na atitude do doutor. Sua irmã trouxe os antepastos.

– A senhora não foi ao enterro? – perguntou-lhe Maigret.

– Armande nunca vai aos enterros.

Começaram a comer em silêncio. Maigret foi o primeiro a falar de novo, como para si mesmo.

– Não foi na terça-feira, mas na segunda, que Marcel Sellier viu o professor sair da cabana de ferramentas.

– Ele confessou?

– Ainda não perguntei a ele, mas tenho quase certeza. Na segunda-feira, antes das aulas, Gastin trabalhou no seu jardim. Quando atravessou o pátio, durante a manhã, ele viu uma enxada deixada no chão e foi recolocá-la no lugar. Na terça à noite, após a descoberta do corpo, Marcel não disse nada e ainda não pensava em acusar o mestre-escola.

“Mais tarde surgiu-lhe uma ideia, ou ela foi sugerida por uma conversa que ouviu.

“Ele não mentiu completamente. As mulheres e as crianças são especialistas nessas meias mentiras. Não inventou nada, limitou-se a deslocar em um dia um acontecimento real.”

– É bastante estranho!

– Aposto que ele tenta convencer-se de que foi de fato na terça-feira que viu o professor sair da cabana. Evidentemente não consegue e deve ter ido confessar-se.

– Por que não pergunta ao padre?

– Porque, se este me respondesse, estaria traindo indiretamente o segredo da confissão. O padre não fará isso. Pensei em perguntar aos vizinhos, entre outros o pessoal da cooperativa, se viram Marcel entrar na igreja fora dos serviços religiosos; mas sei agora que ele vai até lá pelo pátio.

A perna de carneiro estava excelente, e o feijão se desmanchava na boca. O doutor havia aberto uma velha garrafa de vinho. Na rua, eles podiam ouvir um rumor abafado, o ruído das conversas no pátio do albergue e na praça.

O doutor percebia que Maigret apenas falava para testar suas ideias com um interlocutor? Ele girava em volta do mesmo assunto sem nunca chegar ao essencial.

– No fundo, não acho que Marcel mentiu para evitar que suspeitassem do pai.

Ele teve a impressão, nesse momento, de que Bresselles não sabia mais o que ele estava querendo dizer.

– É mesmo?

– Veja, procuro me colocar na pele das crianças. Desde o início tenho a impressão de que se trata de uma história de crianças, na qual os adultos só estão envolvidos por acaso.

E acrescentou, olhando o doutor de frente, com calma, pesadamente:

– E penso cada vez mais que outros também sabem disso.

– Acha que, sendo assim, conseguirá fazê-los falar?

– Talvez. Mas é difícil, não?

– Muito difícil.

Bresselles continuava a zombar dele da mesma maneira que o assessor do prefeito.

– Tive hoje de manhã uma longa conversa com o jovem Gastin.

– Foi à casa deles?

– Não. Avistei-o observando o enterro por cima de um muro e o segui até o mar.

– O que ele foi fazer no mar?

– Fugia de mim. Ao mesmo tempo, desejava que eu o alcançasse.

– O que ele lhe disse?

– Que Marcel Sellier não estava diante da janela da esquerda, mas diante da janela da direita. A rigor, Marcel poderia ter visto Léonie Birard cair no momento em que a bala lhe entrou no olho, mas era-lhe impossível ver o professor sair da cabana.

– E o que conclui disso?

– Que foi para acobertar alguém que o jovem Sellier decidiu mentir. Não em seguida. Ele deu um tempo. Provavelmente a ideia não lhe veio de imediato.

– Por que ele escolheu o professor?

– Primeiro por ser a pessoa mais plausível. E também, justamente, por tê-lo visto na véspera, quase à mesma hora, sair da cabana. E talvez, enfim, por causa de Jean-Paul.

– Acha que ele o detesta?

– Veja, doutor, não afirmo nada. Estou procurando às cegas. Interroguei os dois garotos. Hoje de manhã, observei velhos que outrora também foram crianças aqui mesmo. Se os habitantes do vilarejo são facilmente hostis aos estrangeiros, não é porque, sem saber, os invejam? Eles passam sua existência inteira em Saint-André, com uma viagem a La Rochelle de tempo em tempo, tendo por distração um casamento ou um enterro.

– Entendo aonde quer chegar.

– O professor vem de Paris. Aos olhos deles, é um homem instruído que se ocupa de seus pequenos problemas e se mete a lhes dar conselhos. Para um garoto, o filho do professor tem um pouco do mesmo prestígio.

– Marcel mentiu por ódio a Jean-Paul?

– Em parte por inveja. O mais curioso é que, por seu lado, Jean-Paul inveja Marcel e seus amigos.

Sente-se sozinho, diferente dos outros, mantido a distância por eles.

– Contudo, há alguém que atirou na velha Birard e não pode ter sido nenhum dos dois garotos.

– Exato.

Era servida uma torta de maçãs feita em casa, e o cheiro de café chegava da cozinha.

– Tenho cada vez mais a impressão de que Théo conhece a verdade.

– Porque ele estava no seu jardim?

– Por essa e por outras razões. Ontem à noite, doutor, o senhor me disse que são todos canalhas.

– Eu estava brincando.

– Em parte, não é verdade? Todos trapaceiam em maior ou menor grau, cometem o que chamaria de pequenas canalhices. O senhor não tem papas na língua e às vezes lhes fala com dureza. Mas em realidade não os trairia. Estou certo?

– O padre, como disse, se recusaria a responder se o senhor lhe perguntasse a respeito de Marcel e acho que tem razão. Eu sou o médico deles. É um pouco a mesma coisa. Sabe, comissário, que o nosso almoço começa a se parecer com um interrogatório? O que prefere com o café? Uma cachaça ou um conhaque?

– Conhaque.

Bresselles foi pegar a garrafa num móvel antigo, encheu os copos, sempre alegre, divertido, mas com um pouco mais de seriedade nas pupilas.

– À sua saúde!

– Eu gostaria de falar do acidente – pronunciou Maigret, quase tímido.

– Que acidente?

O doutor só fazia a pergunta para se dar um tempo de refletir, pois os acidentes não eram tão numerosos no vilarejo.

– O acidente da motocicleta.

– Falaram-lhe disso?

– Sei apenas que o filho de Marcellin foi derrubado por uma motocicleta. Quando aconteceu?

– Há mais ou menos um mês, num sábado.

– Foi perto da casa da velha Birard?

– Não muito longe. Talvez uns cem metros.

– A que horas?

– Um pouco antes da janta. Anoitecia. Os dois garotos...

- Que garotos?
- Joseph, o filho de Marcellin, e Marcel.
- Estavam só os dois?
- Sim. Voltavam para suas casas. Uma moto vinha do mar. Não se sabe exatamente como aconteceu.
- Quem era o motociclista?
- Hervé Jusseau, um criador de mexilhões de uns trinta anos que se casou no ano passado.
- Ele havia bebido?
- Não bebe. Foi criado pelas tias, que são muito rigorosas e continuam a viver com o casal.
- O farol estava aceso?
- O inquérito demonstrou que sim. As crianças deviam estar brincando. Joseph quis atravessar a estrada e foi atropelado.
- E teve uma perna quebrada.
- Em dois lugares.
- Ficaré manco?
- Não, daqui a uma semana ou duas já estará recuperado.
- Ele ainda não consegue andar?
- Não.
- O acidente rendeu alguma coisa a Marcellin?
- O seguro pagará uma certa quantia, pois Jusseau admitiu que talvez tivesse culpa.
- Acha que ele teve culpa?

O doutor, visivelmente pouco à vontade, preferiu dar uma risada.

– Começo a saber o que vocês chamam, no Quai des Orfèvres, de um interrogatório de cantilena.

Prefiro abrir o jogo e pôr na mesa. Não é assim que vocês dizem?

Ele encheu os copos.

– Marcellin é um pobre coitado. Todo o mundo sabe que não vai durar muito tempo. Não se pode criticá-lo por beber, pois nunca teve sorte. Não apenas há sempre alguém doente na casa dele, mas tudo o que empreende não dá certo. Há três anos alugou um campo para a engorda de bois, veio uma seca e ele perdeu tudo. Come o pão que o diabo amassou. Sua caminhonete fica mais tempo pifada à beira da estrada do que entregando carne.

– E então Jusseau, que nada tem a perder porque o seguro é que paga, assumiu toda a culpa.

– É mais ou menos isso.

– Todo o mundo está sabendo?

– Mais ou menos. Uma seguradora é uma entidade vaga e distante, como o governo, e parece sempre um direito tomar o dinheiro dela.

– O senhor redigiu as ocorrências?

– Certamente.

– Redigiu-as de modo que Marcellin obtivesse o máximo possível?

– Digamos que insisti nas complicações que poderiam ocorrer.

– Houve complicações?

– Poderia ter havido. Quando uma vaca morre de doença súbita, na metade dos casos o veterinário redige uma ocorrência de acidente.

Foi a vez de Maigret sorrir.

– Se compreendo bem, o filho de Marcellin poderia estar de pé depois de uma semana ou duas.

– Uma semana.

– E, ao mantê-lo engessado, o senhor permite que o pai reclame uma quantia mais elevada do seguro.

– Veja, mesmo o médico é obrigado a ser um pouco canalha. Se eu recusasse, há muito não estaria mais aqui. E é por recusar-se a dar atestados de auxílio que o professor está hoje na prisão. Se ele tivesse sido mais indulgente, se não tivesse discutido cem vezes com Théo criticando-o por se mostrar generoso com o dinheiro do governo, talvez acabassem por adotá-lo.

– Apesar do que aconteceu com a mulher dele?

– Aqui todos também têm seus chifres.

– Marcel Sellier foi a única testemunha do acidente?

– Eu lhe falei que anoitecia. Não havia mais ninguém no caminho.

– Alguém poderia tê-los visto de uma janela?

– Está pensando na Birard?

– Suponho que ela não ficava *sempre* na cozinha e que lhe acontecia de ir até a peça da frente.

– Não se falou dela no inquérito. Ela não disse nada.

O doutor coçou a cabeça, muito sério desta vez.

– Tenho a impressão de que o senhor sabe agora aonde está querendo chegar. Mas note que ainda não o acompanho.

– Tem certeza?

– De quê?

– Por que razão, hoje de manhã, Marcellin quis avançar contra mim?

– Ele estava bêbado.

– Por que atacar a mim em particular?

– O senhor era o único estranho no albergue. Quando bebe, ele se julga perseguido, por isso imagina que veio aqui para espioná-lo...

– O senhor se esforçou para acalmá-lo.

– Teria preferido a briga?

– Théo o nocauteou fazendo-o beber um duplo ou triplo Pernod e o levou ao andar de cima. É a primeira vez que vejo o assessor socorrendo os outros.

– Marcellin é seu primo.

– Eu teria preferido que o deixassem dizer o que tinha vontade de me dizer.

Era visível que os outros não queriam que ele falasse, que o haviam de certo modo retirado de cena, e agora o açougueiro devia estar curtindo o porre num dos quartos do primeiro andar.

– Preciso ir ao consultório – disse Bresselles. – Certamente uns dez já devem estar me esperando.

O consultório era uma construção baixa, de duas peças, no pátio. Viam-se pessoas sentadas em fila contra uma parede, entre elas uma criança com uma bandagem em volta da cabeça e um velho de muletas.

– Acho que chegará a alguma coisa! – suspirou o doutor, referindo-se não à carreira de Maigret, é claro, mas à sua investigação.

Ele o olhava agora com um certo respeito, mas também com algum aborrecimento.

– Preferia que eu não descobrisse nada?

– Eu me pergunto. Talvez teria sido melhor que o senhor não tivesse vindo.

– Depende do que há no fim. Não faz a menor ideia do que seja?

– Sei mais ou menos tanto quanto o senhor.

– E teria deixado Gastin na prisão?

– De todo modo, eles não podem deixá-lo lá por muito tempo.

Bresselles não era da região. Nascera na cidade, como o professor. Mas havia mais de vinte anos que vivia no vilarejo e, sem querer, sentia-se solidário com seus habitantes.

– Venha me ver quando quiser. Acredite que faço o que posso. O fato é que prefiro viver aqui e

passar a maior parte dos dias nas estradas a me encerrar num consultório de uma cidade ou de uma periferia qualquer.

– Obrigado pelo almoço.

– Vai interrogar de novo o jovem Marcel?

– Ainda não sei.

– Se faz questão de que ele fale, é preferível vê-lo sem a presença do pai.

– Ele tem medo do pai?

– Não acho que seja medo. É mais admiração. Se mentiu, deve estar aterrorizado.

Quando Maigret chegou à rua, só havia alguns grupos no Louis e na praça. Théo, num canto do albergue, jogava cartas, como nos outros dias, com o carteiro, o ferreiro e um agricultor. Seu olhar cruzou o de Maigret e, embora continuasse brincalhão, começava a deixar transparecer um certo respeito.

– Marcellin continua lá em cima? – perguntou o comissário a Thérèse.

– Está roncando! Sujou todo o quarto. Ele não suporta mais a bebida. É sempre a mesma coisa.

– Alguém procurou por mim?

– O delegado passou aqui há pouco. Não entrou, só deu uma espiada no interior como se procurasse alguém, talvez o senhor. Bebe alguma coisa?

– Não, obrigado.

O cheiro mesmo do vinho o nauseava. Dirigiu-se devagar até a prefeitura. Um dos guardas estava conversando com o delegado Daniélou.

– Queria me ver?

– Não especialmente. Passei há pouco na praça e olhei se estava no albergue.

– Nada de novo?

– Talvez não seja importante. O guarda Nouli encontrou uma sétima carabina.

– Calibre 22?

– Sim. Aqui está. É do mesmo tipo que as outras.

– Onde ela estava?

– No depósito, atrás da casa do açougueiro.

– Escondida?

O guarda mesmo respondeu:

– Eu continuava procurando a cápsula com meu colega. Passávamos de um jardim a outro. Vi a porta de um depósito aberta, com manchas de sangue por toda parte. Num canto, avistei a carabina.

– Interrogou a mulher do açougueiro?

– Sim. Ela me respondeu que, quando avisaram para que todas as carabinas fossem levadas à prefeitura, ela não pensou na do filho, já que ele estava de cama. Ele teve um acidente naquele mês e...

– Eu sei.

Maigret, com a arma na mão, tirava pequenas baforadas do cachimbo. Acabou por colocar a carabina num canto, separada das outras.

– Pode me acompanhar por um instante, delegado?

Eles atravessaram o pátio e entraram na classe, onde reinava um cheiro de tinta e de giz.

– Veja, não sei ainda aonde isso nos levará. Na terça-feira de manhã, quando o professor saiu daqui com o sr. Piedboeuf, Marcel Sellier dirigiu-se para essa janela.

– Foi o que ele nos declarou.

– Pode-se ver, à direita da tília, a cabana de ferramentas. Pode-se ver também janelas, entre outras as do primeiro andar da casa do açougueiro.

O delegado escutava, de cenho franzido.

– O garoto não permaneceu nesse lugar. Antes de o professor deixar a sala da prefeitura, ele atravessou a classe.

Maigret fez o mesmo movimento, passou diante do quadro-negro, do púlpito do mestre-escola, dirigiu-se até a janela exatamente defronte à primeira.

– Daqui, como pode ver, avista-se a casa de Léonie Birard. Se esta estivesse de pé junto à janela quando foi atingida, como o inquérito parece demonstrar, é possível que Marcel a tenha visto cair.

– Está supondo que ele tinha um motivo para passar de uma janela a outra? Ele teria visto algo e...

– Não necessariamente.

– Por que ele mentiu?

Maigret preferiu não responder.

– O senhor tem suspeitas?

– Creio que sim.

– E o que vai fazer?

– O que deve ser feito – respondeu Maigret sem entusiasmo.

Deu um suspiro, esvaziou o cachimbo no piso acinzentado, olhou as cinzas no chão e, com um ar embaraçado, acrescentou como a contragosto:

– Não vai ser agradável.

De uma janela do primeiro andar, em frente, Jean-Paul os observava através do pátio.



# CAPÍTULO VIII

---

# A FERRADURA DE LÉONIE

ANTES DE DEIXAR A CLASSE, Maigret viu uma outra silhueta numa janela, esta aberta, mais longe, passando os jardins. A pessoa que estava sentada na beirada estava de costas, mas, pela forma da cabeça e pela gordura, ele reconheceu Marcel Sellier.

– Aquela é a casa do açougueiro, não?

O delegado seguiu a direção do seu olhar.

– Sim... Joseph, o filho, e Marcel são muito amigos.

Lá adiante, o garoto virou-se, baixou a cabeça para olhar uma mulher que pendurava roupas para secar num jardim. Maquinalmente, seu olhar descreveu um semicírculo no instante em que Maigret e o delegado saíam da classe e estavam voltados na sua direção.

Apesar da distância, foi possível ver, pelo movimento, que ele falava com alguém na peça, depois deixou o apoio da janela e desapareceu.

Voltando-se para o comissário, Daniélou murmurou, preocupado:

– Boa sorte!

– Vai voltar a La Rochelle?

– Prefere que eu o espere?

– Isso talvez me permitiria pegar o trem noturno.

Ele tinha apenas 150 metros a percorrer, o que fez com passos longos e cadenciados. O açougue era uma casa baixa, acanhada. Não parecia um estabelecimento comercial. A peça da esquerda do térreo fora transformada para essa finalidade, pondo-se ali um estranho balcão com uma balança, uma geladeira de modelo antigo e uma mesa de cortar carne.

A porta de entrada dava para um corredor ao fundo do qual, à esquerda da escada, avistava-se o pátio.

Antes de bater, Maigret passou diante da janela da direita, a da cozinha, que estava aberta e onde três mulheres, entre as quais uma velha de touca branca, estavam sentadas em volta da mesa e comiam uma torta. Uma delas devia ser a mulher de Marcellin, as outras duas, sua mãe e sua irmã, que moravam no vilarejo vizinho e tinham vindo para o enterro.

Elas o viram passar. As janelas eram tão pequenas que por um instante ele obstruiu a da cozinha com a largura de seus ombros. Elas ouviram que ele hesitava diante da porta, procurando uma campainha; não encontrou e avançou dois passos, fazendo ruído.

A mulher do açougueiro levantou-se, entreabriu a porta da cozinha e falou:

– O que deseja?

Depois, reconhecendo-o provavelmente por tê-lo visto no vilarejo:

– O senhor é o policial de Paris, não é?

Se ela tinha ido ao enterro, já havia trocado de roupa. Não devia ser velha, mas tinha ombros curvados, faces magras, olhos febris. Evitando olhá-lo de frente, acrescentou:

– Meu marido não está. Não sei quando voltará. É com ele que quer falar?

Ela não o convidou a entrar na cozinha, onde as outras duas se calaram.

– Desejo ter uma conversinha rápida com seu filho.

Ela tinha medo, mas isso não significava nada, pois era uma mulher que sempre tinha medo, que vivia à espera de uma catástrofe.

– Ele está de cama.

– Eu sei.

– Há mais de um mês está lá em cima.

– Permite que eu suba?

O que ela podia fazer? Deixou que ele passasse sem ousar protestar, com os dedos crispados numa ponta do avental. Ele havia subido quatro ou cinco degraus quando viu Marcel, que descia a mesma escada, e foi Maigret que se afastou para lhe dar passagem.

– Perdão... – balbuciou o garoto, ele também evitando olhá-lo de frente.

Ele tinha pressa de chegar à rua, por certo esperava que Maigret o detivesse na passagem ou que o chamasse, mas o comissário não o fez e continuou a subir.

– A porta à direita – disse a mãe, quando ele chegou em cima.

Bateu e uma voz de criança falou:

– Entre.

A mãe continuava lá embaixo, imóvel, com a cabeça levantada para ele, que entrou no quarto e fechou a porta.

– Não se incomode.

Sentado na cama, com vários travesseiros atrás das costas e uma perna engessada até a metade da coxa, Joseph fizera menção de levantar-se.

– Cruzei com seu amigo na escada.

– Eu sei.

– Por que ele não me esperou?

A peça era de teto baixo e Maigret quase tocava a viga central com a cabeça. Não era grande. A cama ocupava a maior parte. Estava em desordem, coberta de revistas em quadrinhos e pontas de madeira talhadas a canivete.

– Está entediado?

Havia uma cadeira, mas ela estava atulhada de objetos diversos, uma jaqueta, um estilingue, dois ou três livros e outros pedaços de madeira.

– Pode tirar tudo o que está em cima – disse o garoto.

Jean-Paul Gastin assemelhava-se ao pai e à mãe. Marcel assemelhava-se ao ferrageiro. Quanto a Joseph, ele não tinha as feições nem do açougueiro nem da sua mulher. Dos três meninos, era sem dúvida o mais belo, o que mais dava a impressão de um garoto sadio, equilibrado.

Maigret sentou-se na beirada da janela, com as costas voltadas para a paisagem de pátios e jardins, no lugar que Marcel ocupara pouco antes, e não se apressou em falar. Não para deixar desorientado o interlocutor, como costumava fazer no Quai des Orfèvres, mas porque não sabia por onde começar.

Joseph foi o primeiro a abrir a boca para perguntar:

– Onde está meu pai?

– No albergue do Louis.

O menino hesitou, voltou a perguntar:

– Como ele está?

Para que lhe ocultar o que ele devia saber muito bem?

– Théo o pôs na cama.

Em vez de inquietá-lo, isso pareceu tranquilizá-lo.

– Minha mãe está lá embaixo com minha vó?

– Sim.

O sol que descia num céu sempre claro aquecia docemente as costas de Maigret e, dos jardins, subiam cantos de pássaros; em algum lugar, uma criança tocava uma corneta de brinquedo.

– Não quer que eu retire o gesso?

Foi como se Joseph esperasse por isso, compreendesse por meias palavras. Não estava inquieto, como a mãe. Não parecia ter medo. Ele observava a figura robusta do visitante, seu rosto aparentemente impassível, e refletia sobre o que fazer.

– O senhor já sabe?

– Sim.

– O doutor lhe contou?

– Eu já havia adivinhado antes. O que faziam, Marcel e você, quando a motocicleta o derrubou?

Joseph estava realmente aliviado.

– Não encontrou a ferradura? – ele disse.

Essas palavras evocaram uma imagem no espírito de Maigret. Ele vira uma ferradura em algum lugar. Foi quando visitou a casa de Léonie Birard. A ferradura, enferrujada, estava jogada no chão, num canto à direita da janela, não longe dos traços de giz que marcavam a localização do corpo.

Esse fato não lhe escapara. Por pouco, mesmo, não fizera uma pergunta. Depois, vira um prego e imaginara que a ferradura talvez estivesse presa nesse prego. Muitas pessoas do campo conservam, como amuleto de sorte, uma ferradura que recolhem da estrada.

Daniélou e os guardas que examinaram o local antes dele devem ter feito a mesma reflexão.

– De fato, há uma ferradura na casa de Léonie Birard – ele respondeu.

– Fui eu que encontrei, no dia do acidente. Estava no caminho do mar com Marcel quando tropecei nela. Estava escurecendo. Juntei do chão. Passamos diante da casa da velha, e eu tinha a ferradura na mão. A janela do lado da estrada estava aberta. Sem fazer barulho, nos aproximamos.

– Léonie estava na peça da frente?

– Na cozinha. A porta estava entreaberta.

Ele não pôde impedir que um sorriso surgisse em seus lábios.

– Primeiro pensei em atirar a ferradura dentro da casa para assustá-la.

– Assim como atirava gatos mortos e outras imundícies, não?

– Não fui só eu que fiz isso.

– Mudou de ideia?

– Achei que seria mais divertido colocar na cama dela. Entrei pela janela sem ruído, dei uns dois ou três passos; por azar esbarrei em alguma coisa, não sei o que foi. Ela ouviu. Soltei a ferradura e pulei pela janela.

– Onde estava Marcel?

– Ele me esperava um pouco mais adiante. Larguei a correr. Ouvi a velha gritando ameaças na janela, e foi então que a moto me atropelou.

– Por que não contou isso?

– Primeiro me levaram até o doutor, eu estava muito mal. Deram-me um remédio que me fez dormir. Quando despertei, meu pai estava ali e logo me falou do seguro. Compreendi que, se confessasse a verdade, diriam que a culpa era minha e que o seguro não pagaria. O meu pai precisa de dinheiro.

– Marcel veio te ver?

– Veio. Fiz ele prometer também não dizer nada.

– Desde então ele vem te ver todos os dias?

– Quase todos os dias. Ele é meu amigo.

– Jean-Paul é seu amigo?

– Ele não é amigo de ninguém.

– Por quê?

– Não sei. Na certa é porque não tem vontade. Ele se parece com a mãe. A mãe dele não fala com as mulheres do vilarejo.

– Não está entediado, sozinho nesse quarto há um mês?

– Estou.

– O que faz o dia inteiro?

– Nada. Leio, corto pedaços de madeira para fazer barquinhos e personagens.

Havia um monte deles ao redor, alguns muito benfeitos.

– Nunca vai até a janela?

– Não devo.

– Por receio de que saibam que pode andar?

Ele respondeu com franqueza:

– É.

Depois perguntou:

– O senhor vai contar para a seguradora?

– Isso não me diz respeito.

Houve um silêncio, durante o qual Maigret se virou para olhar os fundos das casas e o pátio da escola.

– Suponho que seja principalmente durante os recreios que você olha pela janela, não?

– Várias vezes.

Bem em frente, do outro lado dos pequenos jardins, ele podia ver as janelas da casa de Léonie Birard.

– Alguma vez Léonie chegou a te ver?

– Sim.

O menino mostrava-se agora preocupado, ainda hesitava um pouco, mas já sabia que precisava falar.

– Já antes, quando me via, ela me fazia caretas.

– Ela te mostrava a língua?

– Sim. E depois do acidente passou a me ameaçar mostrando a ferradura.

– Por quê?

– Certamente para me fazer compreender que podia ir contar tudo.

– No entanto, ela não fez isso.

– Não.

Era um pouco como se a ex-funcionária do correio tivesse a idade dos garotos com quem brigava e que pegavam no seu pé. Ela gritava, ameaçava, mostrava-lhes a língua. De longe, ela provava a Joseph que podia lhe causar aborrecimentos.

– Ficou com medo?

– Fiquei. Meus pais têm problemas de dinheiro.

– Eles estão sabendo da história da ferradura?

– O meu pai, sim.

– Contou a ele?

– Ele adivinhou que eu havia feito alguma coisa que não lhe disse e fui forçado a confessar a verdade.

– E ele ficou zangado?

– Mandou que eu ficasse de bico calado.

– Quantas vezes Léonie Birard mostrou a ferradura pela janela?

– Acho que umas vinte vezes. Ela fazia isso sempre que me via.

Como acontecera de manhã com Jean-Paul, Maigret acendeu lentamente seu cachimbo, de modo a parecer o menos intimidador possível. Ele parecia escutar com um ouvido distraído uma história sem importância e, ao vê-lo relaxado, com o olhar quase ingênuo, o garoto poderia imaginar que batia papo com um dos colegas.

– O que Marcel veio te dizer há pouco?

– Que, se o interrogassem de novo, seria obrigado a dizer a verdade.

– Por que razão? Ele está com medo?

– Ele foi se confessar. Acho também que o enterro o impressionou.

– Ele dirá que viu você na janela antes de se dirigir à janela do outro lado?

– Como o senhor sabe? Olhe, aqui em casa dá tudo errado. Outros fazem coisas piores e não acontece nada. Na nossa casa é o contrário.

– O que estava fazendo na janela?

– Olhando.

– A velha te mostrou a ferradura?

– Sim.

– Conte-me exatamente o que aconteceu.

– Não posso fazer outra coisa, não é?

– No ponto em que chegamos, não.

– Peguei minha carabina.

– Onde estava sua carabina?

– Naquele canto ali, perto do armário.

– Estava carregada?

Ele hesitou ligeiramente.

– Estava.

– Os cartuchos eram 22 longos ou curtos?

– Longos.

– Costuma guardar a carabina no quarto?

– Várias vezes.

– Aconteceu, nos últimos tempos, de você atirar contra pardais pela janela?

Ele hesitou de novo, refletiu o mais depressa possível, como alguém que não pode se permitir o menor erro.

– Não. Acho que não.

– Estava querendo assustar a velha?

– Certamente. Não sei bem o que eu queria. Ela zombava de mim. Achei que ela acabaria por contar tudo à seguradora e que meu pai não poderia comprar uma caminhonete nova.

– Foi para isso que ele decidiu reservar o dinheiro?

– É. Ele está convencido de que, se tiver uma boa caminhonete e puder aumentar seu circuito, ganhará dinheiro.

– Nesse momento ele não ganha?

– Tem meses que perde e é minha vó que...

– Ela ajuda vocês?

– Só quando é muito necessário. E sempre faz uma cena.

– Você atirou?

Ele fez que sim com a cabeça, com uma espécie de sorriso de escusa.

– Mirou?

– Mirei a janela.

– Em suma, queria quebrar uma vidraça, não?

Ele fez que sim de novo, apressado.

– Vão me levar para a prisão?

– Garotos da sua idade não vão para a prisão.

Isso pareceu decepcioná-lo.

– Então o que vão fazer?

– O juiz te passará um sermão.

– E depois?

– Fará o mesmo com seu pai. É ele, em última instância, o responsável.

– Por que, se ele não fez nada?

– Onde ele estava, quando você atirou?

– Não sei.

– Estava dando suas voltas?

– Certamente não. Ele nunca sai tão cedo.

– Estava no açougue?

– Talvez.

– E não ouviu? Tua mãe também não?

– Não. Eles não me disseram nada.

– Eles não sabem que foi você que atirou?

– Não contei isso a eles.

– Quem levou a carabina para o depósito?

Desta vez ele corou, olhou para os lados com embaraço, evitou olhar nos olhos de Maigret.

– Suponho – este insistiu – que não poderia descer a escada e atravessar o pátio com esse gesso. E então?

– Pedi a Marcel...

Ele se interrompeu em seguida.

– Não, não é verdade – confessou. – Foi meu pai. O senhor acabaria descobrindo.

– Pediu que ele fizesse descer a carabina?

– Pedi. Mas não expliquei o motivo.

– Quando?

– Quarta-feira de manhã.

– Ele não fez perguntas?

– Só me olhou com um ar suspeito.

– Ele não falou disso à sua mãe?

– Se tivesse falado, ela logo teria vindo aqui e teria me puxado pela orelha.

– Ela costuma puxá-lo pela orelha?

– Sempre adivinha quando tento mentir.

– Foi você que pediu a Marcel para declarar que ele tinha visto o professor sair da cabana de ferramentas?

– Não. Eu nem mesmo sabia que o interrogariam.

– Por que ele fez isso?

– Vai ver porque me viu na janela.

– Com a carabina. Você estava com a carabina na mão?

Joseph parecia sentir calor. Ele fazia o melhor possível, procurando sempre não se contradizer e não

dar a impressão de hesitar.

Por mais que Maigret lhe falasse com uma voz neutra, sem insistir, como se pronunciasse apenas frases sem importância, o garoto era bastante inteligente para perceber que avançava sempre um pouco mais em direção da verdade.

- Não lembro exatamente. Talvez eu ainda não tivesse pego a carabina.
- Mas quando, da outra janela, ele viu a velha cair, suspeitou que você havia atirado, não?
- Ele não me disse isso.
- Vocês dois não falaram desse assunto?
- Só hoje.
- Ele simplesmente anunciou que, se o interrogassem, seria forçado a confessar a verdade?
- Sim.
- Ele estava triste?
- Estava.
- E você?
- Preferia que isso tivesse acabado.
- Preferia ir para a prisão?
- Talvez.
- Por que motivo?
- Por nada. Para ver como é.

Não acrescentou que a prisão era certamente mais divertida que a casa dos pais.

Maigret levantou-se, suspirando.

- Deixaria que o professor fosse condenado?
- Acho que não.
- Tem certeza?

A resposta era não. Joseph não tinha certeza. A ideia de que havia causado um problema a Gastin não lhe ocorrera. Acaso ocorrera aos outros habitantes do vilarejo?

- Está indo embora? – ele se surpreendeu, ao ver o comissário dirigir-se para a porta.

Maigret parou junto à entrada.

- Que mais eu faria?
- Vai contar tudo ao delegado?
- Com exceção, talvez, do que se refere ao acidente.
- Obrigado.

Joseph não estava muito contente de que o deixassem.

- Não tem mais nada a acrescentar?

Ele fez que não com a cabeça.

- Tem certeza de que me contou a verdade?

Ele negou de novo e então, em vez de abrir a porta, Maigret sentou-se na beira da cama.

- Agora, me diga *exatamente* o que viu no pátio.
- Em que pátio?

O sangue subiu ao rosto do menino e suas orelhas ficaram vermelhas.

Antes de responder, Maigret entreabriu a porta sem precisar levantar-se e disse à mulher de Marcellin, de pé no alto da escada:

- Poderia ter a bondade de descer?

Esperou que ela estivesse embaixo e fechou a porta.

- Neste pátio aqui.



– O nosso pátio?

– Sim.

– O que eu teria visto?

– Não sou eu que sei. É você.

O garoto havia recuado na cama até a parede e fixava Maigret com um olhar assustado.

– O que está querendo dizer?

– Você estava na janela e a velha lhe mostrou a ferradura.

– Já lhe contei isso.

– Só que a carabina não estava no quarto.

– Como sabe?

– Teu pai estava embaixo, no pátio, com a porta do depósito aberta. O que ele fazia?

– Cortava em pedaços um cordeiro.

– De onde estava, ele podia te ver na janela, assim como podia ver Léonie Birard.

– Ninguém pode ter lhe dito tudo isso – murmurou o garoto, mais maravilhado do que aterrorizado. –

O senhor simplesmente adivinhou?

– Ele não estava em melhor situação que você com a velha. Ela o xingava toda vez que ele passava na estrada.

– Ela o chamava de incapaz e de mendigo.

– Também mostrava a língua para ele?

– Era a mania dela.

– Seu pai entrou no depósito?

– Entrou.

– Quando tornou a sair, estava com a carabina na mão?

– O que vão fazer com ele?

– Depende. Está disposto a não mentir mais para mim?

– Eu lhe direi a verdade.

– Seu pai ainda podia ver você naquele momento?

– Acho que não. Eu havia recuado.

– Para que ele não soubesse que você olhava?

– Talvez. Não lembro. Tudo se passou muito rápido.

– O que se passou muito rápido?

– Ele deu uma espiada ao redor e atirou. Ouvi que resmungava: “Toma essa, velha desgraçada!”

– Ele mirou com cuidado?

– Não. Apoiou no ombro e atirou.

– É um bom atirador?

– Não é capaz de acertar num pardal a dez passos.

– Ele viu que Léonie Birard caiu?

– Viu. Ficou um momento imóvel, meio estupefato. Então foi depressa até o depósito guardar a carabina.

– E depois?

– Olhou para a minha janela, entrou em casa. Em seguida ouvi que saía.

– Para onde?

– Foi beber no Louis.

– Como sabe?

– Porque, quando voltou, estava bêbado.

- Théo estava no jardim dele?
- Tinha acabado de sair da adega.
- Ele viu seu pai atirar?
- De onde estava, não poderia ver.
- Mas ele viu você na janela?
- Acho que sim.
- Ele ouviu o tiro?
- Deve ter ouvido.
- Desde então seu pai não lhe falou nada?
- Não.
- E você também não?
- Não tive coragem.
- Marcel pensou que foi você que atirou?
- Com certeza.
- Por isso ele mentiu?
- Sou amigo dele.

Maigret deu-lhe um tapinha na cabeça, num gesto automático.

– É tudo, meu bom garoto! – disse, levantando-se.

Por pouco não acrescentou: “Há alguns que aprendem a viver mais cedo que os outros”.

Mas para quê? Joseph não fazia do acontecimento uma tragédia. Estava tão habituado com pequenos dramas cotidianos que esse, para ele, não era mais impressionante que os outros.

- Ele vai ser preso?
- Não por muito tempo. A menos que provem que mirou Léonie Birard e tentou atingi-la.
- Ele só quis assustá-la.
- Eu sei. E todo o vilarejo testemunhará em favor dele.

O garoto refletiu, concordou.

- Acho que sim. As pessoas gostam dele, apesar de tudo. Ele não tem culpa.
- Não tem culpa de quê?
- De tudo.

Maigret estava no meio da escada quando ouviu a voz de Joseph:

- Não vai me tirar o gesso?
- É melhor que eu chame o doutor.
- O senhor o chamará em seguida?
- Se ele estiver em casa.
- Não esqueça.

No momento em que chegava no andar de baixo, Maigret o ouviu murmurar:

- Obrigado.

Ele não passou pela cozinha. O sol começava a desaparecer atrás das casas e um vapor subia do chão. As três mulheres continuavam no mesmo lugar, imóveis, e o olharam em silêncio passar diante da janela.

No adro da igreja, o padre conversava com uma mulher de certa idade, e o comissário teve a impressão de que ele quis atravessar a rua para vir lhe falar. Ele também devia saber, pela confissão, da mentira de Marcel. Mas era o único a ter o direito de não dizer nada.

Maigret o cumprimentou, e o padre pareceu um pouco surpreso, depois o comissário entrou na prefeitura, onde encontrou Daniélou, que o esperava fumando um charuto e lhe dirigiu um olhar

interrogativo.

– Pode soltar o professor – disse Maigret.

– Foi Joseph?

Maigret negou com a cabeça.

– Quem?

– O pai dele, Marcellin.

– Suponho então que só me resta prendê-lo.

– Primeiro vou dizer a ele duas palavras.

– Ele não confessou?

– Não tem condições de confessar o que quer que seja. Se quiser vir comigo...

Os dois se dirigiram até o albergue, mas, no caminho, Maigret lembrou a promessa que fizera e foi bater à porta dos Bresselles.

A irmã veio abrir.

– O doutor está?

– Acaba de sair para atender um parto.

– Quando ele voltar, pode lhe pedir para ir tirar o gesso de Joseph?

Ela também deve ter pensado que Joseph era o culpado. O delegado esperava diante da porta do albergue. Não havia mais pessoas na rua. Uns dez bebedores ainda continuavam ali, um deles dormindo com a cabeça em cima de uma mesa.

– Onde puseram o Marcellin? – perguntou Maigret a Thérèse.

Ele falou bastante alto para que Théo o ouvisse. E foi a vez de o comissário olhar para o assessor com olhos cheios de malícia. Théo, aliás, mostrou-se bom perdedor. Em vez de ficar carrancudo, limitou-se a alçar os ombros como quem diz: “Tanto faz! A culpa não é minha...”.

– No quarto à esquerda da escada, sr. Maigret.

Ele subiu sozinho, abriu a porta. O açougueiro, despertado pelo ruído, ergueu-se da cama e o fitou com olhos arregalados.

– O que você quer, você? – pronunciou com uma voz pastosa. – Que horas são?

– Cinco horas.

Ele pôs os dois pés no chão, esfregou os olhos, o rosto, procurou alguma coisa para beber ao redor. O bafo de álcool era tão forte que incomodava o comissário e havia manchas de vômito no chão.

– O delegado espera por você lá embaixo, Marcellin.

– Eu? Por quê? Que foi que eu fiz?

– Ele mesmo lhe dirá.

– Você foi à minha casa?

Maigret não respondeu.

– Forçou o garoto a falar? – prosseguiu o açougueiro com uma voz abafada.

– Levante-se, Marcellin.

– Quando eu quiser.

Tinha os cabelos desgrenhados, o olhar fixo.

– Você é esperto, hein? Deve estar muito orgulhoso! Torturar crianças! É o que veio fazer aqui!... E é por esse trabalho que o governo lhe paga!

– Desça.

– Proíbo-o de me tocar!

De pé, vacilante, ele resmungava:

– Tudo porque o outro é professor, porque é um homem instruído que também ganha o dinheiro dos

contribuintes...

Para expressar melhor seu desprezo, cuspiu no chão; depois dirigiu-se à porta e por pouco não caiu na escada.

– Um Pernod, Louis! – pediu, apoiando-se no balcão.

Ele tinha necessidade de sair de cena com brilho e contemplava os outros ao redor se esforçando por ser zombeteiro.

Louis, com um olhar, perguntou a Maigret se devia servir a bebida solicitada, e o comissário fez um sinal de que pouco se importava.

Marcellin bebeu o Pernod num único trago, enxugou os lábios e lançou, virando-se para Théo:

– Pelo menos acertei a desgraçada!

– Não banque o malvado – murmurou o assessor, olhando as cartas que tinha na mão.

– Então não acertei a velha?

– Você não fez de propósito. É incapaz de acertar um boi a trinta metros.

– Acertei a velha, sim ou não?

– Acertou, tudo bem! Agora cale a boca.

O delegado interveio, dizendo:

– Peço que me acompanhe sem me obrigar a algemá-lo.

– E se eu tiver vontade de que me algemem?

Ele fanfarronava até o fim.

– Como quiser.

As algemas cintilaram e se fecharam com um ruído nos pulsos do açougueiro.

– Estão vendo isso, vocês aí?

Esbarrou no marco ao atravessar a porta, e alguns instantes mais tarde se ouviu bater a porta de um carro.

Houve um silêncio. O ar estava saturado de vinho, de álcool, e uma fumaça espessa cercava a lâmpada que acabava de ser acesa, embora ainda houvesse claridade na rua. Dentro de meia hora estaria tudo escuro e no vilarejo só se veriam algumas luzes acesas, duas ou três vitrines mal iluminadas, uma sombra, talvez, se esgueirando ao longo das casas.

– Feche a minha conta – disse Maigret, que foi o primeiro a falar.

– Está de partida?

– Pegarei o trem noturno.

Os outros continuavam calados, como à espera.

– Como devo fazer para chamar um táxi?

– Basta pedir ao Marchandon. Ele o conduzirá com sua caminhonete. É sempre ele que leva as pessoas à estação.

A voz de Théo pronunciou:

– E esse jogo continua ou não continua? Falei trunfo de espadas. E anuncio uma trinca.

– De quê?

– Damas.

– É boa.

– Descarto o valete.

Maigret parecia um pouco triste, ou fatigado, como quase sempre que terminava um caso. Ele fora até ali para comer ostras regadas com vinho branco da região.

– O que lhe ofereço, comissário?

Ele hesitou. O cheiro de vinhaça o nauseava. Mesmo assim falou, por causa do que havia pensado em

Paris:

– Meia jarra de vinho branco.

A loja de ferragens estava iluminada. Através da loja, onde estavam pendurados baldes e panelas, avistava-se, na cozinha, Marcel Sellier sentado diante de um livro, com a cabeça entre as mãos.

– À sua saúde!

– Saúde!

– Deve ter feito uma ideia estranha do lugar, não?

Maigret não respondeu. Um pouco mais tarde, Thérèse desceu sua valise, que havia arrumado para ele.

– Espero que sua mulher encontre tudo em ordem.

Na verdade era bom, de repente, pensar na sra. Maigret, no apartamento do Boulevard Richard-Lenoir, nos grandes bulevares iluminados, aonde ele a levaria, já na primeira noite, ao cinema habitual.

Quando, na parte da frente da caminhonete, passou diante da prefeitura, havia luz na casa dos Gastin. Dentro de uma ou duas horas, o professor estaria de volta e os três, tão parecidos entre si, estariam de novo juntos, como que encolhidos numa ilhota perdida.

Um pouco adiante, não notou que o que se balançava na obscuridade, à sua direita, eram mastros de barcos e, na estação, comprou alguns jornais de Paris.

\*\*\*

*Shadow Rock Farm, Lakeville (Connecticut),  
8 de dezembro de 1953*

# SOBRE O AUTOR

GEORGES JOSEPH CHRISTIAN SIMENON nasceu na cidade belga de Liège, em 12 de fevereiro de 1903, filho de Desiré Simenon, contador de uma companhia de seguros, e Henriette. A família era católica, e o comparecimento a rituais da Igreja foi uma constante na infância do autor. Christian, filho mais novo do casal, era o preferido de Henriette, enquanto Georges venerava o pai, um homem paciente que não desperdiçava palavras. Era adolescente quando Liège foi ocupada pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda na juventude do autor, seu pai adoeceu gravemente do coração. Georges abandonou a escola e começou a trabalhar. Passou por vários empregos, até que, em janeiro de 1919, foi admitido como office boy no *Gazette de Liège*, sendo posteriormente promovido a repórter. Escreveu sob vários pseudônimos, até chegar ao nome de Georges Sim, que usaria por doze anos. Na atividade jornalística, adquiriu habilidades que muito lhe valeriam na carreira de romancista: escrever rápido e respeitar prazos. Paralelamente ao trabalho, nesse período Simenon aplicou-se no estudo de medicina forense. Também nessa época começou suas primeiras experimentações literárias e conheceu Régine Renchon, a quem apelidou de Tigy, sua futura mulher.

Seu pai morreu em 1921, e, após cumprir o serviço militar, Georges mudou-se para Paris, em 1922, onde se sustentou graças ao salário de secretário particular. Nos anos seguintes, ele se estabeleceria como autor de literatura *pulp*, além de frequentar artistas da cena francesa, como o cineasta Jean Renoir, de quem se tornou amigo, e a cantora americana Josephine Baker, de quem foi amante. Já nessa época estava em gestação aquele que se tornaria um dos mais famosos personagens da literatura ocidental, o inspetor Jules Maigret.

Entre 1929 e 1930, Simenon escreveu sob pseudônimo vários textos que prenunciavam o surgimento da série em que o comissário da Polícia Judiciária francesa desvenda uma série de crimes. Os anos de 1930 e 1931 foram dedicados à redação dos romances que comporiam a série Maigret e que seriam publicados já com o nome do autor pela editora francesa Fayard a partir de 1931. *Pietr-le-Letton (O assassino sem rosto)* foi o primeiro desses romances a ser escrito, mas *Monsieur Gallet, décédé* foi o primeiro a ser publicado, obtendo sucesso imediato, como os demais livros que se seguiriam. Todo o universo e a ética de Maigret já estavam estabelecidos nos primeiros livros da série. As histórias protagonizadas pelo inspetor Maigret – parisiense, fumante de cachimbo, usando sempre um sobretudo de gola de veludo e chapéu – compõem uma categoria *sui generis* da literatura policial: o êxito junto ao público deve-se menos ao enredo e à descoberta do mistério do que ao misto de ceticismo e esperança com o qual o taciturno Maigret vê a sociedade – visão psicológica que é a principal arma desse humanista no combate contra o crime. Com o passar dos anos, a composição dos personagens secundários se tornaria mais complexa e o tom dos romances, mais filosófico.

Em 1933, já havia escrito seis romances em um estilo diferente do que praticara até então, que ele chamou de *roman dur* : romances que não necessariamente giram em torno de um crime e que se apoiam, sobretudo, na riqueza psicológica dos personagens. A essa altura a família já estava vivendo na propriedade em La Rochelle, na costa oeste da França.

Em 1945, Simenon – já com problemas de coração –, Tigy e o filho do casal, Marc, deixaram a Europa em direção à América. Lá, ele conheceu Denyse Ouimet, que se tornaria sua segunda mulher. Em 1953, nasceu Marie-Jo, a única filha do autor, que acabaria se suicidando em 1978. Em 1955, a família retornou à Europa, estabelecendo-se na Suíça.

A década que se seguiu foi turbulenta: Denyse sofreu de problemas psiquiátricos que a levaram à internação, em 1962, e, em 1964, abandonou a recém-construída residência familiar, na cidade suíça de Épalinges. Em 1970, morreu a mãe de Simenon, com quem ele sempre tivera relações problemáticas, e nesse mesmo ano ele escreveu seu último *roman dur*, *Les Innocents*, além de *Maigret e o sumiço do sr. Charles*, o último romance protagonizado por Jules Maigret. A partir de 1973, Simenon ditou e escreveu apenas livros de memórias que, como seus textos autobiográficos, são vistos com reservas por muitos estudiosos de sua obra, no que diz respeito à veracidade dos fatos. Nos últimos anos, o escritor viveu recluso, fazendo aparições públicas apenas ocasionalmente, das quais a mais famosa foi a entrevista dada ao cineasta e amigo Federico Fellini, na qual afirmou ter mantido relações com dez mil mulheres. Morreu aos 86 anos, no dia 4 de setembro de 1989, em Lausanne.

Simenon, o mais emblemático caso de proficuidade literária do século XX, é autor de mais de duzentos romances (75 dos quais protagonizados pelo inspetor Maigret), 155 contos (trinta com Maigret) e 25 textos autobiográficos. Esses números são apenas aproximados, já que vários escritos foram publicados apenas em periódicos, sob até 29 pseudônimos. Dezenas de livros seus foram adaptados para a tevê, cinema e quadrinhos, e a sua venda mundial é estimada em 1,5 bilhão de exemplares, em mais de cinquenta línguas. Atestando a sua permanência literária e a excelência de sua ficção, foi recentemente eleito o segundo melhor autor de livros de mistério pelo jornal *The Times*, somente atrás de Patricia Highsmith.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Maigret à l'école

Tradução: Paulo Neves

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Wildcard/Latinstock

Preparação: Simone Borges

Revisão: Pedro Henrique Fandi

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

S599m

Simenon, Georges, 1903-1989

Maigret na escola / Georges Simenon ; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 925)

Tradução de: Maigret à l'école

ISBN 978.85.254.2401-3

1. Romance francês. I. Neves, Paulo. II. Título. III. Série.

10-6583. CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

---

Maigret à l'école © 1954 Georges Simenon Limited, a Chorion Company. All rights reserved.

Maigret na escola © 2011 Georges Simenon Limited, a Chorion Company. All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: [vendas@lpm.com.br](mailto: vendas@lpm.com.br)

Fale conosco: [info@lpm.com.br](mailto: info@lpm.com.br)

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)



# Sumário

[Capítulo I - O professor no Purgatório](#)

[Capítulo II - A empregada do Bon Coin](#)

[Capítulo III - A amante de Chevassou](#)

[Capítulo IV - As cartas da funcionária do correio](#)

[Capítulo V - As mentiras de Marcel](#)

[Capítulo VI - O enterro da funcionária do correio](#)

[Capítulo VII - As indulgências do doutor](#)

[Capítulo VIII - A ferradura de Léonie](#)

[Sobre o Autor](#)